

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE CONSTRUÇÃO CIVIL
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

VIVIANE EMELYN DEL RÉ

REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA MENONITAS.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2018

VIVIANE EMELYN DEL RÉ

REQUALIFICAÇÃO DA PRAÇA MENONITAS.

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso 1, do curso superior de Arquitetura e Urbanismo do Departamento Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo – DEAAU, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof.Msc. Hermínio Pagnocelli

CURITIBA

2018



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
Campus Curitiba - Sede Ecoville
Departamento Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo
Curso de Arquitetura e Urbanismo

TERMO DE APROVAÇÃO

Requalificação da Praça Menonitas

Por

VIVIANE EMELYN DEL RE

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado em 21 de novembro de 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof. Pedro Sunye
FACULDADES CAMPO REAL

Prof. Marcia Prestes
UTFPR

Prof. Debora Rocha
UTFPR

Prof. Herminio Pagnocelli (orientador)
UTFPR

Dedico este estudo à minha família, meus pais e meu irmão, pois sem eles esse projeto sequer existiria.

AGRADECIMENTOS

Certamente as palavras escritas nesses parágrafos não farão jus e nem serão objetivas o suficiente quando há tanto a agradecer. Não cheguei até aqui sozinha, muitas pessoas deram sua contribuição e mesmo que eu não cite a todas, sei que fizeram parte da minha caminhada, e mais importante, elas também sabem.

Agradeço primeiramente a meus pais, Veroni e Leonir, por fazerem o possível para me dar a educação e as oportunidades que tenho hoje. Por acreditarem no meu potencial e estarem sempre presentes como meu cerne estruturante nessa longa caminhada, dispostos a todo momento em ajudar perante as dificuldades e percalços.

À minha avó, Elizete, que buscou em todo momento me ajudar, orientar e entender minha ausência. Ao meu irmão, que sempre esteve disposto a ajudar, a ouvir e a consolar-me.

Aos meus amigos o meu obrigado vem acompanhado de um pedido de desculpas por muitas vezes me manter ausente, sempre muito atribulado com todos os trabalhos, provas e projetos da faculdade. A presença e o apoio de vocês, mesmo que muitas vezes remotamente, me motivou a seguir sempre adiante durante todo o curso. Quero agradecer aqui principalmente aos meus meninos, Adriano Martinello, Bruno Henning e Daniel Ussler.

Gostaria de agradecer à Universidade Tecnológica Federal do Paraná, que me proporcionou um ensino de qualidade ímpar, além de uma verdadeira preparação para a vida. No Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo tive a oportunidade de aprender com grandes mestres, desfrutando de uma infraestrutura de qualidade.

Gostaria de registrar a minha gratidão à meu orientador nesse trabalho, Prof. Paulo Almeida que acreditou no meu ideal, dando suporte e me aconselhando a desenvolver uma pesquisa mais completa e coerente para os moradores do Boqueirão.

De coração, meu sincero muito obrigada!

RESUMO

DEL RÉ, Viviane Emelyn. Requalificação da Praça Menonitas. 2018. 119 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

O trabalho consiste em uma compreensão dos preceitos de revitalização do espaço público e sua percepção e a influência sob os usuários, apresentando como objeto de estudo a Praça Menonitas, localizada em Curitiba – PR. Os espaços públicos, sobretudo as praças, tornaram-se gradativamente espaços degradados e abandonados pelo poder público, mas que ainda permanecem como áreas livres para uso coletivo. Essa Praça, que tem seu entorno predominantemente residencial, possui um público usuário ativo, porém o descaso pela gestão pública gerou distintos processos de apropriação pelos seus moradores. Nesse sentido, a pesquisa propõe, baseado na necessidade de revitalizar esse espaço urbano, um rearranjo morfológico na praça, a partir do olhar de seus usuários e dos moradores do bairro Boqueirão. Dessa forma, foram estudados conceitos de espaço e revitalização urbana, aspectos da morfologia urbana, relações entre a praça e a cidade, projetos de praças em geral e alguns estudos de referência. Verificou-se então que as revitalizações são devidamente oficializadas para adoção de praças pelos usuários, e têm o objetivo de contribuir para o desenvolvimento sustentável e a construção do bem-estar social. O trabalho está estruturado de maneira a apresentar o referencial teórico, as análises da área e a sistematização de dados colhidos durante as entrevistas e a pesquisa; em seguida, estão os estudos de caso e então a proposta projetual. Foram realizadas análises e observações diretas in loco, identificando as características de uso e ocupação urbana, bem como entrevistas com a população usuária da Praça Menonitas. Os resultados obtidos mostram que, apesar de ser utilizada, há uma demanda de melhora, já que os propósitos originais, seja o costume, seja o social-comercial, seja o cultural-identitário não estão sendo cumpridos. A análise dos resultados, dos estudos de caso relacionados e sobretudo das condições atuais do espaço público possibilita a proposição de diretrizes projetuais de modo a possibilitar o aprimoramento e a relação com seu entorno, bem como propor novos usos, revitalização de equipamentos e mobiliários urbanos, além de intervenções no seu entorno, trazendo benefícios diretos à população do entorno, do bairro, e sobretudo aos usuários.

Palavras-chave: Requalificação urbana, espaço público, praça.

ABSTRACT

DEL RÉ, Viviane Emelyn. Requalification of Menonitas Square. 2018. 119 p. Undergraduate Thesis (Bachelor of Architecture and Urban Planning) – Architecture and Urban Planning, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

The work consists of an understanding of the precepts of public space revitalisation and its perception and influence under the users, presenting as object of study the Menonitas Square, located in Curitiba - PR. Public spaces, especially squares, have gradually become degraded spaces and abandoned by the public power, but still remain as free areas for collective use. This site, with its predominantly residential environment, has an engaging user which has generated different processes of appropriation in spite of the of public management negligence. In this sense, the research proposes, based on the need to revitalise this urban space, a morphological rearrangement of the square, based on its users' point of view to the local neighbourhood. In this way, concepts of space and urban revitalization, aspects of urban morphology, relations between the square and the city, projects of plazas in general and some references were studied. It was then verified that the revitalisation is an indicated instrument for the appropriation of the square by the user, and have the objective of contributing to the sustainable development and the enhancement of social welfare. The work is structured to present the theoretical reference, the analyses of the area and the systematisation of data collected during interviews and research followed by the case studies and the design proposal. Direct analyses and observations were carried out in loco, identifying the characteristics of urban use and occupation, as well as interviews with the Menonitas Square user. The results show that, despite the square being used, there is a demand for its improvement, since the original purposes, whether custom, social-commercial, or cultural-identity are not being fulfilled. The analysis of the results, the related case studies and, above all, the current conditions of the public space make it possible to propose design guidelines in order to improve the relationship of the square with its surroundings, as well as to propose new uses, revitalisation of urban equipment and furniture, and also interventions in its environment, bringing direct benefits to the surrounding population, the neighbourhood, and especially to the users.

Keywords: Urban requalification, public space, public square.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - REPRESENTAÇÃO ESPAÇOS PÚBLICOS E PRIVADOS.....	27
FIGURA 02 - VISTA AÉREA DO TRECHO DE INTERVENÇÃO.....	28
FIGURA 03 - PRAÇA MEDIEVAL - SARLAT.....	43
FIGURA 04 - PRAÇA RENASCENTISTA - PIAZZA DEL POPOLO.....	43
FIGURA 05 - POPULAÇÃO E DENSIDADE DEMOGRÁFICA REGINAL BOQUEIRÃO.....	51
FIGURA 06 - DOMICÍLIOS E DENSIDADE.....	55
FIGURA 07 - PROPORÇÃO DE EDIFICAÇÕES.....	55
FIGURA 08- RELAÇÃO DE AREAS VERDES NO BAIRRO.....	55
FIGURA 09 - LOCALIZAÇÃO DA PRAÇA NO BAIRRO.....	56
FIGURA 10 - PREFEITURA CONSTROI NO BOQUEIRÃO MAIOR PRAÇA DE CURITIBA.....	57
FIGURA 11 - A CIDADE GANHOU SUA MAIOR PRAÇA.....	57
FIGURA 12 - PRAÇA MENONITAS SAI DO ABANDONO.....	58
FIGURA 13 - PRAÇA MENONITAS, 1994.....	59
FIGURA 14 - PRAÇA MENONITAS GANHA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES.....	59
FIGURA 15 - CENTRO DE ESPORTE E LAZER MENONITAS.....	61
FIGURA 16 - ÁREAS VERDES NO SETOR DE INTERVENÇÃO.....	64
FIGURA 17 - IMPLANTAÇÃO COLINAS DE ANHANGUERA.....	78
FIGURA 18 - SETORIZAÇÃO.....	79
FIGURA 19 - DIAGRAMA FLUXOS E ACESSOS.....	79
FIGURA 20 - DIAGRAMA PARTIDO ARQUITETÔNICO.....	80
FIGURA 21 - DIAGRAMA ARBORIZAÇÃO.....	80
FIGURA 22 - DIAGRAMA PERMEABILIDADE.....	80
FIGURA 23 - PERSPECTIVA.....	80
FIGURA 24 - IMPLANTAÇÃO PRAÇA CENTRAL DE GUARATUBA.....	81
FIGURA 25 - DIAGRAMAS DO PROJETO.....	82
FIGURA 26 - MOBILIÁRIO PROPOSTO.....	83
FIGURA 27 - CORTE ESQUEMÁTICO.....	83
FIGURA 28 - PERSPECTIVA.....	83
FIGURA 29 - PLANTA DE LOCALIZAÇÃO E PLANTA GERAL PRAÇA DA Balsa Vieja.....	84
FIGURA 30 - DIAGRAMAS.....	85
FIGURA 31 - CORTE E DETALHE ILHA VEGETAL.....	85

FIGURA 32 - PERSPECTIVA	85
FIGURA 33 - PLANTA DE SITUAÇÃO PRAÇA MENONITAS	88
FIGURA 34 - CONVERGÊNCIA DE VIAS E POSSÍVEL PÚBLICO PARA A PRAÇA	90
FIGURA 35 - PROCESSO CRIATIVO PARA AS ESTRATÉGIAS DE IMPLANTAÇÃO	91
FIGURA 36 - PROGRAMA DE NECESSIDADES E SETORES	92
FIGURA 37 - VISTA AÉREA PRAÇA MENONITAS.....	93
FIGURA 38 - VISTA AÉREA SETOR ESPORTIVO	94
FIGURA 39 - VISTA QUADRA POLIESPORTIVA.....	94
FIGURA 40 - VISTA AÉREA SETOR CONTEMPLAÇÃO	95
FIGURA 41 - VISTA ACESSO PISTA DE SKATE	95

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 - ÁREAS DOS BAIROS.....	51
GRÁFICO 02 - ÁREAS VERDES PÚBLICAS POR HABITANTE	54
GRÁFICO 03 - UTILIZAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS PÚBLICOS.....	75
GRÁFICO 04 - PONTOS POSITIVOS IDENTIFICADOS.	76
GRÁFICO 05 - PONTOS NEGATIVOS IDENTIFICADOS.....	76

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 01- PRAÇA MENONITAS HOJE	60
FOTOGRAFIA 02 -VISUAL DA PRAÇA	61
FOTOGRAFIA 03 - ÁREA ABERTA	61
FOTOGRAFIA 04- EQUIPAMENTOS DE GINÁSTICA	61
FOTOGRAFIA 05 - VISUAL DA PRAÇA.....	62
FOTOGRAFIA 06 - QUADRAS DE AREIA	62
FOTOGRAFIA 07 - VISUAL 1	64
FOTOGRAFIA 08 - VISUAL 2	64
FOTOGRAFIA 09 -VISUAL 3.....	64
FOTOGRAFIA 10 - OBSERVAÇÃO DURANTE A NOITE	69
FOTOGRAFIA 11 - OBSERVAÇÃO DURANTE O DIA.....	70
FOTOGRAFIA 12 - PLAYGROUND INFANTIL.....	71
FOTOGRAFIA 13 - PLAYGROUND INFANTIL	71
FOTOGRAFIA 14 - QUADRA DE AREIA.....	71
FOTOGRAFIA 15 - PERMANÊNCIA NAS ÁREAS DE SOMBRA	71
FOTOGRAFIA 16 - GRUPO NA SOMBRA DAS ÁRVORES	72
FOTOGRAFIA 17 - GRUPO NA ARQUIBANCADA.....	72
FOTOGRAFIA 18 - ESTACIONAMENTO NA VIA E COMÉRCIO AMBULANTE	72
FOTOGRAFIA 19 -ÁREAS ABERTAS SEM VEGETAÇÃO.....	72
FOTOGRAFIA 20 - CAMINHO FORMAL	73
FOTOGRAFIA 21 - CAMINHO INFORMAL	73

LISTA DE MAPAS

MAPA 01 - LOCALIZAÇÃO DE CURITIBA A NÍVEL NACIONAL E ESTADUAL	48
MAPA 02 - AREAS VERDES DE CURITIBA	49
MAPA 03 - PRAÇAS DE CURITIBA.....	50
MAPA 04 - LOCALIZAÇÃO MUNICIPAL E REGIONAL.....	51
MAPA 05 - OCUPAÇÕES IRREGULARES E LINHAS DE ÔNIBUS COM ÁREA DE ABRANGÊNCIA. .	53
MAPA 06 - LOCALIZAÇÃO, ÁREAS VERDES, TOPOGRAFIA E VISUAIS	63
MAPA 07 - CHEIOS E VAZIOS	65
MAPA 08 - USO E OCUPAÇÃO DO SOLO.....	66
MAPA 09 - GABARITOS, ROTAS E PONTOS DE ONIBUS	67
MAPA 10 - FLUXOS E SENTIDO DAS VIAS	68
MAPA 11 – ESTRATÉGIAS DE IMPLANTAÇÃO	92

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 - RELAÇÃO DOS ESTILOS DE PRAÇA.....	46
QUADRO 02 - SINTESE DAS INFORMAÇÕES.....	87

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	PROBLEMA	19
1.2	FORMULAÇÃO DA HIPÓTESE	19
1.3	OBJETIVO GERAL	19
1.4	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	19
1.5	JUSTIFICATIVA	20
1.6	MÉTODOS DE PESQUISA	21
1.6.1	Pesquisa Exploratória	21
1.6.2	Procedimentos Técnicos	21
1.6.3	Estudo de Campo	22
1.6.4	Estudos de Caso	22
1.6.5	Estudo da Área de Interesse	22
2	INSTRUMENTOS TEÓRICOS	23
2.1	ESPAÇO PÚBLICO	23
2.1.1	Definição	23
2.1.2	Morfologia e uso do espaço público	26
2.1.3	Revitalização do espaço público	33
2.2	A PRAÇA E O URBANO	37
2.2.1	Função social da Praças	39
2.2.2	Evolução cronológica	42
3	INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE	47
3.1	CARACTERIZAÇÃO GERAL	48
3.1.1	Município de Curitiba	48
3.1.1.1	Levantamento de praças e áreas verdes	49
3.1.2	Regional Boqueirão	50
3.2	OBJETO DE ESTUDO	54
3.2.1	O Bairro Boqueirão	55
3.2.2	Evolução da Praça Menonitas	55
3.2.3	A Praça Menonitas hoje	60
3.3	ÁREA DE INTERVENÇÃO	62
3.3.1	Condicionantes do terreno	62
3.3.1.1	Acessos, topografia, vegetação e visuais	63
3.3.1.2	Zoneamento e adensamento populacional	64

3.3.2	Análise do entorno.....	65
3.3.2.1	Uso e ocupação do solo e equipamentos urbanos.....	65
3.3.2.2	Gabaritos e transporte público	66
3.3.2.3	Fluxos	67
4	ESTUDO DE CAMPO	68
4.1	OBSERVAÇÃO	68
4.2	ENTREVISTA ESTRUTURADA	74
5	ESTUDOS DE CASO	78
5.1	CONCURSO COLINAS DE ANHANGUERA.....	78
5.2	CONCURSO PRAÇA CENTRAL DE GUARATUBA.....	81
5.3	PRAÇA DA Balsa Vieja.....	84
5.4	SÍNTESE	86
6	DIRETRIZES PROJETUAIS	88
7	PROPOSTA	90
7.1	CONCEITO E PARTIDO ARQUITETÔNICO	90
7.2	ESTRATÉGIAS DE IMPLANTAÇÃO	91
7.3	PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO	93
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	96

1 INTRODUÇÃO

O espaço público é local de patrimônio da coletividade e, portanto, com irrestrito acesso à população. As propriedades de uso comum do povo, neste ponto de vista, abrangem as vias, os lagos, as praças, as praias e os parques reconhecidos pelo poder público como motivo da sua obrigação, para conservar, manter e propiciar os indispensáveis serviços urbanos. Nesta lógica, o espaço público é aquele que ajusta a malha urbana, de permanência e entretenimento da população que “coincide com a localização e distribuição de instalações de equipamentos de apoio aos serviços urbanos” (LIMA E MALEQUE 2007).

A sua explicação mais difundida entre os arquitetos e urbanistas, espaços livres públicos são aqueles que formados pela ausência de construção (MAGNOLI, 2006), concedendo uma extensa dimensão de objetos, dentro dos quais a presença da vegetação, por exemplo, não extingue a essência. Esses espaços possibilitam a ascensão na qualidade de vida, pois asseguram a movimentação, os espaços destinados a recreação, o convívio social, a admiração da paisagem, e a conservação ambiental. Kohlsdorf (1996) julga o espaço livre público uma porção territorial em que se manifestam inúmeras práticas sociais desenvolvidas de forma diferenciadas conforme o espaço e o período contextual.

As praças se condicionam como espaço público devido a sua localização na cidade, sua permeabilidade como acesso, sua impressão para os usuários e a atmosfera de seu interior, que convidam a adentrá-la. Outra característica é a multiplicidade de usos urbanos que ela admite: o comércio, os serviços, o encontro, o lazer, o descanso ou simplesmente o estar que imprime ao indivíduo (ALEX, 2008). Em descrição à morfologia da cidade, as praças diferenciam-se de outros espaços por simbolizarem vazios na malha urbana, os quais possibilitam uma ruptura na paisagem acomodada pelas edificações. Constituem espaços referenciais, atuando como marcos visuais e “como pontos focais na organização da cidade”. Essas qualidades são observadas desde os primeiros registros humanos – cuja formação colocava em destaque um espaço central diferenciado – até as cidades contemporâneas, nas quais o reconhecimento deste espaço aparece nas políticas de revitalização urbana.

No decorrer do procedimento de revitalização, o maior destaque é dado aos espaços verdes de recreação que constituem ambientes encantadores a todos que ali

se instalaram ou que os rodeiam (ZANCHETTI, 2000). A cidade responde à renúncia mútua entre usuários e o espaço público, expondo uma paisagem fragmentada, limitada por espaços privados fortemente protegidos e espaços públicos desfavorecidos de melhorias estruturais. Assim, apresentam-se banalizados ou relegados ao esquecimento, recebendo uma posição totalmente diferente daquela planejada, como estacionamentos, terminais de transporte público, pontos de comércio ambulante, etc.

Para entender a integralidade do espaço esperado, é importante compreender como as partes se identificam e se associam de maneira a consentir o aparecimento de hábitos e costumes que dão imagem característica ao lugar. A partir da caracterização do lugar, pode-se encontrar a sua identidade, identificando cada uma de suas partes até compreender sua estrutura como um todo. A apreciação do lugar requer uma leitura de informações que, analisadas, vão projetar sua fisionomia e sua personalidade.

Compreende-se, portanto, que o espaço livre público é aquele que acomoda variadas rotinas sociais, representada pelos hábitos e costumes de seus usuários e cujo dinamismo está ligado às perspectivas de adequação.

Dentre esses princípios, o estudo foi realizado na Praça Menonitas, para avaliar e verificar como a mesma se integra como espaço livre público fundamental para a vida urbana e o conforto, aconchego e satisfação dos usuários do bairro, e da cidade de Curitiba, transferindo um lócus de entretenimento favorável à convívio social e a admiração da paisagem. Desta maneira, análises que pretendem examinar os espaços livres, argumentando causas como harmonização, ambiental e agradável, servem como importantes contribuições de estudos para revitalização das áreas existentes e para a criação de novas sugestões, relacionada diretamente ao usuário, que possam compensar suas deficiências de recreação, conhecimento e sociabilização com o local por ele frequentado.

A revitalização do espaço da praça recuperaria o entorno como um todo e reassumiria também o convívio entre as pessoas e modo como o usuário apropria-se dela. É através do “uso que a apropriação acontece, ou seja, através da utilização do espaço que as pessoas acabam fazendo com que a praça se torne um lugar importante para o convívio social” (LEITÃO, 2002, p.25). Assim, a relação de pertencimento com o local favorece a valorização da praça, visto que os utilizadores tomam posse do ambiente e exigem melhorias e manutenção.

A proposta desse trabalho está centrada em requalificar a Praça Menonitas, se estruturando inicialmente como uma revisão bibliográfica, com leituras e fichamentos, a fim de compreender o desenho de espaços públicos e como estes influenciam a malha urbana e o processo de revitalização desses espaços. Em paralelo, foi feito um estudo do entorno da Praça Menonitas, a partir da definição de uma Área de Influência Direta com um raio de 400 metros; dentro das quais foram analisados os aspectos morfológicos no tocante ao uso e ocupação do solo, gabaritos das edificações e outras características.

Além disso, foram aplicados 172 questionários com os usuários da praça em estudo, com a intenção de definir parâmetros, como faixa etária, horário de uso, frequência em que visitam a praça e quais as demandas do espaço – em relação ao mobiliário, equipamentos e usos. E a observação direta foi realizada em diferentes dias e horários, para o reconhecimento de como os usuários se comportam e se apropriam desse espaço.

A estruturação geral do trabalho se deu de maneira tal que o primeiro capítulo trata do referencial teórico, dedicado a discussão de espaços livres e públicos, a morfologia urbana e conceitos de revitalização desses espaços. Após, trata de praças e sua relação com o espaço urbano, suas funções sociais no cotidiano das cidades e sua evolução ao longo dos anos.

Depois, está o capítulo 2, com o universo de estudo, que traz a caracterização geral do município de Curitiba, Regional Boqueirão e um breve histórico do bairro Boqueirão, identifica suas características morfológicas e informações gerais; em seguida é analisada a área de estudo, apresentando a evolução da Praça Menonitas e como a mesma é retratada atualmente. E exibido então as condicionantes projetuais da área de estudo, considerando os fluxos, gabaritos, uso e ocupação do solo e etc.

No capítulo 3 é exibido o estudo de campo, onde serão expostos os padrões de comportamento dos usuários e os resultados das entrevistas colhidas em campo. Em seguida, está o capítulo 4 que traz alguns estudos de referência projetuais no contexto de praças urbanas. Ao fim, tem-se o capítulo 5, constituído das diretrizes projetuais a serem adotadas para o projeto de requalificação da Praça Menonitas

1.1 PROBLEMA

Devido à sua pouca disponibilidade de mobiliário e equipamentos urbanos degradados e desgastados, o público alvo, apesar de utilizar o espaço existente, demanda melhorias e intervenções para melhor apropriação desse espaço público. As áreas em volta, que são majoritariamente residenciais, e também a escola em frente à Praça, podem revitalizar e fortalecer o uso deste espaço, dando-lhe caráter próprio e sempre que possível acomodando usos múltiplos.

1.2 FORMULAÇÃO DA HIPÓTESE

Com a requalificação da Praça Menonitas a população do entorno poderá se apropriar do espaço público, possibilitando-a se tornar um ponto central de manifestação da vida cotidiana. Com essa proposta de multifuncionalidade de usos e revitalização dos equipamentos e mobiliários urbanos, a Praça será capaz de ser um lugar de permanência, passagem, convívio, contemplação e lazer, e os usuários poderão se apropriar e dar características e identidade para esse espaço.

1.3 OBJETIVO GERAL

Desenvolver uma proposta projetual de Paisagismo para a valorização do espaço da Praça Menonitas, utilizado pela comunidade propriamente residencial do seu entorno, e reabilitar esse local urbano desgastado e degradado, propondo a implementação de equipamentos e mobiliários urbanos, fazendo dessa área um ponto nodal do bairro, onde o observador pode interagir e fazer da sua circulação um atrativo para a apropriação do ambiente.

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Entender a importância de praças públicas e sua interação com a malha urbana nas metrópoles;
- Inserir espaço de estacionamento para os usuários da Praça;
- Implantar pista de sakete e de bicicletas na praça, com base na dinâmica e necessidade dos usuários;

- Redesenho da pista de caminhada;
- Requalificação do Centro de Esportes e Lazer Menonitas;
- Revitalizar a área infantil, redispando o playground e seus equipamentos;
- Reorganizar as atividades conforme os usos;
- Propor tratamentos de pavimentação, mobiliário, iluminação e sinalização gráfica a fim de criar nova identidade a Praça.

1.5 JUSTIFICATIVA

Torna-se relevante a reforma e revitalização da Praça Menonitas, pois é uma área de lazer utilizadas para o bem-estar da sociedade, contribui para a preservação do meio ambiente, da segurança e revitalização da cidade, visando, sobretudo, incentivar o exercício da cidadania. O entorno predominantemente residencial demanda um espaço seguro de convivência e lazer. Tendo em vista a dificuldade que os municípios possuem em atender a uma demanda muito elevada em relação às necessidades da sociedade, a adoção da praça pela comunidade, é uma forma de revitalizar o espaço e mantê-lo limpo e conservado.

Segundo Miranda Magnoli (1982), espaços públicos podem ser considerados como “todo espaço não ocupado por um volume edificado (espaço-solo, espaço-água, espaço-luz) ao redor das edificações e que as pessoas têm acesso”. Nesses últimos anos, houve um fenômeno mundial de revalorização e intervenção das áreas urbanas, considerando principalmente o desenvolvimento sustentável, ocupação de áreas vazias, requalificação de espaços, otimização da mobilidade urbana destacando as potencialidades paisagísticas, logísticas e imobiliárias (GROSSO, 2008, p. 22).

A concepção de espaço público, do ponto de vista urbanístico, está diretamente ligada a apropriação pela sociedade, surgidos como resposta ao modo organizacional do século XVIII, “cujo espaço fundamental era o espaço privado” como cita Leitão (2002). Sendo a praça um elemento urbano de uso público, é um dos fragmentos que compõe a paisagem da cidade, intimamente ligada às questões sociais, formais e estéticas de um assentamento. Consequentemente, é impossível falar sobre praças sem analisar o contexto urbano no qual estão inseridas (ROBBA E MACEDO, 2003).

Os espaços públicos têm como função estruturar o meio urbano e desempenhar funções diversas, entre elas a de conectividade e continuidade do território. Assim, de maneira análoga, à classificação de Kevin Lynch, quando o autor,

em seu livro “A imagem da Cidade” (1960), definiu cinco aspectos como elementos de apropriação da malha urbana (caminhos, limites, bairros, pontos nodais e marcos), os autores Hartman e Strom também usam a ideia de pontos nodais e caminhos, porém denominando-os como nós e conexões.

Sendo assim, o foco é revitalizar e fortalecer o uso deste espaço, dando-lhe caráter próprio e sempre que possível acomodando usos múltiplos, fazendo a comunidade do entorno se apropriar da praça e a tornando-a um nó, ponto nodal, no qual a circulação traz dinâmica e a torne parte do cenário e do cotidiano da comunidade local. Essa requalificação é demandada, pois a Praça Menonitas já tem um público alvo que frequenta a região mesmo sem uma infraestrutura adequada.

1.6 MÉTODOS DE PESQUISA

O método de pesquisa adotado para esta monografia é qualitativo e quantitativo, devendo cumprir os seguintes objetivos listados.

1.6.1 Pesquisa Exploratória

Consiste na reunião de conceitos importantes para contextualizar e embasar as futuras intervenções por meio de levantamentos bibliográficos e documentais - livros, artigos, teses, entre outras publicações oficiais.

1.6.2 Procedimentos Técnicos

Levantamento de dados in loco a respeito de dados quantitativos relacionados a densidades e áreas verdes públicas da cidade; expectativa popular na hipótese das intervenções; benefícios e beneficiados.

A acurada análise e interpretação dos dados tem como objetivo principal enfatizar a relevância da proposta.

1.6.3 Estudo de Campo

Para a realização do estudo da Praça, foi utilizada a metodologia qualitativa, com estudos exploratórios, entrevistas, observações sistemáticas diretas e

assistemáticas, em dias e períodos diferentes, registros fotográficos e pesquisa documental.

Os levantamentos in loco foram obtidos por meio de entrevistas estruturadas ao público alvo – os usuários da Praça, moradores do entorno, empresários do setor de comércio, bem como ouvir amostras da população em geral.

1.6.3 Estudos de Caso

Foram elencados alguns projetos de referência para a posterior proposta de intervenção. Esses projetos, exemplos nacionais e internacionais, devem ser compatíveis à escala, entorno, programa, fluxos e usos da Praça Menonitas, devendo apresentar uma solução de convívio harmonioso entre o espaço público, pedestres e veículos.

1.6.4 Estudo da Área de Interesse

- a. Levantamento cadastral básico;
- b. Análise de entorno;
- c. Análise de condicionantes projetuais (zoneamento, topografia, entre outras);
- d. Levantamentos fotográficos;
- e. Levantamento iconográfico;
- f. Mapeamento de potenciais visuais;

2 INSTRUMENTOS TEÓRICOS

Este capítulo tem como principal objetivo fornecer subsídios básicos conceituais e históricos para a compreensão da posterior interpretação da realidade e proposição das diretrizes projetuais.

Inicia-se conceituando os diferentes termos correlatos à espaço público, morfologia urbana e revitalização urbana que serão utilizados durante todo o prosseguimento da monografia. Em seguida, contextualiza-se a praça e o urbano, listando suas funções sociais e apresentando um breve histórico das praças.

2.1 ESPAÇO PÚBLICO

Com objetivo principal de fornecer conceituações fundamentais relacionadas ao espaço público, este capítulo pretende apresentar conceitos e visão dos principais autores, também em relação à morfologia urbana e a revitalização desses espaços.

2.1.1 Definição

Leitão 2002 (apud CÂNDIDO, 2008) reconhece os espaços públicos como “espaços abertos, de uso comum, apropriados livremente pelo conjunto das pessoas que vivem numa cidade”, especialmente caracterizado pela acessibilidade de todas as classes sociais. São vazios urbanos, sem edificações públicas e/ou privadas e quando existem em conjunto podem ser entendidos como um “Sistema de Espaços Livres urbanos”, como defende Silvio Macedo (2013).

Os espaços livres públicos podem ser classificados como de equilíbrio ambiental, o qual possui cobertura vegetal, tendo função de proteger estruturas e infraestruturas, por exemplo, cemitérios e unidades de conservação; ou de recreação, com a finalidade do desenvolvimento de atividades recreativas ou lúdicas, como praças, parques e jardins (SÁ CARNEIRO & MESQUITA, 2000). Sendo esses elementos os definidores organizacionais da cidade, suas relações acontecem por meio do fluxo de veículos e de pessoas associadas a várias atividades (CORRÊA, 1993).

Os ambientes com finalidade de recreação: parques, praças ou ruas, determinam a qualidade de vida em uma cidade devido a sua dinâmica em relação à

vida coletiva. Esses espaços, que estão espalhados democraticamente pela cidade, são lugares de lazer, de descanso, de livre circulação e especialmente, da possibilidade de encontro com o outro. Espaços públicos são a representação da vida urbana que se faz presente, sem distinção entre os usuários, onde a vida coletiva permanece inalterada (GATTI, 2013). Essa importância na vida urbana, em especial as praças, se dá, pois, são espaços próximos aos moradores, espaços imediatos as suas residências.

Conforme afirma Sassen (2014), os espaços públicos permitem que a cidade não seja apenas de terrenos de alta densidade e intensamente construído, e assim, se tornam uma característica fundamental para a construção de uma identidade das mesmas. Segundo o autor, uma extensa faixa de edifícios de grande porte, residenciais ou comerciais, são espaços considerados apenas como terrenos construídos, e não podem ser tomados como a cidade por si. Essa linha de construção é uma forma de desurbanizar as cidades, desestruturando a concepção de bairro como um espaço completo, com suas atividades culturais próprias e subeconomia.

Segundo Caldeira (1997), os espaços públicos como praças construídas e revitalizadas contrapõem a ideia de individualização da sociedade, e tem como finalidade permitir e se caracterizar pelo acesso de qualquer usuário indiscriminadamente.

Para Guimarães e Cunha (2004), os espaços livres públicos são de muito valor para a população de uma cidade, pois seu crescimento dentro das circunstâncias urbanas reproduz o comportamento, os costumes e os hábitos das pessoas que nela habitam. Já que a paisagem urbana é espelho do seu povo, do seu universo e da sua representação, são necessárias a manutenção, a reparação e a renovação desses espaços que a integram.

Macedo (1995) justifica ainda que a vitalidade de qualquer espaço livre urbano aparece imediatamente ligada à expectativa uniforme de adequação que assegura ao seu público usufruidor. Quanto mais e melhor possa ser apropriado, desde que adequadamente preservado, maior será o recebimento social desse espaço e por mais tempo será conservada sua identificação morfológica.

O conceito dos espaços livres públicos para as Ciências Sociais é definido como: locais que oferecem certa particularidade de convívio de origem distintas das relações observadas nos espaços privados. Neles se imagina uma forma distinta de convívio e uma disposição a submeter a determinados acontecimentos sociais, como

apresentar-se a inúmeras pessoas (já que se refere a um ambiente transitável por todos) e a diversos padrões, como respeitar o direito do outro ao uso desse mesmo espaço. Nos espaços públicos, as desigualdades gerais e as organizações são temporárias e parcialmente suspensas, porque, neste momento, todos têm atribuições iguais no que se refere ao uso e à propriedade do espaço.

Em suma, os espaços livres públicos, para alguns cientistas sociais, são áreas de harmonia que expressam estilo de vida (GIDDENS, 1997), relações de poder (LOFLAND, 1985, HANSEN, 2002) e formas de apoderar-se por importantes grupos sociais, sendo, portanto, espaços divididos e identitários. São ainda, lugares significativos da vida e da narrativa das cidades, lugares figurados, particularidades essas mais evidentes nos espaços das áreas centrais. O que melhor determina esses lugares é a sua essência de acessível a todos.

A representação urbana, conforme preceitua Lamas (2014), compõe a forma da cidade pela adição e constituição de seus fundamentos morfológicos. O objetivo, portanto, deixa de ser somente organizar o território para acolher atividades humanas e passa a trabalhar na forma urbana, de maneira que haja diálogo agradável e conteúdo, o que acaba transferindo a essa extensão de estudo uma maior força na questão do estudo da forma. A respeito desse aspecto, Kevin Lynch (2015), em seu livro “A boa forma da cidade”, lançado originalmente em 1960, afirma que não existe “qualquer teoria normativa contemporânea sobre a forma das cidades” (p.99). Para ele, existem doutrinas e convicções, mas não um estímulo rigoroso para expor um convívio global entre o formato de um espaço e seu préstimo.

A forma que uma cidade deve assumir é uma questão extremamente antiga. E se por teoria normativa pretendemos referirmos a um conjunto coerente de ideias acerca da forma adequada da cidade e das suas razões, então existem várias dessas teorias. Cada grupo de teorias centra-se numa metáfora abrangente acerca do que é uma cidade e de como funciona. (LYNCH, 2015, p. 75)

Para Del Rio (1990), as estratégias de representação urbana levam a inúmeras influências de análise da cidade, e a partir delas, os entendimentos diversificados, o que colabora para uma melhor amplitude da complexidade do urbano.

O que existe em comum entre os conceitos sobre os estudos da forma da cidade é a tentativa frequente de buscar diagnósticos que partam da concepção do usuário: como ele vê, sente, compreende, utiliza e se apropria do espaço urbano (DEL RIO, 1990). Por isso, o autor representa, para esse objeto disciplinar uma visão

metodológica que não se centraliza em nenhuma teoria específica, mas que busca várias técnicas a complementaridade essencial para a entendimento dos fenômenos urbanos.

Nesse ponto, conforme Del Rio (1990), a percepção ambiental tem como principal objetivo a assimilação de figuras públicas e de lembranças coletivas. Ele afirma que as diretrizes de pesquisa mais atuante nesse campo partiram de Kevin Lynch (1997), que defende uma origem teórica elencada nas características que produzem uma imagem mental e aberta da cidade, tais como a organização, identidade e a representação.

Já a relevância da estrutura urbana pode ser assimilada baseada na imagem obtida da análise que os indivíduos constituem da cidade. Conforme analisado, para Del Rio (1990), é considerável a importância da investigação morfológica para estudos de representação urbana, uma vez que ela que se doa a entender essa coerência de remodelação urbana, o que proporciona formas de interferências mais apropriadas na cidade. De acordo com o autor, em termos estruturais, pode-se entender a cidade por competências de sistematização ou escalas, cumpridoras por “estruturar todos os significados e as apropriações sociais” (p.83). São eles: O Nível de Organização Coletiva, o Comunitário e o Individual.

O nível de organização coletiva possui uma lógica estrutural, percebida consciente ou inconscientemente, que abarca o conjunto de elementos primários do tecido urbano e possui uma maior permanência temporal, tal como a própria cidade em si. Já o nível comunitário traz uma lógica com significados especiais, que são restritos a uma parcela da população, por exemplo, a do bairro. Finalmente, a dimensão individual expressa de maneira mais livre os significados particulares, como é o caso da residência e demais espaços privados. Esse último nível é, para Del Rio (1990), o que apresenta a maior rapidez na modificação de suas estruturas formais.

2.1.2 Morfologia e uso do espaço público

Os espaços livres públicos abrangem, segundo Panerai (2006, p.79) – dentro de seus moldes e finalidades, “a totalidade das vias: ruas e vielas, bulevares e avenidas, lagos e praças, passeios e esplanadas [...]. Esse conjunto organiza-se em rede a fim de permitir a distribuição e circulação”.

Dentro da estrutura urbana dispomos que a cidade é decidida por seu traçado, este constituído pelo sistema viário, conjunto do solo, construções e áreas livres. Concluimos então, que esses elementos são princípios fundamentais da teia urbana e podem ser apresentados tanto na esfera privada – recuos, estacionamentos; quanto na pública – praças, parques, ruas, entre outros; sendo realizados de maneira formal e informal.

No plano do bem-estar ambiental, ambas peculiaridades das áreas apresentam significativas melhoras nas características urbanas quando tem vegetação, isso porque possibilitam uma diminuição de temperatura, colaborando para a preservação do microclima local. Além disso, colaboram como pequenos canteiros de conservação, uma vez dispõem de elementos da flora local, podendo também receber exemplares da fauna. Importante ressaltar ainda sobre a permeabilidade do solo e com esses espaços de vegetação podem atuar como passagens de ventilação dentro das áreas urbanas.

Como forma de exemplificar o predisposto acima, vê-se na figura abaixo a discriminação dos espaços livres públicos e privados. A característica mais relevante é a discordância de escala, uma vez que a área privada é delimitada ao lote, enquanto que o público tem uma maior ligação com a área urbana. No entanto, pode-se entender também que a área privada nem sempre tem vegetação, por designação de sus proprietários, enquanto que a área pública em sua maior parte é vegetada, o que oferta maior qualidade aos seus usuários.

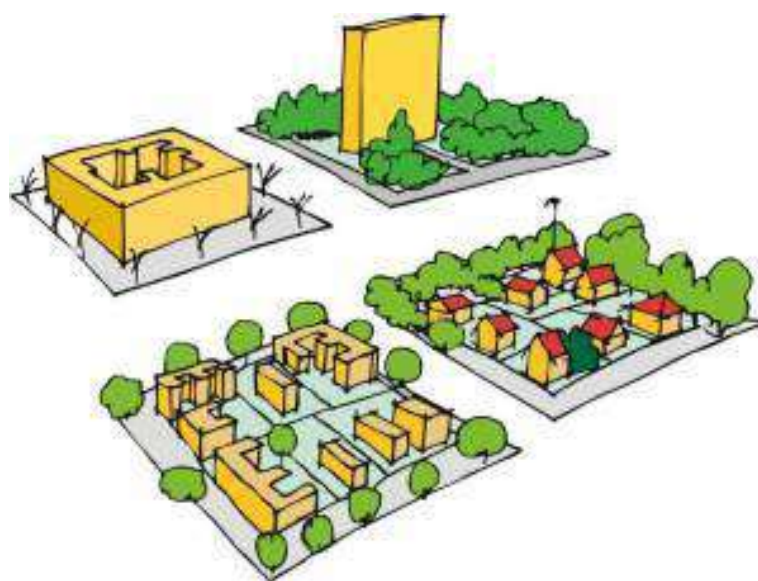


Figura 01: Representação espaços públicos e privados
Fonte: helenadegreas.wordpress, 2015

A ilustração acima mostra diversos tipos de formação de espaços livres a partir de sua ligação com os fundamentos edificados. Incluso nos lotes, seu uso passa ser determinado pelo seu formato e pela sua atividade ambiental; se residencial, os corredores secundários tendem a ser usada para fluxo, cabendo aos espaços frontais a utilização para estacionamentos ou jardins e para os espaços dos fundos, uso adequado para quintais domésticos. Ainda na mesma ilustração, o edifício em lâmina, típico modelo modernista, graças a sua fundação, promove a realidade de espaços ajardinados com lugares de bem-estar para o público.

Trazendo a ilustração acima para a realidade brasileira, podemos ver a diferença entre esses espaços, na figura 02, um registro aéreo de uma parte do bairro Boqueirão, em Curitiba/PR. A partir dela, nota-se, pela descrição urbano regular, a distribuição das quadras e lotes em volta de uma praça semi-circular – espaço livre público, e dentro dos lotes incidências de vegetação. Contudo, a parte significativa está representada pelos espaços públicos ou terrenos não edificados.



Figura 02: Vista aérea de um trecho do bairro Boqueirão, Curitiba-PR
Fonte: Google Earth, recorte pela autora, 2017.

A criação e a construção dos espaços, individuais e coletivos, sempre aconteceram. Morfologia, no seu sentido genérico, significa o estudo das formas. José Lamas (1992) define que “é a disciplina que estuda o objeto – a forma urbana – nas suas características exteriores, físicas e na sua evolução no tempo”.

Ao se comparar morfologia com a arquitetura da cidade e com procedimentos de composição e decomposição espacial, há que se acreditar e determinar relações próximas ao ambiente edificado, indivíduo e sociedade. A cidade, a quadra, a rua, a

casa, e o quintal. O Indivíduo e a Sociedade. Segundo Jan Gehl e Lars Genzoe (2002), ao se analisar a história das cidades, enxergar-se-á que as estruturas urbanas prestigiavam a sua forma de atividade e, por isso, marcavam também o comportamento humano.

Segundo Pescarini (2003), a morfologia da cidade estrutura-se para declarar relações ideológicas e culturais onde acontecem procedimentos e aprendizados de troca. Estabelece um domínio dinâmico associado, desde o início, as regularidades de processos sociais existentes regularmente. Reconhecer essa concepção, definida sociedade (e decorrente indivíduo) acrescentada em um determinado espaço é objeto imediatamente afetado pela arquitetura desse espaço.

Holanda (2003) descreve que algumas afetações são ao mesmo tempo mais óbvias e menos controversas e define “aspecto de desempenho” do espaço arquitetônico como sendo as maneiras pelas quais a arquitetura – como espaço pronto – influencia o comportamento humano. O espaço público urbano estabelece uma disposição estrutural que serve de plataforma para as atividades sociais e tem como base principais a relação entre o formato e a configuração dos edifícios em volta, a sua uniformidade ou variedade, as suas dimensões integrais e suas proporções pertinentes, a convergência das ruas, e a localização dos monumentos, fontes, ou outros princípios bi ou tridimensionais. Quando estamos num espaço de permanência com uma estabelecida forma, dimensão, estrutura, luz, etc., assumimos o seu caráter, sua atmosfera espiritual, relacionando-nos com ele e denominando-se como lugar, ao mesmo tempo que lhe ofertamos vida e colaboramos para sua identificação perante os outros.

Outro autor que contribui com a discussão é Lamas com o seu livro “Morfologia Urbana e a Cidade” publicada em 1993, em que o autor mostra temáticas intensamente válidas para o estudo das cidades, a partir do agrupamento de seus fundamentos compositivos, denominados elementos morfológicos e cuja realidade, papel estrutural e inter-relações são essências na característica das formas urbanas. Segundo o autor, a morfologia urbana analisa os aspectos externos ao meio urbano e suas correlações, que determinam e explicam a paisagem urbana e sua estrutura. É preciso insistir que, para ele, a disciplina morfologia também estuda o conteúdo, no caso a forma urbana, não só por meio de suas particularidades físicas e exteriores, mas também através de sua evolução ao longo do tempo.

Entretanto, Lamas (2014) destaca que a forma urbana não pode ser desconectada de seu suporte geográfico, pois deve ser considerada sempre em relação a seu local e ao seu território, uma vez que a prioridade territorial possui um papel predominante que a apoia e muitas vezes a condiciona. Assim, são várias as capacidades e complexidades de conjuntos urbanos que podem ser trabalhados à noção de formas urbanas ou territórios, e que se colocam em circunstâncias que podem ser diferenciados por meios de elementos e horários de leituras. Pode-se falar de forma física para praças, ruas, bairros e até cidades inteiras (LAMAS, 2014).

É relevante considerar que o estudo da morfologia urbana se desempenha da divisão do meio urbano em partes – seus elementos morfológicos – e da combinação entre si e com o conjunto que configura espaço urbano. O autor ressalta ainda para o fato de a forma urbana ser estabelecida por aspectos quantitativos, qualitativos, de organização funcional e representativa. Os aspectos quantitativos são, como o próprio nome diz, aqueles mensuráveis, tais como densidades, fluxos, coeficientes numéricos, dimensões, entre outros; os qualitativos referem-se às qualidades específicas de tratamento de espaços, tais como bem-estar e tranquilidade; os de organização funcional dizem respeito às atividades e os usos indicados; e os representativos são entendidos como comunicação que existe por meio dos sentidos (LAMAS,2014).

Para o reconhecimento dos elementos morfológicos, é preciso que se conheçam as partes sociais e a maneira como elas se organizam nas diferentes maneiras de leituras. Lamas (2014, p.79) caracteriza tais elementos como “as partes mínimas reconhecíveis que possuem uma função construtiva, programática, ou uma finalidade estética significativa”. Logo, os elementos morfológicos indicados pelo autor são o solo, o edifício, o lote, o quarteirão, a fachada, o logradouro, o traçado, a praça, o monumento, a vegetação e o mobiliário urbano.

De acordo com Gehl (2015), até a década de 1960, a cidade cresceu com base nas experiências históricas, enquanto a vida nos espaços públicos era vista como uma parte importante para a riqueza das experiências urbanas. Pensava-se, até então, que as cidades eram arquitetadas para as pessoas. Anteriormente ao desenvolvimento do automóvel, as ruas eram o ponto central das cidades e dos bairros, espaços públicos completos de experiências sensoriais de escala humana. A rua simbolizava a vida social, era a passagem da casa ao trabalho e por onde se transitava na cidade. Gehl (2015), confirma que tudo isso mudou quando as ações de grande porte, com o

destaque no trânsito, afligiram a importância do espaço público para mudanças sociais e econômicas.

Dentro do urbanismo, o conceito de espaço público está ininterruptamente ligado a apropriação pela sociedade, são espaços abertos de uso popular, despontado como resposta ao modo organizacional do século XVIII, “cujo espaço fundamental era o espaço privado, a habitação, ‘fechada sobre a intimidade familiar’” como cita Leitão (2002). Nesse espírito, Fátima Loureiro de Matos declara:

O espaço público é por natureza mais aberto e a primeira função que o distingue do espaço privado é a facilidade de acesso. O espaço público é de todos e de ninguém em particular, em princípio, todos o podem usar com os mesmos direitos (MATOS, 2010, p.20 apud REIS, 2014, p.35).

Nesse sentido, é indispensável destacar o pioneirismo da jornalista Jane Jacobs, que na década de 1960 fez críticas ao crescimento do tráfego de automóveis e à concepção urbanística moderna que dividia os usos da cidade e salientava edifícios individuais e autônomos. Para a jornalista, isso inseria um fim no espaço urbano e na vida da cidade deixando um lugar sem vida e vazio de pessoas. A essência da questão que levantou era o dever de se adquirir e sobrepor um conhecimento sobre as cidades que fosse “útil e verdadeiro” (p.16).

A respeito desse aspecto, Jacobs (2000) explica que a ciência do planejamento urbano era inapto de conter o empobrecimento e a falta de dinamismo urbano, e que as cidades eram um “imenso laboratório de tentativa e erro, fracasso e sucesso, em termos de construção e desenho urbano” (p.5). Essa situação, conforme a autora, estava vinculado à “nova urbanização inurbana” que reproduzia a dificuldade do planejamento urbano em perceber e dar respostas às verdadeiras necessidades da cidade, em matéria da diversidade de usos e da harmonização entre automóveis e pedestres.

Os espaços públicos atuam como elementos estruturantes da malha urbana e tem função fundamental na integração e continuidade territorial, possibilitando a circulação de pessoas e automóveis. Nessa equivalente direção aponta Macedo *et al* quando declara “a rua em especial, tem papel estruturador na constituição da forma urbana, pois reflete as formas de mobilidade, acessibilidade e circulação, parcelamento e propriedade da terra urbana” (MACEDO *et al*, 2013, p.09).

Dentre os elementos que compõem o tecido urbano - rede de vias, parcelamento fundiário e edificações, Panerai (2006) define que o primeiro é o

elemento com maior permanência dentro das cidades - sendo assim, o elemento de maior ênfase e, de certa forma, com maior presença no desenho do tecido urbano. As ruas, em específico, tem funções relacionadas à ligação e continuidade territorial da cidade, tendo essencial importância na vida urbana a partir do instante em que é encarregada pela interligação de pontos dentro da cidade.

O espaço livre público, a rua em especial, tem papel estruturador na constituição da forma urbana, pois reflete as formas de mobilidade, acessibilidade e circulação, parcelamento e propriedade da terra urbana (MACEDO et al, 2013, p.09).

De acordo com o exposto pode-se concluir então que os espaços livres públicos têm o papel de estruturar o meio urbano e de desenvolver funções diversas, entre elas a de conectividade e continuidade do território.

Os nós são definidos espacialmente por meio de porções do solo urbano que podem servir como ponto focal, ponto de atração e/ou destino para usos recreativos. Dentre os principais elementos constituintes dos nós estão diferentes categorias de espaços livres, como parques, praças, terras devolutas de propriedade pública[...]. As conexões possibilitam as ligações da paisagem e suas variadas florestas através da conformação de corredores e cinturões verdes. Ao mesmo tempo em que preservam, conservam e protegem os recursos da paisagem, podem favorecer múltiplos usos, principalmente para recreação e transporte alternativo. Dentre os elementos que atuam como conexões, destacam-se os corredores viários, as conectividades visuais, os corredores verdes, os corredores azuis, e os corredores amarelos (STROM,2007 apud PIPPI e TRINDADE, 2013, P.84, destaque pela autora).

Nessa lógica, os espaços livres públicos exercem, além da função de conectividade - incorporada pelas vias; posição de preservação dos exemplares florestais urbanos, contribuindo para a reestruturação ambiental e “mitigando as pressões e os impactos futuros das ocupações urbanas” (PIPPI e TRINDADE, 2013).

A configuração urbana e o seu entusiasmo são descritos como um objeto a ser examinado por meio de dois ângulos, cujo primeiro está relativo ao sentido morfológico, pautado nas inúmeras formas visíveis na disposição da paisagem urbana, e o segundo, refere-se ao entusiasmo da sociedade que gera e altera a paisagem ao longo do tempo (CONZEN, 2004). Kevin Lynch (1960), evidenciou a respeito do estudo do ambiente visual para o bem-estar da população. De acordo com o autor, é no percurso que a visão estabelece as sequências visuais fundamentais para a percepção da forma urbana e de suas múltiplas imagens, que correspondem a seus distintos observadores. Para ele, alguns tipos de elementos físicos do espaço

são peças-chave no estudo de sua imagem e podem ser identificados como nódulos, vias, marcos, setores e limites.

Os nódulos ou cruzamentos são pontos locais ou estratégicos de uma cidade, podendo ser junções, pontos de parada, convergência de ruas ou um agrupamento de pessoas. As vias ou percursos são os locais por onde o observador se desloca, tais como calçadas e linhas de trânsito ou demais marcações que permitam a circulação de veículos automotores. Os marcos são elementos externos ao observador que servem de referência e que podem se situar dentro ou fora da cidade, desde que desempenhem a função de símbolo de direção. Os bairros são regiões urbanas de tamanho médio ou grande e que possuem algo de identificável ou comum. Os limites são considerados interrupções da continuidade espacial, que quase sempre se conformam como fronteiras (LYNCH, 1997).

As praças são os espaços públicos que estão profundamente ligadas a vida cotidiana, o que permite conhecer a diversidade social característica das grandes cidades. As reuniões nas praças e a sua veemência não se dão por acaso. A organização desses espaços, seus equipamentos e sua preservação pelo poder público ou pelos moradores são elementos que precisam ser respeitados, assim como a natureza da praça, seu lugar histórico e simbólico da cidade. Sendo esses lugares públicos bem projetados, com atividades interessantes e sempre levando em conta as necessidades da sua demanda, aliados ao cuidado e a manutenção dos mesmos, são aqueles melhores apropriados pela população. A apropriação que o espaço urbano permite ao seu público usuário está diretamente ligada à sua vida útil; sua aceitação, durabilidade e conservação será maior conforme sua apropriação (MACEDO, 1995).

2.1.3 Revitalização do espaço urbano

De acordo com Mussi & Santiago (2004), a pergunta relativa ao uso e/ou à redução progressiva dos espaços livres diz respeito à sua adaptação funcional, ambiental e estética, e sua própria identidade e significação diferenciam conforme o tempo e novos usos recomendados.

Com base em Pereira Leite (1997) apud Loboda & De Angelis (2005), pode-se declarar que a redução progressiva do espaço público na cidade contemporânea se define por procedimentos distintos, quais sejam: (i) pela sensação de desconforto e de insegurança generalizada da população quando no espaço público; (ii) nas classes

de maior poder aquisitivo, pelo desenvolvimento privado de atividades culturais e de lazer, o que leva essa população a abandonar os espaços públicos; (iii) nas classes de baixo poder aquisitivo, pelo desconforto que sua presença nos espaços públicos gera para o restante da população.

Na análise de Mendonça (2007), é considerável enfatizar que as apropriações, mesmo quando pressentidas e adaptadas, não envolvem, necessariamente, em despropósito ou indícios de marginalidade. Podem, ao contrário, indicar inovação e eficácia de melhor aproveitamento das infraestruturas públicas e fornecer incentivos que alimentem o projeto e a futura construção de ambientes de natureza equivalentes. Outro ponto favorecido por Mendonça (2007), é que as apropriações dos espaços públicos retratam a promoção de capacidade da população, para poder ir ao encontro do que foi antecipadamente planejado para o local.

A apropriação urbana pode ser entendida através da verificação das várias expressões, modos de entender e viver os territórios urbanos que fazem parte da vida cotidiana. Logo, é necessário realizar uma análise das interpretações do espaço projetado, o qual foi anteriormente planejado e configurado; do espaço percebido, entendido e apropriado pela população; e do espaço habitado, que é aplicado e vivido para permitir trocas sociais e ser apropriado e transformado pelos usuários. Só assim será possível a revitalização do lugar.

A palavra “revitalização” provém de “preservação”, do latim preservar, a qual engloba a salvaguarda de bens culturais, protegidos e identificados (DELPHIM, 1999). Já de acordo com a Carta de Nairobi (1976), entende-se por “salvaguarda” a preservação, a identificação, a proteção, a conservação, a restauração, a renovação, a manutenção e a revitalização, ou seja, todas as ações necessárias para salvaguardar os bens culturais.

A revitalização urbana teve seu início na década de 1960, com o Partido Comunista Italiano, e está baseada nos conceitos do urbanismo progressista italiano. Ao longo desse tempo histórico, a revitalização abandonou seu verdadeiro pressuposto, pois milhares de ações foram efetuadas com vistas a resgatar áreas degradadas, sem levar, no entanto, em consideração seu real valor de identidade cultural.

No Brasil, o conceito de revitalização se confunde com outras atividades, como a interferência, preservação e modificação, as quais, por sua vez, encontram-se diretamente ligadas a investidores privados, atuando como agentes de reabilitação

com a finalidade de reorganizar ou reconstituir o ambiente construído (VARGAS & CASTILHO, 2006, p.33).

Dessa maneira, pode-se observar que as formas combinadas de revitalizar terminam na (re) construção estabelecendo um processo de alteração da realidade cotidiana do indivíduo com relação à cidade, propiciando assim a sua parcialidade, pois a relação entre o local e a população só ganha existência real quando esta apresentar uma existência espacial (VARGAS & CASTILHO, 2006).

Para Vaz (2006), a revitalização envolve muitos protagonistas e setores, e pode ser efetuada das mais variadas formas, dentre elas: a) Reabilitação de áreas abandonadas; b) Restauração do patrimônio histórico e arquitetônico; c) Reciclagem de edificações, praças e parques; d) Tratamento estético e funcional das fachadas de edificações, mobiliário urbano e elementos publicitários; e) Redefinição de usos de vias públicas; f) Melhoria do padrão de limpeza e conservação dos logradouros; g) Reforço da acessibilidade por transporte individual ou coletivo, dependendo da situação e; h) Organização das atividades econômicas.

Nos anos de 1980 e 1990, a revitalização deixa de ser especificada pelo seu caráter social, e passa a ser vista como uma política pública. Assim, a revitalização pode ser entendida como restauração de áreas urbanas desgastadas, conforme a especulação imobiliária local, subsidiada pelas empresas privadas.

Com a realização do ECO 92 (Ecologia - 92, Cúpula da Terra ou Rio 92 como também ficou conhecida), a concepção de revitalização é retomada por duas frentes. A primeira, baseada no conceito mais extensivo do planejamento urbano, assume a escala territorial, em relação à cidade, organizando os ambientes originários e arquitetados. Já a segunda examina leituras urbanas, tanto morfológicas quanto tipológicas, baseadas nos assuntos de estrutura física, ambiental e cultural. Desta forma, a revitalização perde a sua totalidade, passando a beneficiar locais com potencial de transformação (ZANCHETTI, 2000).

Conforme afirma Botelho (2005), o procedimento de revitalização urbana está cada vez mais utilizando um espaço movimentado no urbanismo moderno, principalmente com a criação da Carta do Novo Urbanismo Americano (1996), e assim confrontando-se diretamente às várias experimentações obtidas através dos trabalhos executados sobre os quais a carta foi elaborada. Desta forma, passando a integrar a questão cultural em seu exercício.

A Carta do Novo Urbanismo Americano (1996), foi elaborada pelos arquitetos americanos com base na de Atenas, a qual prevê quatro funções básicas: habitação, trabalho, recreação e circulação. Já o novo urbanismo possui princípios que observam cada proposição, buscando ressaltar as necessidades sociais, e a sua diversidade, combinando atividades como a de circulação, acessibilidade de pedestres, participação democrática, sempre respeitando as expressões culturais do local. Trabalha com as áreas deterioradas, indo desde o centro da cidade até as regiões periféricas, procurando sempre maneiras de reorganizar a diversidade social e seu sentido de lugar e comunidade, na busca por misturar funções e pessoas à vida pública, de forma a possibilitar um uso mais razoável dos recursos (ZANCHETTI, 2000).

Para Torrico (2006), a identidade de um espaço é estabelecida em vários níveis representativos existentes no grupo social em que se prepara o processo de revitalização, tratando-se de um raciocínio coletivo de identidade. Para ele, os locais ou espaços apresentam um tempo cronológico comparativamente novo, considerando como patrimônios relacionadas ao local no qual se concedem valores especiais.

Os novos movimentos ligados às indagações sociais e culturais relativas aos espaços urbanos estão se retornando cada vez mais para que se consistam e reconstruam as práticas tradicionais, na busca de um ponto de identidade, e em partes buscam também corresponder aos princípios ambientais, que são de suma importância nos dias de hoje (CASTELNOU, 2003). Este espaço urbano que hoje está sendo incorporado pela malha urbana através de edificações, deixa o seu caráter de espaço aberto urbano, o qual foi se mostrando ao longo do tempo, de forma tradicional.

Dessa forma, a estruturação dos ambientes públicos traz vantagens às comunidades que vivem com esses espaços sejam eles desgastados pelo tempo, pela execução humana, ou mesmo onde não tenham os equipamentos e mobiliários urbanos que a comunidade requisita. Com finalidades de serem um meio de convivência entre a comunidade, as praças também possuem beleza e um sentido de arrumação para o bairro em que se encontra. Cada indivíduo, no seu papel de cidadão, tem o privilégio de uma opção de lazer na sua cidade. Para esse fim, as praças deveriam estar em situações de segurança e preservação de forma a que todos que tenham interesse em utilizá-las, possam fazê-lo sem restrições.

2.2 A PRAÇA E O URBANO

Este capítulo tem como objetivo entender a relação entre esse espaço público e a cidade, as funções sociais que ela exerce na cidade e o contexto histórico do surgimento das praças.

As sucessivas modificações realizadas em algumas praças em várias cidades brasileiras exterminaram, em muitos casos, os referenciais da paisagem-contexto que as originaram e que lhes asseguravam a singularidade e a identidade. Entende-se, aqui, por paisagem-contexto, a paisagem constituída pela espacialização das convivências entre as pessoas, forças de ação, coisas e território, a qual, por sua vez, por força do vínculo de identidade assim estabelecida, é também fundadora.

Sun Alex, em sua obra “Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público” (2008) declara que praças, ruas e jardins instituem o conjunto de espaços abertos na cidade que nem sempre são verdes ou correspondem ao ideal de vida urbana em determinado momento histórico, e que por isso não suportam ser tratados apenas como uma questão de diferença de escala. O autor acredita que o espaço público na cidade contemporânea admite diferentes formas e tamanhos, podendo ser tanto uma calçada como a paisagem em uma janela, uma vez que a palavra “público” indica os locais que são abertos e transitáveis por todas as pessoas.

Entre esses espaços públicos, Alex (2011) apresenta os que foram projetados para o uso cotidiano e que podem ser exibidos pelas ruas, praças e parques, apesar de acreditar que essa classificação ainda seja insatisfatória para representar o espaço público plurifuncional da atualidade, que também acerca espaços abertos indefinidos, tais como cafés e outros pontos de encontro. Por isso, considera que o espaço público é algo adaptável, que se redesenha dentro do próprio contexto de transformação da cidade. A praça, por exemplo, conforma-se por meio de várias aberturas no tecido urbano, que direcionam os fluxos e os diversos usos, imprimindo ao espaço, o caráter de “ponto central de manifestação da vida pública” (ALEX, 2011, p. 10). Assim, fatores como localização, acessos, permeabilidade e atmosfera podem convidar, ou não, o usuário a adentrar o espaço e a reforçar seu caráter público.

Ainda conforme Alex (2011), a praça consegue ser, ao mesmo tempo, construção e vazio. Seu próprio vocábulo na língua inglesa, *place*, que deriva do latim *platea*, significa “espaço amplo ou rua larga” (p. 23). Ela, a praça, não é apenas um espaço livre, aberto, mas também um centro social integrado ao tecido urbano. Assim,

o espaço público deve ser visto como um “conjunto indissociável” de “formas assumidas pelas práticas sociais” (p. 20). Para isso, é essencial reforçar a dimensão da participação dos usuários na idealização desses espaços, para garantia do uso e a apropriação dos mesmos.

Desenvolvido predominantemente nos Estados Unidos, o paisagismo moderno destacou ao longo do século XX a utilização do espaço livre público para distração, recreação, esportes, entretenimento, progresso do ambiente urbano e preservação de recursos naturais, sempre como antídotos da vida urbana tempestuosa e abrangente em favor dos domínios privado, vicinal ou semi-público sobre o público. Drasticamente oposta, a praça, urbana por designação, é um espaço público da rotina da vida pública. Praça, uma instituição latina por excelência, faz parte da formação de nossas cidades e da nossa cultura popular.

Reis (2000) destaca que as praças são lugares comuns que passaram a ser o ponto central e de atenção urbana. A arquitetura mais significativa da sua época se encontrava nestes locais, ou seja, no seu arredor, com estruturas como as de importância religiosa e até mesmo as essenciais obras urbanas como prefeituras, bancos, fóruns, dentre outras.

Pode-se verificar isso, por meio de uma documentação antiga relacionada à arquitetura e às descrições da época, apoiadas na iconografia, embora nestes estudos não haja referências muito objetivas e nítidas sobre a utilização das praças. Tal estudo refere-se à criação e utilização destas de acordo com o ano de sua fundação e dos primeiros vilarejos e cidades, onde elas se deparavam (REIS, 2000).

As praças são espaços livres, e nos dias de hoje, são vistas por grande parte das pessoas como espaços vagos, de pobreza, ponto de drogas, restando para pequena parcela da sociedade revezamento de lazer, meditação, dentre outras atribuições relativas a este setor público que pertence a toda sociedade. As praças são uma configuração de paisagem, seja está bem vista pela sociedade ou não. Paisagem que com o passar do tempo foi modificada pela natureza humana, ou mesmo ignorada por ela. Assim,

“Paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas que a vida anima” (SANTOS, 1997, p. 83).

Se para alguns autores, as praças expressam locais de bate papo, reencontro, para outros podem revelar trocas de experiências, lazer ou ainda: “lugar fundamental da vida social, espaço de encontro, de trocas de palavras e mercadorias” (DE ANGELIS et al, 2005, p.2). Segundo Casseti e Lietti (apud DE ANGELIS, 1995, p.2), é apontada, desde sempre, “como o âmbito da visibilidade, onde aparecer significa existir na qualidade de ator social”.

As manifestações artísticas e culturais de um povo são relatadas nas ideias e ideais do projetista que ao arquitetar uma praça ou até mesmo um jardim, exhibe de forma clara e precisa os modismos e novidades de uma época e de um povo. Os princípios também são expressos nos traços culturais inclusos nesses espaços públicos, que foram se transformando nos anos e no tempo. Muitos dos valores resistiram, outros modificaram e outros até se perderam.

Por último, os autores Robba e Macedo (2002, apud DE ANGELIS et al, 2005, p.2) contextualizam: “mesmo havendo divergências entre os autores, todos concordam em conceituá-la como um espaço público e urbano, celebrada como um espaço de convivência e lazer dos habitantes urbanos”. Esses espaços se modificaram no decorrer do tempo histórico, conforme o autor De Angelis nos confirma, relativo às praças, pois: “na Antiguidade, sua função era bem mais rica de significado, não se limitando a lugar de cruzamento das vias públicas, estacionamentos para automóveis ou de ponto para comércio de mercadorias as mais diversas (DE ANGELIS et al, 2005, p.2-3) ”.

2.2.1 Função social das praças

Lynch (1981) define a praça como “um espaço vital, centro de atividades de uma área urbana, que tem por objetivo a atração de diferentes grupos e dar oportunidade de serem realizados encontros entre indivíduos”. O autor diz ainda que:

The square ou plaza. Este é um modelo diferente de espaço aberto urbano, tomado fundamentalmente das cidades históricas europeias. A plaza pretende ser um foco de atividades no coração de alguma área “intensamente” urbana. Tipicamente, ela será pavimentada e definida por edificações de alta densidade e circundada por ruas ou em contato com elas. Ela contém elementos que atraem grupos de pessoas e facilitam encontros: fontes, bancos, abrigos e coisas parecidas. A vegetação pode ou não ser proeminente (LYNCH, 1981, p.442 apud ALEX, 2008, p.23).

Segundo Zucker (1959, apud SILVA, 2014), a praça é “responsável por gerar a trajetória da vida pública em uma dimensão que ultrapassa seus limites físicos, estendendo-se aos arredores onde as ruas se misturam com seus limites”. Ainda de acordo com o autor, “a praça quando avaliada como o elemento central do loteamento é a responsável pela construção da comunidade”.

Dessa forma, compreende-se que o fundamento praça é eixo do traçado urbano, as ruas levam a estes espaços que por sua vez ganham as variadas movimentações (automóveis, ciclistas, pedestres) e usos.

Todavia, a documentação efetiva sobre as praças, é datada do final do século XVI e século XVII, e concede admitir que as explicações urbanas relativas às praças dentro do prospecto urbano vieram a ocorrer nos primeiros anos deste século.

As praças começaram a desempenhar um papel importante, acolhendo a população e comportando inúmeras atividades do núcleo urbano, tanto na questão religiosa, como popular, comércio, especulação, dentre outras, sendo assim um local de encontro do profano com o religioso. O mesmo acontecia também nas áreas de povoação mais simples, como as aldeias indígenas ou os pequenos vilarejos (paróquias), que utilizavam as praças como local de realização de inúmeras atividades e utilidades do seu cotidiano (REIS, 2000). Desta forma, estas atividades vêm a realçar a importância das praças, que em muitos casos, são o local de origem de um povoado (REIS, 2000).

Segundo Soares e Gomes (2003), atentar-se que, com o passar dos anos, as praças tiveram alterações. Estes espaços que remotamente serviam exclusivamente para a reunião de pessoas, e não tinham qualquer tipo de vegetação, passam a ser avançados, tornando-se assim, jardins urbanos, ou seja, áreas mais agradáveis, tanto harmoniosamente como funcionalmente.

Deste momento em diante, estas praças-jardins acabaram se tornando um símbolo fundamental no conceito de otimização e de valorização tanto dos jardins como da paisagem urbana, principalmente nas áreas públicas.

Especialmente, a praça pode ser conceituada pela vegetação e pelos fundamentos construídos. Nesta definição, de acordo com cada conceito que a palavra “praça” pode assumir, estes espaços podem ser classificados em:

a. Praça Jardim: espaços nos quais a contemplação das espécies vegetais, o contato com a natureza e a circulação são priorizados. Estes podem ser fechados por

grades ou cercas, como o passeio público do Rio de Janeiro e de Curitiba, ou ainda podem ser abertos e rodeados de imóveis (comerciais e residenciais).

b. Praça Seca: largos históricos ou espaços que suportam intensa circulação de pedestres. Em algumas destas praças inexistem qualquer tipo de árvores ou jardins e nelas o importante é o espaço gerado pela arquitetura e são relações entre volumes do construído e do vazio que dão ao conjunto a escala humana.

c. Praça Azul: praças na qual a água possui papel de destaque. Alguns belvederes e jardins de várzea possuem esta característica.

d. Praça Amarela: as praças em geral são consideradas praças amarelas. (MACEDO e ROBBA, 2002 apud VIERO e BARBOSA FILHO, 2009, p. 2).

Em seu texto, Leitão (2002) também apresenta o conceito de praça, mostrando que estas são “unidades urbanísticas fundamentais para a vida urbana, tendo sua função diferenciada por sua especificidade, variando de acordo com mudanças sociais importantes e nas novas formas de comportamento e necessidade da comunidade” (LEITÃO, 2002).

Isto expressa que cada espaço tem a utilidade urbanística definida e usos pertinentes que apresentam como as pessoas se apropriam desses lugares. Assim, as finalidades das praças devem ser compreendidas através de suas características morfológicas internas e ligadas a morfologia urbana externa para disponibilizar um retorno à população.

Para determinar as finalidades das praças Leitão (2002), recorre a três indicadores de especialidade, que são, as características do entorno, a condição socioeconômica da população e a importância simbólica.

As características do entorno: o local onde a praça está estabelecida, além de estabelecer a paisagem, expressa características que a tornam única. Neste caso, praças com finalidade de encontro estão inseridas num contexto de maior fluxo de pessoas.

A condição socioeconômica da população: as referências econômicas e sociais afetam na maneira como as praças são harmonizadas. Nesse sentido, uma praça em uma comunidade de insignificante poder monetário, geralmente, compensa a necessidade de lazer e traz a viabilidade de tirar os jovens da criminalidade pela oferta de esportes. Em contraponto, uma praça inserida em um bairro mais abastado, geralmente, é usada como local de caminhada e não tanto para prática de esportes gerais.

A importância simbólica: nesses espaços o mais considerável é o caráter emocional da relação pessoa/espaço. São praças com apelo à memória coletiva da população.

Por meio destas resoluções é possível constatar que a finalidade da praça está ligada ao modo como o usuário apropria-se dela. Ainda de acordo com Leitão (2002), é através do “uso que a apropriação acontece, ou seja, através da utilização do espaço que as pessoas acabam fazendo com que a praça se torne um lugar importante para o convívio social” (LEITÃO, 2002, p.25). Assim, a relação de pertencimento com o local favorece a valorização da praça, visto que os utilizadores tomam posse do ambiente e exigem melhorias e manutenção.

As melhorias trazidas pelas praças públicas acontecem tanto da vegetação que pode ser resguardada por elas, quanto de aspectos relativos relacionados à sua vivência, como a influência positiva no psicológico da população, proporcionada pelo contato com a região verde e/ou pelo uso do ambiente para o convívio social.

2.2.2 Evolução cronológica

O espaço urbano tido com precursor das praças foi à Ágora, na Grécia. A Ágora grega era um espaço aberto, normalmente delimitado por um mercado, no qual se praticava a democracia direta, visto ser este o local para discussão e debate entre os cidadãos (MACEDO e ROBBA, 2002).

Do símbolo de liberdade (a ágora ateniense era o lugar onde, não só era possível fazer reuniões, mas também onde cada um podia dar sua opinião) ao símbolo de poder - o fórum romano era o local de comércio e de política popular (DE ANGELIS et al 2005, p. 3 apud YOKOO e CHIES, 2009, p.3).

Em suas origens, a praça era o lugar do social e também do comércio, segundo Anne Spirn “lugares para ver e ser visto, para comprar e fazer negócios, para passear e fazer política”. (1995 apud YOKOO e CHIES, 2009, p.3).

Ao longo do tempo suas finalidades e morfologia foram se modificando, primeiro como livres, abertos na malha urbana das cidades medievais – auxiliavam como um respiro da malha densa e apertada da época; depois, aderindo formatos mais uniformes e marcados por edifícios aproximados no Renascimento –sendo abraçadas por edifícios públicos e monumentos, tinham como objetivo maior enaltecer o monumento em seu interior. Mesmo em organizações diferentes, a praça aparece e

se desenvolve como local de convívio, harmonia e trocas, sejam sociais ou comerciais.



Figura 03 e 04 - Praça medieval – Sarlat; Praça renascentista - Piazza delPopolo, Itália
Fonte: Google imagens.

As primeiras cidades latino-americanas de composição colonial tinham como centro – geográfico e social, a praça, a qual estava comprometida pelos prédios principais – igreja, prefeitura, escola e cemitério.

A praça, em sua origem latina, caracteriza-se como espaço de encontro e convívio, urbano por natureza. Espaço este que conforma por várias aberturas no tecido urbano que direcionam naturalmente os mais diversos fluxos em busca dos, também, mais diversos usos, que imprimem a este espaço o caráter de lugar e ponto central de manifestação da vida pública. É, em sentido amplo, o espaço para a troca (VARGAS, 2008, p.09 apud ALEX, 2008, p.09).

Porém, a constituição das primeiras praças no Brasil foi estabelecida pela igreja, tendo em vista que as praças, a princípio, eram uma extensão das igrejas (CRUZ, 2003). Segundo Cruz (2003), as praças brasileiras, na época do Brasil colônia, possuíam uma marca religiosa, além de comercial, sendo os jardins exclusivos às propriedades religiosas, à quintais ou funções de pesquisas. Já as praças ajardinadas eram reservadas ao lazer apreciativo, e seguiam normas hierarquizadas de comportamento no local. Desta forma, estas praças forjaram a população mais carente se deslocasse para as periferias urbanas.

No Brasil, o nascedouro das praças tem caráter essencialmente religioso, sobre este tema o arquiteto Murillo Marx afirma:

Logradouro público por excelência, a praça deve sua existência sobretudo aos adros de nossas igrejas. Se tradicionalmente essa dívida é válida, mais recentemente a praça tem sido confundida com jardim. A praça como tal, para reunião de gente e para exercício de um sem-número de atividades diferentes, surgiu entre nós, de maneira marcante e típica, diante de capelas ou igrejas, de conventos ou irmandades religiosas. [...] Realçava os edifícios; acolhia os seus frequentadores (MARX, 1980, p.50 apud ALEX, 2008, p.24, realce pela aluna).

No eclético, a praça multifuncional colonial deixa de existir e em seu lugar comparecem os jardins do século XVIII, depois a praça ajardinada, para admiração e descontração construídas nos primeiros anos do século XX. Ainda nesse mesmo estilo, teve-se a linha clássica – rígida em seus desenhos geométricos; e a romântica – livre em curvas sinuosas e de vegetação exuberante.

No transcorrer de cada século, os jardins especialmente no que diz respeito à sua elaboração, foram planejados com base no amor à natureza, e de consonância com a consciência ambiental de cada época. Contudo, somente a partir do século XVIII, o Brasil tenta se reaproximar do meio ambiente natural, estabelecendo que os jardins fossem adaptados, buscando incentivar a nossa sustentabilidade ao paisagismo (ANGELIS, 2006, p23). Desta forma segundo Angelis (2006, p. 24),

Um dos primeiros jardins construídos no Brasil foi o Passeio Público do Rio de Janeiro. Iniciou-se a sua construção em 1779, por ordem do vice-rei D. Luís de Vasconcelos, que incumbiu a Valentim da Fonseca e Silva, o projeto de um jardim público para servir a população da cidade.

No século XVIII com o aparecimento da Revolução Industrial, abre acesso às transformações sociais, políticas e econômicas, modifica usos e costumes, lazer e altera o cotidiano da humanidade. As pessoas não dispõem mais o tempo para a admiração, para descanso, requisitando dos espaços públicos adequação, novas instalações e infraestruturas. No século XX acontece no Brasil a solidificação da atividade paisagística, uma vez que a população urbana cresce excessivamente e as transformações sociais e urbanas são indispensáveis, refletindo já no século XXI, nos espaços verdes, especialmente nas praças, de forma negativa.

Com o surgimento do modernismo, as praças passam a abranger áreas de lazer optativo, como por exemplo, as quadras poliesportivas e brinquedos para as crianças (CRUZ, 2003). Esse progresso técnico-industrial propõe outras formas mais requintadas de diversão equipamentos esportivos, playground e até mesmo outras formas de padrões ligadas à modernidade. Em desvantagens, as praças cada vez

mais perdem sentido na vida, e o significado social, especialmente, dessa gleba e talvez quem sabe, de gerações futuras. (DE ANGELIS, 2005, p.3)

Com a evolução do estilo Eclético Colonial para o Moderno, as praças brasileiras passam por um período de transição, no qual se salienta a figura de Roberto Burle Marx, até completar o modelo de praças contemporâneas que por sua vez, apresentam finalidades versáteis e atualmente passam por um processo de revitalização e apreciação histórica (CRUZ, 2003).

Com o século XX chegam as mudanças sócio econômicas do crescimento urbano, exigindo projetos mais racionais, modernos. De modo a privilegiar a funcionalidade, as praças agora estão voltadas ao lazer ativo, com quadras, brinquedos, área de jogos e afins.

No final do século então, com o amplo aumento no número de veículos e pessoas, as cidades enfrentam uma contrariedade de cunho social e espacial e o desenho de praças passa a ser mais livre, buscando responder as necessidades socioculturais da atualidade. Surge então a linha projetual contemporânea que combina aspectos dos períodos anteriores, complementando os usos comercial e de serviço aos espaços que antes eram apenas contemplativos e de lazer.

Abaixo é apresentada uma tabela com um resumo das características dos estilos de praça. Sobre essas características, Jorge Minda (2009, p. 47) discorre:

As linhas ou tendências estéticas, a eclética e a moderna, podem ser interpretadas e identificadas claramente pelas correntes do pensamento da história da arquitetura. A linha contemporânea, marcada pelas transformações sociais, culturais, tecnológicas, a globalização e as amplas mudanças nos conceitos que têm levado a um momento que poderíamos chamar de “pluralidade contemporânea”, onde todo é possível, não tem permitido uma clareza teórica que possa defini-la; ainda é uma linguagem em construção.

PERÍODO	FUNÇÃO SOCIAL DAS PRAÇAS	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO DESENHO
COLONIAL	Convívio social Uso religioso Comércio e feiras Circulação Recreação	Desenho pré-elaborado sobre uma reticula regular; Templo e edifícios representativos no entorno; Jardim para contemplação
ECLÉTICO	Contemplação Passeio Convívio Cenário	Linha clássica: Rigidez geométrica de seu desenho e plantio – simetria; Ortogonalidade; Linha romântica; Traçado orgânico e sinuoso Ajardinamento de espaços livres
MODERNO	Contemplação Recreação Convívio social Lazer esportivo	Liberdade formal, formas orgânicas e geométricas; Vegetação como elemento tridimensional de composição de espaços
CONTEMPORÂNEO	Contemplação, passeio, convívio, serviços, comércio, circulação e lazer esportivo	Formalismo gráfico; Reconfigurações e mudanças estruturais; Valorização da praça seca com finalidade de circulação; Espaços multifuncionais e adaptáveis.

Quadro 01 - Relação dos estilos de praça
Fonte: Adaptado de Miranda 2009, p.27.

Com base do exposto pode-se finalizar que hoje as praças não se dispõem de uma estrutura rígida de desenho, se moldam a depender do local onde serão estabelecidas levando em consideração os desejos da população que as usará.

Identifica-se também que, quando os projetos são delegados unicamente ao poder público, as demandas arquitetônicas e estéticas perdem qualidade, os profissionais são incentivados a atentarem-se mais com demandas financeiras – em questões de custos e qualidade de materiais e mão de obra – do que com os aspectos sociais e funcionais para o bem-estar de quem irá desfrutar desses espaços e como estes irão proceder ao longo dos anos, se irão sobreviver as adversidades.

Sobre esse tema, Robba e Macedo (2003) defendem que em razão de sua grande visibilidade, os espaços públicos tornam-se em objetos de propagandas eleitorais uma vez que ocasionam um retorno aceitável na opinião da população em geral.

Ainda nesse contexto, os autores supracitados, afirmam:

Na atualidade, o maior investimento se faz para reformar praças em bairros nobres ou centrais. Algumas praças são reformadas por decisões políticas, que na grande maioria dos casos, trazem melhorias urgentes e

necessárias para a cidade, mas também, são frequentes os casos em que o espaço, mesmo que antigo, ainda funciona com pleno vigor e validade, não necessitando de reformas ou alterações, apenas um programa de manutenção eficiente e constante (ROBBA e MACEDO, 2003, P.48 apud MIRANDA, 2009, P.50).

Segundo Sun (2008) as modificações das praças dificultam o fortalecimento de uma identidade autêntica na paisagem urbana, além de influenciar o convívio social e a cidadania, assim como a construção da democracia. Ao longo dos séculos as praças foram sendo transformadas, passaram pelo ecletismo, modernismo até o contemporâneo, segundo aponta Robba e Macedo (2003).

Por fim, é interessante evidenciar que “a praça é, na atualidade, o único lugar propício à permanência e ao desenvolvimento de atividades sociais não consumistas” (ROMERO, 2001, p.29 apud MINDA, 2009, p. 50).

No modernismo os espaços livres públicos encontram-se numa escala tão grande que às vezes dificulta a convivência das pessoas, com superquadras, grandes rotatórias, grandes avenidas e parques enormes. A partir dos anos 1960, inicia-se, na Europa, um movimento de reflexão sobre o papel, a forma e a função dos espaços públicos. É nesse contexto que ocorre a reconquista da cidade com a restauração de áreas históricas privilegiando os espaços de memória e não apenas a construção do novo. Nesse movimento urbanístico a ênfase é dada aos espaços públicos do caminhar coletivo e não à circulação do automóvel, como ocorreu com o urbanismo modernista.

Este breve estudo da história e evolução do espaço público das praças ajudam a compreender a influência que exercem no uso dos espaços atuais, e podem contribuir para conservar e produzir outros espaços. Na atualidade observa-se que alguns segmentos têm uma consciência maior sobre a importância destes espaços na cidade, entretanto, por outro lado, nota-se que muitos espaços públicos estão degradados por apropriação inadequada ou mesmo por abandono.

3 INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE

Com uma análise mais aproximada da realidade regional é possível estabelecer diretrizes projetuais mais assertivas que sejam condizentes com as necessidades e anseios da população local.

Nesse contexto, analisar-se-ão as principais características do município, demografia, áreas verdes públicas e características da regional Boqueirão, buscando compreender a importância dessas áreas de respiro na morfologia urbana.

Após a análise regional e municipal, parte-se para os estudos do bairro e da área de intervenção, apresentando as principais condicionantes e potencialidades da Praça Menonitas.

3.1 CARACTERIZAÇÃO GERAL

3.1.1 Município de Curitiba

A cidade de Curitiba localiza-se no Estado do Paraná e possui uma área de 435,036km², distribuída em 75 bairros. Segundo dados do IBGE (2018), possui uma população estimada de 1.917.185 habitantes.



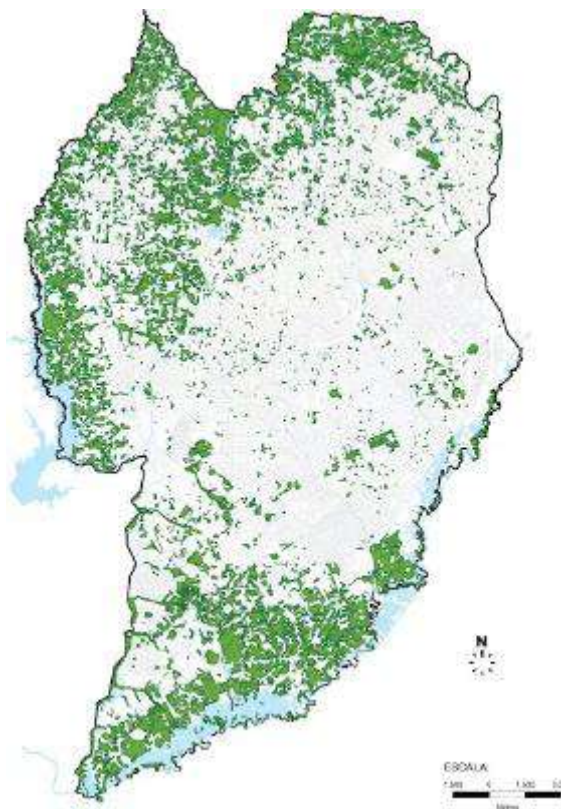
Mapa 01 - Localização de Curitiba em a nível nacional e estadual. Fonte: COMEC, 2012, editado pela autora.

Conforme o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba - IPPUC, Curitiba possui 454 praças distribuídas em nove administrações regionais, totalizando uma área de 2.694.477 m² (IPPUC, 2011).

3.1.1.1 Levantamento de praças e áreas verdes

Segundo Bargas e Matias (2011), as áreas verdes são definidas como espaços livres urbanos formados por vegetação arbórea e arbustiva, com solo livre de edificações ou coberturas impermeabilizantes, de acesso público ou não, e que exerçam as funções ecológicas, estéticas e de lazer.

De acordo com as informações da Secretaria Municipal do Meio Ambiente de Curitiba, a área dos maciços florestais de Curitiba teve um aumento significativo nos últimos dez anos, passando de 18% para 26% da área do município. Assim, o índice de áreas verdes que era de 51,5 m²/hab em 2000 aumentou para 64,5 m²/hab em 2010 (CURITIBA, 2012).



Mapa 02–Áreas verdes de Curitiba, 2007. Fonte: IPPUC, editado pela autora. Dados: Secretaria Municipal do Meio Ambiente

Mesmo que o município de Curitiba apresente altos indicadores de áreas verdes e possua um suporte legal para a conservação de áreas naturais, as condições climáticas vêm retratando alterações significativas que podem comprometer a qualidade ou conforto ambiental da cidade.

Segundo a Secretaria Municipal do Meio Ambiente (<http://www.curitiba.pr.gov.br>), pelo senso de 2013, há 454 praças públicas em Curitiba - Paraná, 41 delas na Regional Boqueirão, e 11 delas no bairro Boqueirão. A Praça Menonitas, objeto de estudo, é a maior do bairro e da regional, com 26.000 metros quadrados de área.



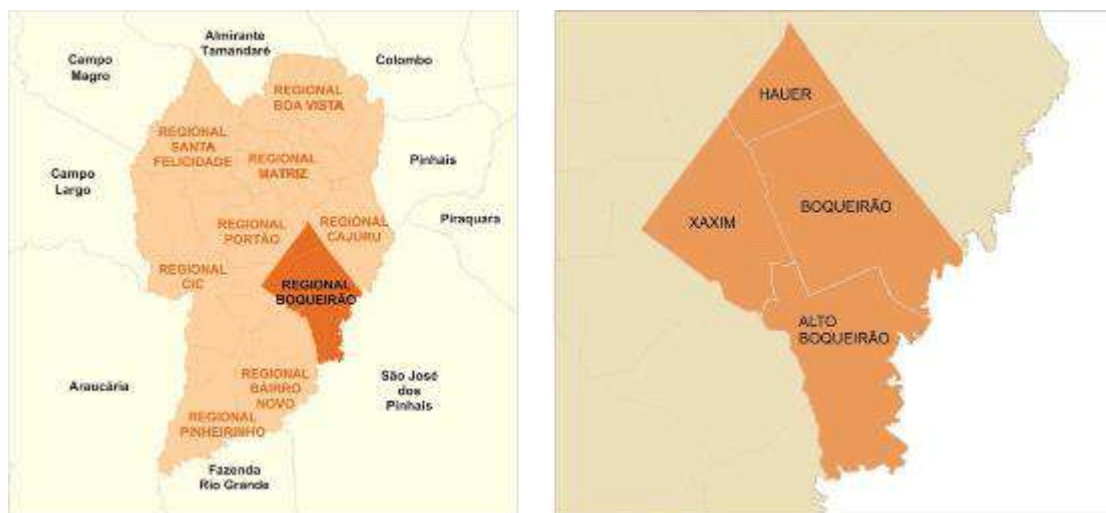
Mapa 03—Praças de Curitiba, 2007. Fonte: IPPUC, editado pela autora. Dados: Secretaria Municipal do Meio Ambiente

Os órgãos públicos que atuam sobre as praças, seja no seu planejamento, na sua implantação ou administração, serviços de manutenção e promoção de atividades de lazer, são diversos e estão distribuídas entre secretarias ou departamentos: Secretaria Municipal de Obras e Serviços Urbanos; Departamento de Engenharia; Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Agricultura; Secretaria de Esportes e Lazer; Secretaria de Educação e Cultura.

3.1.2. Regional Boqueirão

A Regional Boqueirão localiza-se ao sul da cidade, fazendo divisa com o Município de São José dos Pinhais. A área total da Regional é de 3.980,66 hectares, o que significa 9,2% do território de Curitiba. A Regional Boqueirão é composta por quatro bairros: Alto Boqueirão, Boqueirão, Hauer e Xaxim. O maior bairro da regional

é o Boqueirão com 1.474,39 hectares e onde o objeto de estudo, a Praça Menonitas, está localizada.



Mapa 04–Localização municipal e regional. Fonte: IPPUC, editado pela autora.

A Regional Boqueirão tem uma população de 197.346 habitantes, correspondendo a 11,26% do total do Município. A pirâmide etária apresenta um estreitamento na base indicando uma tendência na diminuição percentual de crianças e jovens. A população mais jovem representa 47,06% da população total, sendo composta por 41.297 crianças (0 a 14 anos) e 51.601 jovens (entre 15 a 29 anos). A população idosa (acima de 64 anos) é de 13.358 habitantes. Apesar de representar apenas 6,67%, essa faixa etária aumentou em números absolutos cerca de 55% no período de 2000 a 2010. (IPPUC)

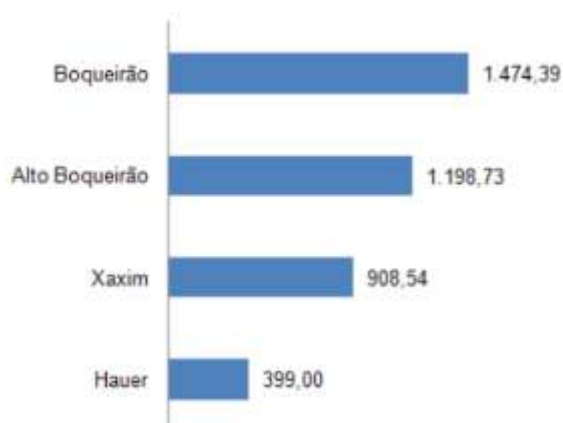


Gráfico 01 –Áreas (hec) regional. demográfica. 2010
Fonte: IPPUC, banco de dados.

Bairros	Habitantes		Densidade (habit./ha.)	Variação Populacional
	2000	2010		
Alto Boqueirão	51.155	53.671	44,77	-4,92%
Boqueirão	68.495	73.178	49,63	6,84%
Hauer	13.851	13.315	33,37	-3,87%
Xaxim	54.691	57.182	62,94	4,55%
Regional Boqueirão	188.192	197.346	49,58	4,86%

Figura 05: Quadro de população, densidade 2010
Fonte: IPPUC, banco de dados.

Segundo dados do Censo 2010 do IBGE a Regional Boqueirão tem 62.621 domicílios que representam pouco mais de 10% do total de domicílios da cidade. Ao

analisar a quantidade de alvarás emitidos pela Secretaria de Urbanismo no período de 2000 a 2012, observa-se que foram emitidos 24.427 alvarás para construção nos bairros da Regional Boqueirão. Deste total, 20.911 (85,6%) são destinadas para uso residencial e os demais para uso não residencial.

Num período de cinco anos, entre 2008 e 2012 foram construídas 9.538 unidades habitacionais na Regional e ocorreu um leve predomínio das unidades do tipo “casa” - sobrados e residências unifamiliares com 5.056 unidades, já os apartamentos tiveram 4.302 unidades no mesmo período. Um dos aspectos relevantes é o número de ocupações irregulares e a quantidade de população que vive nelas. A Regional Boqueirão possui 38 áreas de ocupações irregulares com 3.681 domicílios e 14.174 habitantes que representam pouco menos de 7,2% da população da regional.

A Regional Boqueirão possui dois terminais de transporte da RIT - Rede Integrada de Transportes: o Terminal Boqueirão e o Terminal do Hauer, juntos eles têm capacidade para mais de 144.000 passageiros por dia útil. O Terminal do Hauer tem duas linhas de expresso, sete alimentadores, uma linha do interbairros e três linhas diretas (Ligeirinho). O Terminal do Boqueirão por sua vez tem duas linhas de expresso, 14 alimentadores e três linhas diretas. Nesta regional mais de 92% da sua população vive a até 250 metros das linhas de ônibus. O Boqueirão é o que possui o menor percentual de população nestas condições: 88,11%. Os ônibus fazem a maior parte do seu trajeto em vias pavimentadas com asfalto ou concreto que representam 64% das ruas onde circula o transporte público. As vias com pavimentações alternativas como o anti-pó completam os outros 36%.



Mapa 05– Ocupações irregulares e linhas de ônibus com área de abrangência na Regional Boqueirão. Fonte: IPPUC - Geoprocessamento. Elaboração: IPPUC- Setor de Monitoração 2013

É de grande importância a participação da sociedade no planejamento e gerenciamento da cidade. A Regional Boqueirão possui 116 organizações que compreendem desde associações de moradores até clubes de mães e diversas outras organizações representando vários segmentos da sociedade. Estas entidades podem ter papel fundamental ao se buscar a aprovação de projetos ou na busca de informação sobre as necessidades da população local.

A Regional Boqueirão tem 6.281.066 m² de área verde, contribuindo com 6,2% do total da cidade. Com 31,83 m² de área verde por habitante, a Regional tem indicador abaixo do obtido pelo Município. Dos 6 milhões de metros quadrados de áreas verdes computados na Regional Boqueirão, 1.767.975 m² estão localizados em

equipamentos relacionados ao meio ambiente (parques, praças, jardinetes, eixos de animação, bosques, jardins ambientais, largos e núcleos ambientais). Com esse montante, a Regional Boqueirão contribui com 30% do total da cidade e resulta na melhor proporção por habitantes entre as regionais, equivalente a 8,96 m²/hab. Com relação à proporção de áreas verdes públicas por habitante dos bairros da Regional, Xaxim e Boqueirão apresentaram um indicador inferior ao constatado no município (3,36 m²/hab). Para o cálculo das áreas verdes públicas, foram cruzadas as informações de áreas verdes com as de equipamentos urbanos relacionados ao meio ambiente (parques, praças, jardinetes, eixos de animação, bosques, jardins ambientais, largos e núcleos ambientais).



Gráfico 02–Áreas verdes públicas por habitante (m²/hab). Fonte: Secretaria Municipal do Meio Ambiente (2010). Elaboração: IPPUC- Setor de Monitoração 2013.

A Regional Boqueirão possui 14 equipamentos públicos para a promoção social. O Bairro Boqueirão é o que concentra a maior parte deles, sendo atendido por um Centro de Atividade para Idoso, quatro Centros de Referência de Assistência Social, uma unidade do Conselho Tutelar, um Empório Metropolitano e três Liceus de Ofícios. Em relação aos equipamentos destinados ao esporte e lazer somam-se um total de 20. Destes, 14 são públicos e seis são particulares. A maior parte destes equipamentos está no Bairro Boqueirão que tem cinco Academias ao Ar Livre, três Centros de Esporte e Lazer, um clube recreativo e dois estádios.

3.2 OBJETO DE ESTUDO

Este capítulo propõe uma leitura mais aproximada em relação ao bairro que a Praça está inserida, apresentando dados gerais como densidade, transporte público e um breve histórico. É abordado também a evolução da Praça Menonitas.

3.2.1 O Bairro Boqueirão

O Bairro Boqueirão apresentou um acréscimo de 6,85% em sua população no período de 2000 a 2010. A densidade populacional da regional é de 49,63 hab/ha (habitantes por hectare) e o Bairro Boqueirão com 49,63 hab/ha, segunda maior densidade populacional da regional. A análise dos dados por bairro, mostra que no Bairro Boqueirão existem 278 domicílios em situação de extrema pobreza, correspondente à 37% do totalizado na Regional. E é o bairro da regional que concentra a maior parte dos domicílios - 25.292; possuindo 5 áreas de ocupação irregular com 841 domicílios e 3.238 habitantes.



Figura 06 –Domicílios e densidade.
Fonte: IPPUC, banco de dados.

Figura 07: Proporção de edificações no Bairro.
Fonte: IPPUC, banco de dados.

Analisando as áreas verdes do bairro, que possui 9 jardinetes e 13 praças como áreas verdes públicas, percebe-se que esse apresenta um indicador inferior ao constatado no município (3,36 m²/hab).

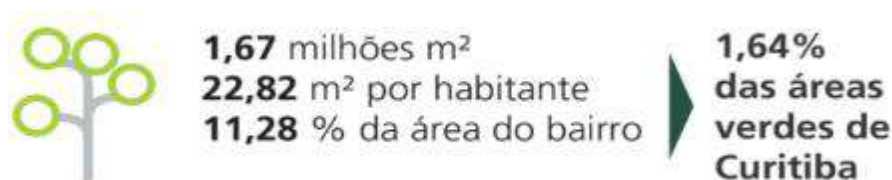


Figura 08– Relação de áreas verdes no bairro Boqueirão. Fonte: SMMA, Parques e Praças, 2010. Elaboração: IPPUC – Banco de dados.

3.2.2 Evolução da Praça Menonitas

A Praça da Colonização Menonita, conhecida pelos seus usuários como “Menonitas”, é um dos principais pontos de encontro e lazer da população que mora

na região Sul da cidade. Localizada entre as ruas Antônio Kosovski, Paulo Setúbal e Major Theolindo Ferreira Ribas, no Boqueirão, o espaço tem 26 mil m² e homenageia os colonos menonitas que habitavam a região no século passado.

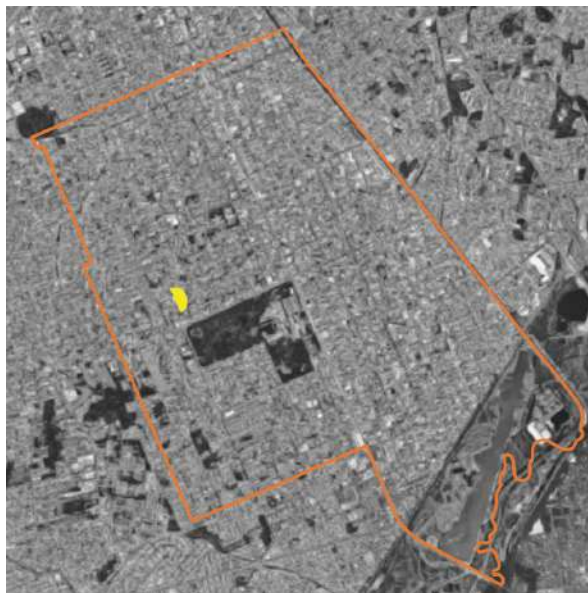


Figura 09–Localização da Praça em relação ao bairro. Fonte: Google Maps, adaptado pela autora, 2018

Curitiba passou a receber colonos menonitas em busca de novas terras no Brasil a partir de 1934. Inicialmente se estabeleceram nos bairros Pilarzinho, Bacacheri, e Guaíra em pequenas propriedades com o dinheiro da venda de suas próprias terras adquiriram 100 alqueires na região dos bairros Boqueirão e Xaxim, na região Sul da cidade, onde os campos abertos da região da capital paranaense permitiram o uso do arado e a criação de gado, formando um núcleo de pequenas chácaras. Uma das lembranças à comunidade em Curitiba é a Praça da Colonização Menonita. Localizada no Boqueirão (entre as Ruas Antônio Kosovski e Paulo Setúbal) o espaço é uma importante área de lazer na região sul da cidade.

A primeira notícia da Praça Colonização Menonita, se deu pelo jornal Correio de Notícias, em 09 de Novembro de 1986, o qual a reportagem relata a que a Prefeitura irá construir a maior praça de Curitiba no Boqueirão. A ideia era conservar o nome original da praça existente a 20 anos, porém composta apenas por gramado, e o transformar em um complexo esportivo, contendo um campo de futebol de grama, cancha poliesportiva, cancha de futebol de areia e duas quadra de vôlei, além de 12 mil metros quadrados de jardim, duas churrasqueiras cobertas e um setor administrativo. A estimativa era atender a 30 mil pessoas, com um orçamento de 600 mil cruzados.



Figura 10—Prefeitura constrói no Boqueirão a maior Praça de Curitiba, Jornal Correio de Notícias, 1986. Fonte: Acervo Casa da Memória e Fundação Cultural de Curitiba.

Em 29 de Março de 1987, o jornal Gazeta do Povo divulga a inauguração da Praça Colonização Menonita, que ocorreu dois dias antes dessa reportagem, e cita que foi construída pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente, com o apoio das secretarias de Obras, Transporte e Administrações Regionais. A praça é descrita como tendo três níveis, onde estão distribuídas quatro canchas, um campo de futebol com arquibancadas projetadas para acomodar 300 pessoas, um prédio administrativo com banheiros públicos, um palco para apresentações culturais, dois playgrounds, pista de atletismo e diversos jardins. É relatado que a Praça conta também com uma área onde foram plantadas árvores nativas, que futuramente formarão um denso bosque, onde foram construídas duas churrasqueiras cobertas. É mencionado também, como peculiaridade, o fato dos sanitários e alguns equipamentos serem planejados para deficientes físicos.



Figura 11—A cidade ganhou sua maior praça, Jornal Gazeta do Povo, 1987. Fonte: Acervo Casa da Memória e Fundação Cultural de Curitiba.

Em 1994, o jornal Folha do Boqueirão, lança na sua edição da primeira quinzena de Junho, a notícia de que a Praça Menonitas saíria do abandono. É mencionado que, desde sua inauguração, o espaço se tornou opção de lazer para os moradores da região, onde muitas pessoas utilizam a área para praticar esportes, ou comparecer as aulas de ginástica e basquete que a Prefeitura oferece. Porém fazia um mês que a Prefeitura havia retirado os funcionários, que faziam a limpeza da praça, e as rondas da guarda Municipal, trazendo aos usuários a sensação de abandono e insegurança. A matéria ressalta que o local está sempre movimentado, mas durante o final de semana a frequência chega a 3 mil pessoas circulando. Esse grande fluxo de pessoas, a não-conscientização dos usuários em relação a limpeza e o número insuficiente de latas de lixo vem causando uma série de problemas para a Menonitas.

O então administrador regional da Prefeitura no Boqueirão, Dirceu de Mattos, esteve no local e afirmou o retorno de jardineiros e guardas na praça, além de restabelecer a limpeza, aumentar o número de lixeiras, consertar as iluminações quebradas e reparar os equipamentos infantis danificados.



Figura 12–Praça Menonitas sai do abandono, Jornal Folha do Boqueirão, 1994. Fonte: Acervo Casa da Memória e Fundação Cultural de Curitiba.

Na edição da segunda quinzena de Novembro, no jornal Folha do Boqueirão, é apresentado à população o Primeiro Festival “Couver” da Praça Menonitas, um evento no qual um total de oito bandas se apresentariam e concorreriam a prêmios em dinheiro. Seria a primeira vez que isso aconteceria no espaço da Praça, onde já era um local conhecido não só no bairro, mas também na capital, como ponto de encontro,

prática de esportes e lazer nos finais de semana, além de ser, principalmente, um lugar de praticar atividades físicas nos dias de semana.



Figura 13—Praça Menonitas, 1994. Fonte: Acervo Casa da Memória e Fundação Cultural de Curitiba. Foto: Marcos Campos

Em 19 de Junho de 1995, é fundada a Associação de Moradores e Amigos da Praça Menonitas. Com mais de 20 moradores e amigos da praça, o objetivo é discutir assuntos de interesse geral para a comunidade frequentadora desse espaço de lazer.



Figura 14—Praça Menonitas ganha Associação de Moradores, Jornal Folha do Boqueirão, 1995. Fonte: Acervo Casa da Memória e Fundação Cultural de Curitiba.

Desde então, a Praça sofreu significativas mudanças, como a extinção das churrasqueiras existentes na sua inauguração, a vinda do 4º módulo da Polícia Militar e a reforma da nova sede administrativa, que hoje funciona como o Centro de Esporte e Lazer Menonitas.

3.2.3 A Praça Menonitas hoje

Embora Curitiba tenha 454 praças, apenas uma pequena parcela dos curitibanos adotou alguma delas para frequentar e usar. A maioria é pouco aproveitada e a cidade deixa de explorar potenciais palcos para eventos culturais, esportivos e gastronômicos que reuniram a população. Um dos casos positivos de Curitiba é a Praça dos Menonitas, que reúne a vizinhança em um amplo espaço propício para piqueniques, brincadeiras e atividades esportivas – com um módulo policial permanente no local.



Fotografia 01–Praça Menonitas. Fonte: Autoria própria,2017

A Praça da Colonização Menonita, ou Praça Menonitas, fica no Boqueirão, e conta com equipamentos públicos como aparelhos de ginástica, de alongamento, quadra poliesportiva e pistas de areia, além do Centro de Esporte e Lazer Menonitas, de ampla área verde, com gramado, arbustos floridos e ainda árvores, uma pista de

caminhada que contorna a praça, parquinho infantil e ainda um espaço de calçamento livre, numa área total de 26 mil m².



Fotografia 02—Visual da Praça.
Fonte: Autoria própria, 2107



Figura 15 – Centro de Esporte e Lazer Menonita
Fonte: Gazeta do Povo, 2017



Fotografia 03—Visual da Praça.
Fonte: Autoria própria, 2107.



Fotografia 04—Equipamentos de ginástica.
Fonte: Autoria própria, 2017.

A praça é utilizada para o lazer da população local, mas também para eventos de esporte e lazer promovidos pela Prefeitura. A Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude (SMELJ) é a responsável pela infraestrutura que oferece canchas de futebol de areia, canchas de vôlei de areia, sala de ginástica, pista de caminhada e quadra poliesportiva. São ofertadas atividades de ginástica para 3^a idade, ginástica para adultos, caminhada orientada, alongamento, orientação a corrida de rua, iniciação esportiva e vôlei, de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h e das 14h às 18h.



Fotografia 05–Visual da Praça.
Fonte: Autoria própria,2017.

Fotografia 06 – Quadras de areia.
Fonte: Autoria própria, 2017.

Antigamente a Praça Menonitas era para muitos moradores e comerciantes da região, sinônimo de insegurança, um espaço público que as famílias tinham medo de frequentar. Fato este que mudou completamente com a vinda da 4ª Companhia da Polícia Militar para a praça. Patrulhamentos constantes, multas e apreensões inibiram ações truculentas de bandidos e gangues, e transformaram a Menonitas em uma opção segura para aproveitar a infraestrutura oferecida pela prefeitura, fazer exercícios e se divertir.

Segundo uma matéria realizada pelo jornal eletrônico VR News, no dia 24 de outubro de 2015, a principal reclamação dos frequentadores é a falta de banheiros. Pelo tamanho da praça e pela grande quantidade de pessoas que a frequentam, há de imediato a necessidade de banheiros abertos ao público, que acaba utilizando o banheiro do Aqualung bar, da Lanchonete Menonitas ou do módulo da Polícia Militar.

3.3 ÁREA DE INTERVENÇÃO

Este capítulo tem como principal objetivo aproximar-se à realidade da Praça, fazendo análise do entorno imediato da mesma, concluindo a interpretação da realidade, a fase diagnóstica desta monografia, e a partir deste apanhado de informações será possível definir as diretrizes projetuais de maneira mais assertiva.

3.3.1 Condicionantes do terreno

3.3.1.1 Acessos, topografia, vegetação e visuais

De acordo com análises feitas *in loco* no entorno da Praça Colonização Menonita, o acesso se dá pela Rua Paulo Setubal e a alça da Rua Antônio Kosovski. As ruas Major Teolindo Ferreira Ribas, e Antônio Kosovski são usadas como estacionamento pelos usuários da praça, principalmente a rua ao lado do módulo policial, que é sem saída.

Quanto à topografia, encontra-se duas grandes partes planas. A primeira e mais baixa na área das quadras e de equipamentos de alongamento, e o desnível acontece na parte de fora da praça, na calçada; parte do terreno é sustentada pela arquibancada de concreto, e outra é talude. A segunda parte plana fica a sul, onde encontram-se os módulos de: aparelhos de ginástica, playground infantil, área de bosque e o Centro de Esporte e Lazer. A topografia permite obter visuais tanto de dentro, como de fora da Praça, com um vasto campo de observação e potenciais.



Mapa 06: Localização, áreas verdes, topografia e visuais.
 Fonte: Elaborado pela autora, a partir do Google Maps, 2017.



**Fotografia 07, 08, 09–Visuais 1, 2 e 3, respectivamente.
Fonte: Autoria própria, 2017.**

A vegetação nas redondezas da estação é de médio porte, tendo a concentração na Praça Menonitas, no quartel do Exército brasileiro, o 5.º Grupo de Artilharia de Campanha Autopropulsado e nos lotes vazios.



**Figura 16–Áreas verdes no setor de intervenção.
Fonte: Google Maps, adaptado pela autora, 2017.**

3.3.1.2 Zoneamento e adensamento populacional

A área analisada é toda Zona Residencial 2, com exceção do quartel, que é Zona Especial Militar. Se caracteriza pela alta densidade, assim como a maioria do bairro Boqueirão, havendo uma predominância de espaços preenchidos em relação aos vazios.



Mapa 07: Cheios e vazios.

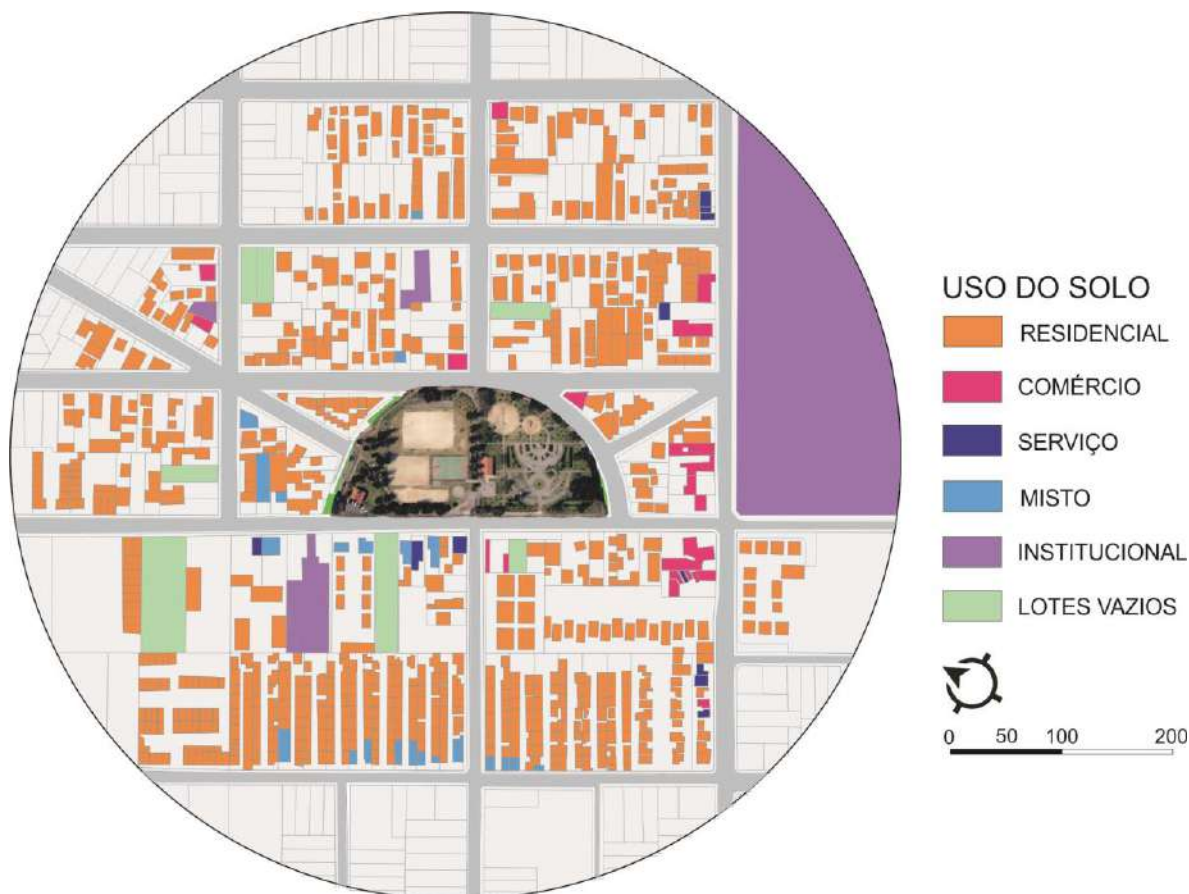
Fonte: Elaborado pela autora, a partir do Google Maps, 2017.

É importante ressaltar também, que para o melhor entendimento da área, foi feito um estudo de adensamento. Como pode ser visto no mapa figura-fundo acima, a área é bastante adensada, os vazios percebidos são, em sua maioria, as vias e porções maiores são glebas livres ou no caso deste vazio ao leste, o Quartel do Exército.

3.3.2 Análise do entorno

3.3.2.1 Uso e ocupação do solo e equipamentos urbanos

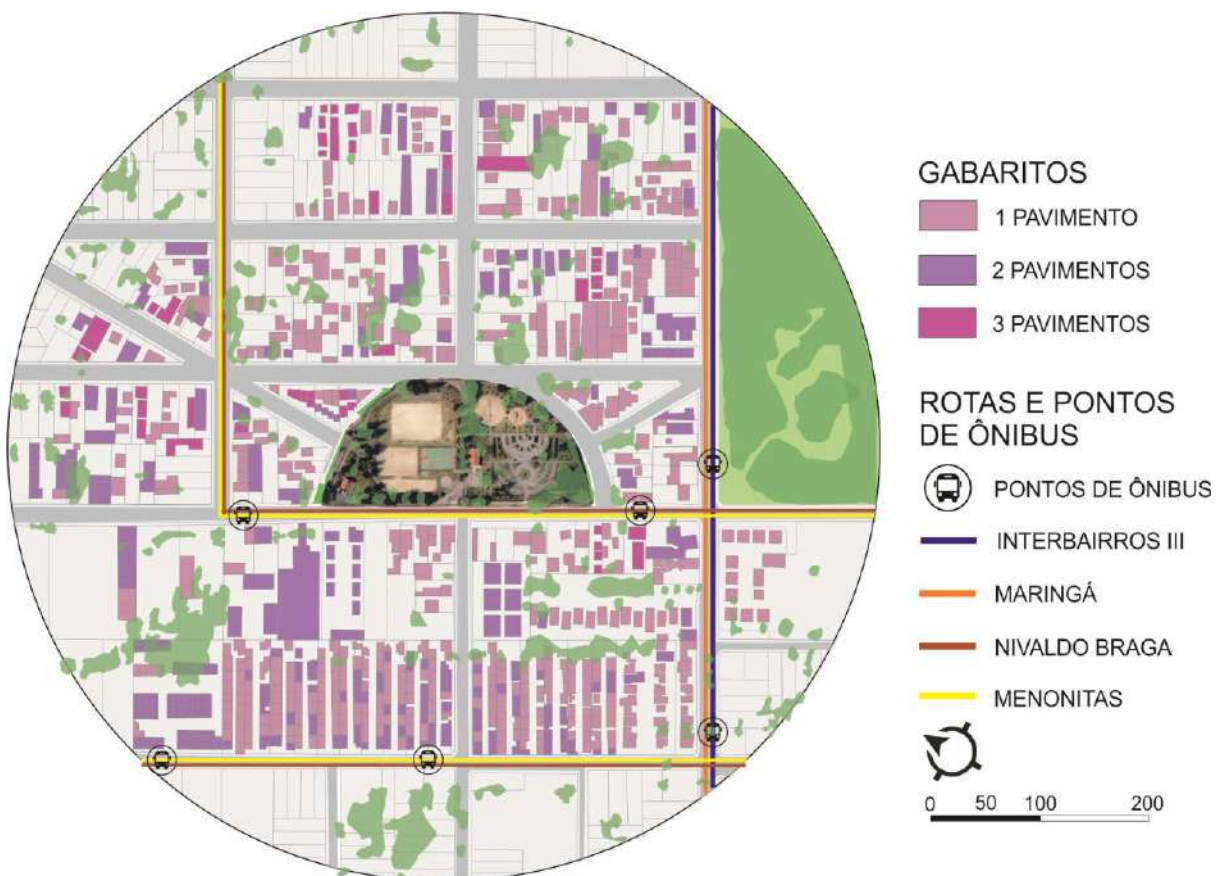
Enquanto os lotes com acesso pelas vias de menor fluxo são predominantemente residenciais, as quadras que estão nas ruas de maior movimento possuem uma diversidade mais expressiva - enquanto existem residências, há um aumento no número de estabelecimentos comerciais, de serviços e usos mistos. Existem quatro lotes institucionais ao redor da praça, destaque para o grande lote do Quartel do Boqueirão, além de duas escolas partícules, ao norte e sul da praça, e uma Igreja ao nordeste. Existem alguns terrenos vazios que preservam a vegetação do entorno, porém a escola, na R. Paulo Setubal, utiliza dois deles para estacionamento.



Mapa 08: Uso e ocupação do solo.
Fonte: Elaborado pela autora, a partir do Google Maps, 2017.

3.3.2.2 Gabaritos e transporte público

Os gabaritos não fogem à regra do zoneamento, e as edificações possuem entre um e três pavimentos. A chegada na Praça, através do transporte público, pode ocorrer com as linhas: Nivaldo Braga, alimentador da região que parte do Alto Boqueirão, passa na frente da Praça, e vai até o Terminal do Carmo; Menonitas: chamado de ônibus convencional, é o transporte, com ônibus diferenciado, de pessoas com necessidades especiais. No entorno da Praça, essa linha utiliza os mesmos pontos do Nivaldo Braga, porém sua rota é do bairro Sítio Cercado ao terminal SITES (Sistema Integrado de Transporte do Ensino Especial) no centro de Curitiba; Maringá: alimentador, que parte do Pinheirinho e vai até o mesmo terminal, onde o ponto é na frente do quartel, na R. Waldemar Loureiro Campos; Interbairros III: que sai do Novo Mundo e vai até o Santa Cândida, e tem o mesmo ponto do Maringá.

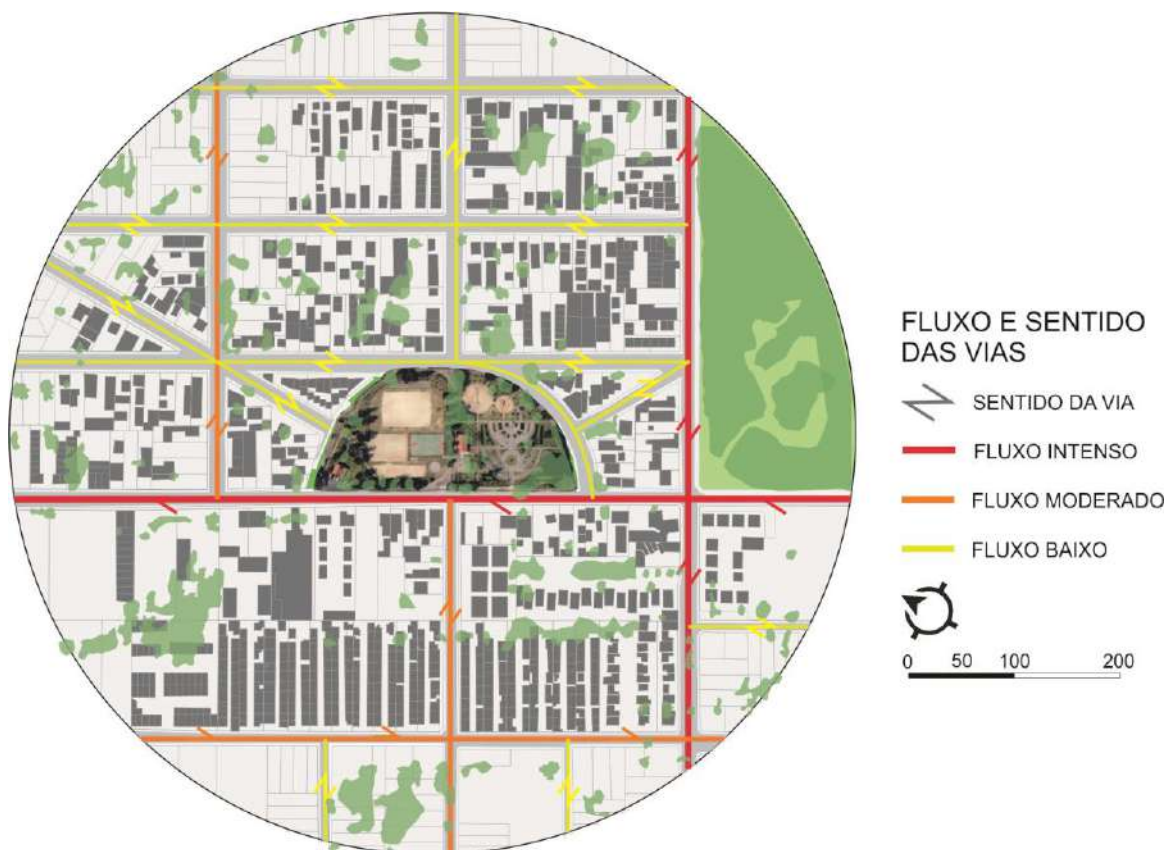


Mapa 09: Gabaritos e rotas e pontos de ônibus.
Fonte: Elaborado pela autora, a partir do Google Maps, 2017.

3.3.2.3 Fluxos

Se tratando dos fluxos, as vias com maior movimentação de veículos são a Rua Waldemar Loureiro Campos e Rua Paulo Setubal, esta última de mão única se configurando como principal acesso a região da Praça. A outra rua de mão única é a Rua Cascavel, que, depois dessa mudança, começou a passar linhas de ônibus e acabou se tornando uma via com tráfego moderado, onde as pessoas abriram pontos comerciais na parte de baixo seus sobrados. As demais vias apresentam um tráfego leve, principalmente devido a pavimentação. Todas as ruas do entorno são de antipó, porém estão com vários buracos ou então vários remendos, com exceção das duas com maior fluxo, pavimentadas com asfalto. Quanto ao tráfego de pedestres há um alto fluxo de pedestres no entorno da Praça, e um fluxo moderado nas demais ruas, com exceção das vias mais residenciais, como a Rua Padre Dehon, Rua Vereador Antônio Carnasciali, Rua Capitão Joviano Marquês de Oliveira, se configurando por receber menos movimentação de transeuntes.

Na confluência das Ruas Major Teolindo Ferreira Ribas, Vereador Antônio Carnasciali e Antônio Shiebel existe um ponto de conflito viário, que pode ser um entrave na malha, caso haja um aumento de fluxo de veículos nessas vias.



Mapa10: Fluxos e sentido das vias. Fonte: Elaborado pela autora, a partir do Google Maps, 2017.

4 ESTUDO DE CAMPO

Nesse capítulo é abordado o estudo feito *in loco*, através de entrevistas estruturadas e observação sistemática e assistemática, afim de determinar como os usuários vem esse espaço público, como eles se apropriam, ou não, e o que eles esperam que esse lugar ofereça.

4.1 OBSERVAÇÃO

A partir dos conceitos estudados e apresentados no capítulo 2, Instrumentos Teóricos, foram feitas as análises em vários dias, por um período de 3 horas, em diferentes horários e dias da semana. Foram observados a quantidade de pessoas

reunidas em grupos, as atividades dessas pessoas, onde elas estão sentadas, além do período do dia e da temperatura.

A primeira experiência foi no dia 12 de setembro, terça feira, das 18 às 21 horas, onde não era válido o horário de verão, e a temperatura estava em torno dos 14°C com vento moderado. Percebeu-se que haviam grupos de aproximadamente oito pessoas sentados nas arquibancadas, quatro pessoas sentadas no campo aberto, onde há bancos de madeira, dezoito pessoas jogando bola na quadra de futebol e doze pessoas utilizando a pista de caminhada durante o tempo de observação. Havia um grupo de aproximadamente quinze pessoas praticando atividades físicas guiadas. Com relação a iluminação, a Praça é bem provida nas quadras e áreas abertas, porém onde a vegetação é um pouco mais densa e atrás do módulo policial, na rua sem saída, há pontos escuros, e os usuários evitavam caminhar ou permanecer nesses lugares.



Fotografia 10 – Observação durante a noite. Fonte: Autoria própria, 2017.

O segundo dia de observação direta foi no dia 23 de outubro, segunda feira, das 16 às 19 horas. Vale ressaltar que já havia começado o horário de verão, e as temperaturas estavam amenas, em torno de 16°C, com o céu parcialmente nublado e vento leve. Logo nos primeiros momentos, percebeu-se que haviam em torno de vinte usuários utilizando a pista de caminhada, porém esse número é bem variável, devido ao fluxo bastante grande. Havia também um grupo de cinco pessoas na arquibancada perto da quadra de areia, três idosos utilizando os equipamentos de ginástica, dois ciclistas dividindo a pista de caminhada com os usuários, porém a pista não é de uso compartilhado, e já é bastante estreita para duas pessoas passarem ao mesmo

tempo; além de duas crianças acompanhadas pelos seus pais, e ao decorrer do tempo, somaram mais seis crianças.

As 18h30, um grupo de 25 idosos compareceu para a aula de caminhada orientada, oferecida pela prefeitura por meio da Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude. Nesse horário começaram a chegar usuários para utilizar a quadra de futebol e a pista de caminhada, que ficou ainda mais movimentada com a chegada de vários ciclistas, tanto crianças quanto adultos, para dividi-la. Ao decorrer da tarde, várias pessoas utilizaram os equipamentos de alongamento antes de iniciarem suas atividades físicas, sejam elas na pista ou nos equipamentos de ginástica. Já no final da tarde, percebe-se vários grupos se acomodarem na grama, nas áreas de sombra, e permanecerem lá.



Fotografia 11 – Observação durante o dia. Fonte: Autoria própria, 2017.

A observação direta do terceiro dia ocorreu no feriado nacional de Finados, dia 2 de novembro, uma quinta feira. O período de observação foi das 15 as 18 horas, em um dia de sol forte e temperatura em torno de 20°C. Devido ao feriado prolongado, a Praça contava com inúmeros usuários. Todos os equipamentos estavam sendo utilizados e alguns estavam suportando além da sua capacidade, como por exemplo o playground infantil, os equipamentos de ginástica e as áreas de sombra eram insuficientes para a quantidade de usuários. Percebe-se esse fato nos registros fotográficos a seguir.



Fotografia 12 – Playground infantil. Fonte: Aatoria própria, 2017.



Fotografia 13 – Playground infantil. Fonte: Aatoria própria, 2017.



Fotografia 14 – Quadra de areia.

**Fotografia 15 –Permanência nas áreas de sombra
Fonte: Aatoria Própria, 2017.**

O que ficou mais claro nesse último dia de observação foi o fato de grupos procurarem lugares com sombra e privacidade, mas em contrapartida saber o que está acontecendo dentro da praça, o que a Menonitas torna possível devido a sua topografia e sua falta de vegetação densa. A seguir estão alguns registros de dois grupos em particular. Um deles se acomodou atrás do Batalhão da Polícia Militar, na parte mais baixa da praça e de costas para a rua sem saída; o outro grupo se

condicionou na parte mais alta, e no único lugar, das duas arquibancadas, que pega sombra, de costas para a rua com maior fluxo, portanto, também, maior ruído.



Fotografia 16 e 17 – Permanência nas áreas de sombra. Fonte: Autoria própria, 2107.

Outro ponto importante são os comércios ao redor da Praça. Bem como os da Rua Paulo Setubal, os dois mais frequentados pelos usuários da praça são a distribuidora de bebidas, na esquina da Rua Major Teolindo Ferreira Ribas e a Rua Antônio Kosovski, e o bar Aqualung, na esquina em frente ao playground infantil. No dia da observação, foram identificados dois comércios ambulantes, um carro de caldo de cana, e outro de churros, vide registro fotográfico a seguir. As vias no entorno da praça estavam repletas de carros estacionados, já que não há lugar próprio para esse fim ao redor da mesma. As áreas sem vegetação também são usadas na Praça Menonitas, por ciclistas, por usuários que preferem fazer dali a sua área de permanência e de passagem.



Fotografia 18 – Estacionamento na via e comércio ambulante. Fotografia 19 – Áreas abertas sem vegetação. Fonte: Autoria própria, 2107.

Com essa experiência, conforme Whyte observou, os grupos de usuários se apropriam do espaço público conforme sua interação e intimidade com o lugar, e, por mais simples que pareça, as pessoas tendem a permanecer onde há lugares para sentar. A Praça Menonitas tem um público usuário ativo e constante, porém carece de equipamentos, mobiliário e lugares para sentar, principalmente na sombra. Os

bancos da Praça, isolados e degradados não fornecem conforto, devido ao seus tamanhos, formas e constante insolação; isso também é válido para a grande arquibancada de concreto, visto que nos dias nublados ela está sendo utilizada, já nos dias de sol intenso as pessoas se acumulam nas áreas de sombra das copas das árvores, diretamente no gramado.

Percebe-se também que a pista de caminhada ao redor da Praça é bastante utilizada, assim como seus equipamentos, porém sua variação na largura e sua irregularidade a torna de difícil compartilhamento, quando há pessoas passando em direções opostas. Notou-se também caminhos informais feitos pelos usuários, vide registro fotográfico a seguir, do playground infantil em direção a arquibancada e as quadras. A topografia da Praça quase não é sentida pelos usuários, já que as atividades estão concentradas em duas grandes áreas planas.



Fotografia 20 e 21 – Caminho formal e caminho informal. Fonte: Autoria própria, 2017

Com exceção da Rua Paulo Setúbal, as ruas lindeiras da Praça são de baixo fluxo, e são usadas como estacionamento para os frequentadores da praça. Essas ruas são bastante irregulares e em mal estado de conservação. Na Rua Paulo Setubal, a velocidade máxima é de 30 km por hora, porém essa velocidade não é respeitada pelos motoristas, e há somente uma lombada, quase na metade da Praça, antes do cruzamento com a Rua Gabriel Corisco Domingues. A única faixa de pedestres no entorno da Praça Menonitas está logo depois dessa lombada. Devido a entrada da escola se localizar na frente do posto policial, há uma lombada, porém, a mesma não garante a travessia segura de pedestres.

Os usuários desfrutam dos espaços públicos que lhes são oferecidos de diversas formas, o que foi observado é que cada tipo de comportamento ocorre diante da necessidade de cada usuário.

4.2 ENTREVISTA ESTRUTURADA

Após a análise morfológica da área e o período de observação, passou-se à fase de contato direto com os usuários da Praça. Foi aplicado um questionário (APÊNDICE 1), com o objetivo de determinar o perfil dos frequentadores, origem e destino, os usos empregados, as condições dos equipamentos, calçadas e vias do entorno, os problemas identificados e quais as expectativas para o espaço de lazer. O questionário foi aplicado em dias diferentes e horários variados, nos turnos da manhã, tarde e começo da noite, com um total de 172 questionários respondidos.

No perfil dos frequentadores da Praça, não há um gênero predominante, 51% homens e 49% mulheres. Já faixa etária predominante dos entrevistados é de jovens com menos de 20 anos – 49%, depois adultos de 31 a 50 anos – 28%, em seguida idosos com mais de 51 anos – 14%, e por fim os jovens adultos, com idade entre 21 e 30 anos – 9%. A metade dos usuários, 51%, frequentam o ensino médio, e 86% dos usuários residem no bairro Boqueirão, o restante são dos bairros Hauer, Xaxim e Alto Boqueirão.

Quanto à utilização da Praça Menonitas, 53% dos entrevistados responderam que costumam usufruir a praça sempre (uma a duas vezes na semana), e o restante frequentemente (uma a três vezes por mês). 42% dos usuários relataram que frequentam a Praça nos finais de semana, 39% sem dias específicos e 19% em dias de semana, e a predominância no horário de visitação   de 77% no período da tarde e final da tarde. Sendo o tempo de permanência predominante – 60% - de até duas horas, 28% dos usuários permanecem na Praça 3 horas ou mais, e 12% até uma hora. Quando perguntado o motivo da visita o na Praça, 63% objetivam o lazer, 30% para praticar atividades físicas e 7% frequentam a praça com o intuito de permanência e descanso.

Apesar de as pessoas permanecerem por mais de uma hora, a praça ainda assim apresenta poucos atrativos, desse modo a implanta o de elementos que entret m a popula o faria com que os moradores permanecessem mais tempo na praça. A popula o precisa de um lugar para suas horas de lazer, e a praça acaba

facilitando a vida das pessoas quanto a proximidade de suas casas, e ali naquele ambiente podem ter contato social com outras pessoas (GOMES, et. al., 2003)

Em relação aos equipamentos que os frequentadores utilizam, a pista de caminhada está em primeiro lugar com quase trinta por cento, depois as quadras de esportes, áreas de permanência e descanso, equipamentos de ginastica e por fim o playground infantil, respectivamente.

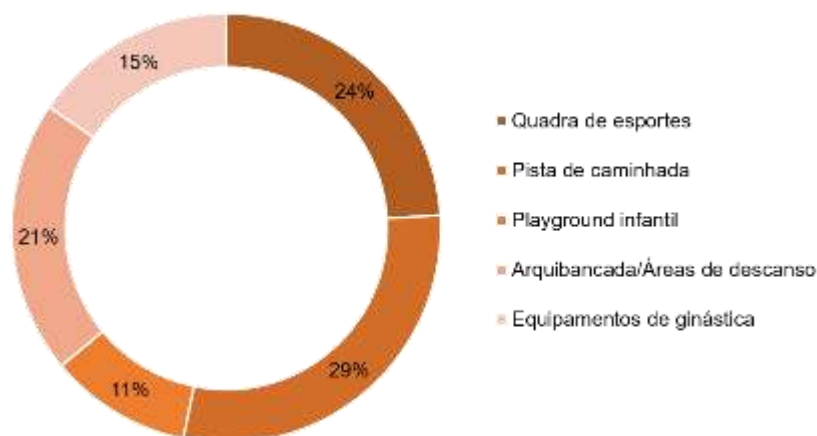


Gráfico 03 – Utilização de equipamentos. Fonte: Elaborado pela autora

Devido a sua alta densidade e o fato do bairro ser, em sua maioria residencial, além da escassez de outros espaços públicos no mesmo, as pessoas veem nas praças a única alternativa para lazer, e praticar exercícios físicos (GOMES, et al., 2003).

Os pontos positivos identificados pelos entrevistados estão em primeiro lugar a variedade de atividades, logo em seguida a iluminação, e limpeza, que somam 68% das respostas. Com uma diferença grande, aparece em quarto lugar a segurança, conseqüentemente a relação de sombra e luz da Praça, - em relação as arvores e iluminação natural – depois conservação e por fim, as condições de qualidade e quantidade dos bancos e lixeiras.

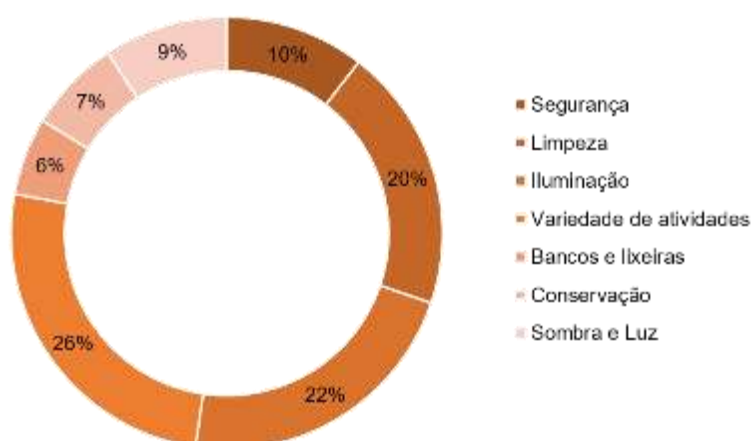


Gráfico 04 – Pontos positivos identificados. Fonte: Elaborado pela autora

Os entrevistados apontaram como pontos negativos a presença de usuários de drogas, insegurança e vandalismo, somando 72%, em seguida sujeira, falta de bancos, pista de caminhada irregular e insuficiente, e por último a falta de iluminação. Nas sugestões de possíveis melhorias do local, visando sua revitalização, foram colocados pontos como: mais policiamento, foram sugeridas rondas e monitoramento dentro da Praça, pois apenas o Batalhão Policia, mesmo que no terreno, não é suficiente para garantir a segurança e manter os usuários de drogas afastados, inclusive foram citados acompanhamentos da guarda municipal e do DETRAN; iluminação em alguns pontos como na área do bosque e atrás do posto policial, na rua sem saída; implantação de banheiros públicos; mais atividades para a comunidade, tanto recreativas como esportivas; quantidade e qualidade de bancos e lixeiras; melhorar o calçamento e largura da pista de caminhada; oferecer maior variedade e maior quantidade de brinquedos e espaço infantil; cobertura na arquibancada e quadras e por fim, implantação de pista para skates e bicicletas.



Gráfico 05 – Pontos negativos identificados. Fonte: Elaborado pela autora

Quando perguntado sobre a vegetação, 62% acham agradável, porém insuficiente; o mesmo resultado foi obtido na relação de vegetação/sombra. As pessoas responderam que a vegetação traz sensação de: tranquilidade (78%), segurança e pertencimento (11% cada).

Enquanto a como os usuários chegam na Praça, 55% responderam que vão à Praça a pé, 41% de carro e apenas 4% chegam de ônibus. Metade dos entrevistados considerou a velocidade das vias que contornam a Praça ideal, porém 72% dos mesmos colocaram como observação a exceção da Rua Paulo Setubal; e 67% considerou a pavimentação precária. Quanto às calçadas, 64% dos usuários consideraram estreitas, 56% irregular e sem acessibilidade.

Observa-se, então, que apesar das pessoas utilizarem a Praça, esperam melhorias rapidamente. A pista de caminhada, que é o equipamento com maior fluxo de usuários, foi apontada como estreita e irregular pela maioria dos entrevistados. E quando perguntados sobre os pontos positivos, a resposta mais frequente foi a variedade de atividades, o que demonstra a potencialidade do lugar em relação as expectativas dos usuários. Já os pontos negativos, surpreendentemente estão a insegurança, presença de usuários de drogas e vandalismo, o que demonstra que o posto policial na Praça não é suficiente para que os usuários se sintam confortáveis e seguros, principalmente à noite, como foi apontado por alguns entrevistados.

Sobre a maneira como os usuários chegam na Praça é uma questão importante, pois reflete sua área de alcance e como as pessoas estão dispostas a se deslocar por uma área de lazer de qualidade, e de acordo com o resultado obtido, tanto a vizinhança imediata quanto o bairro e regional se apropriam da mesma. Outro ponto levantado pelos entrevistados foi a falta de banheiro público na Praça, tendo assim que utilizarem os dos comércios próximos e a falta de estacionamento. E por fim a velocidade da via principal, da frente da praça, que, por mais que seja de 30 km/hora, os motoristas não respeitam o limite, e não há lombadas ou faixas de pedestres suficientes para garantir travessia segura.

5 ESTUDOS DE CASO

Neste capítulo, serão apresentadas as principais referências, sejam elas formais e/ou funcionais, como forma de auxiliar a proposta de requalificação urbana. Cada projeto utilizado como estudo de caso possui condicionantes e características que se assemelham à proposta a ser desenvolvida de modo a auxiliar na elaboração dos programas de necessidades, bem como na definição das diretrizes projetuais.

5.1 CONCURSO COLINAS DE ANHANGUERA

Na mesma escala da praça urbana proposta, este projeto foi escolhido tanto pelo seu caráter estético-formal quanto pela proximidade de uso. A praça proposta pelo escritório HUS – Arquitetura é um excelente exemplo de espaço público de qualidade.

O projeto está localizado na cidade de Santana de Parnaíba – SP, em um bairro isolado e carente de equipamentos de lazer e busca fazer com que uma praça se torne um elemento de ligação física e social do tecido urbano, reorganizando o seu traçado, qualificando os espaços públicos e potencializando o seu uso. O espaço de 21600 m² é fruto do remembramento de alguns terrenos que hoje estão vazios e fazem a ligação entre uma zona tipicamente residencial e outra de uso comercial. Essas características determinaram a setorização básica do projeto: ao norte, o local destinado ao encontro, manifestações públicas, feiras e shows, e ao sul, a área de caráter mais esportivo e de passeio.



Figura 17 – Implantação do projeto. Fonte: achdaily, adaptado pela autora, 2017.

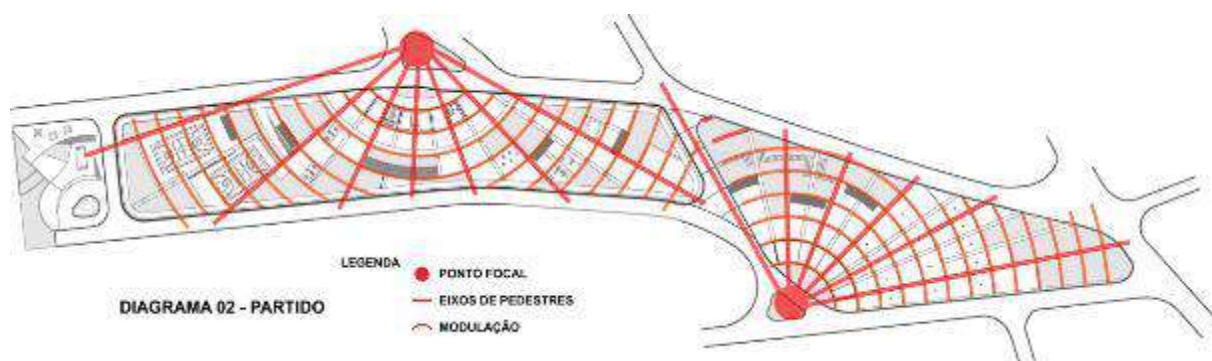


Figura 20 – Partido arquitetônico. Fonte: achdaily, 2017.



Figura 21 – Arborização. Fonte: achdaily, 2017.



Figura 22 – Permeabilidade do solo. Fonte: achdaily, 2017.



Figura 23 – Perspectiva. Fonte: achdaily, 2017.

5.2 CONCURSO PRAÇA CENTRAL DE GUARATUBA - PR

Esse projeto foi o vencedor de um concurso realizado esse ano, afim de resgatar a história da formação urbana de Guaratuba, litoral do Paraná. A aplicação da noção de conjunto e diretrizes urbanas, o bom desenho de mobiliário urbano e o cuidado com o paisagismo garantiram o prêmio para Bloco B arquitetura, Desterro Arquitetos e Giz de Terra Paisagismo.

O patrimônio paisagístico local direciona a organização espacial e a relação entre paisagem natural e construída, entre a memória e novas possibilidades de ocupação. O desenho do projeto se abre para a cidade, permitindo percursos cotidianos, turísticos e didáticos, bem como fácil acesso a elementos históricos.



Figura 24—Implantação. Fonte: archdaily, 2017.

Foi proposto um corredor verde que conecta a massa vegetal que cobre os morros junto à área urbana. A implantação de árvores nativas enfatiza a necessidade de manutenção do equilíbrio ambiental e qualifica os espaços da cidade. Além do projeto de novos canteiros, ampliação do passeio, e uma ciclofaixa que conectará até a praça em substituição a uma das faixas de estacionamento.

O desenho da praça se abre para a cidade, permitindo percursos cotidianos, turísticos e didáticos, bem como fácil acesso a elementos históricos. Não menos

importante é a integração com a orla da baía, seja através dos passeios, ou a partir do eixo da Igreja até o novo trapiche que se integra ao projeto previsto para o terminal turístico pesqueiro. Ao norte da praça, bares e pubs nas edificações recuperadas se aproximam dos restaurantes localizados no deck de frente para os 40 km² de água doce.

A premissa de integração entre mar, cidade, praça e a Baía de Guaratuba, resulta em um desenho que prioriza o pedestre, a acessibilidade universal e restrição ao automóvel, estimulando o uso da bicicleta através de ciclofaixas e vias compartilhadas. Todo o entorno da praça está no nível do pedestre, o que amplia a área útil da praça sem comprometer o fluxo de veículos. Uma modulação de 2,5x5m ao mesmo tempo em que viabiliza regularidade e racionalidade construtiva, permite criar espaços dinâmicos intercalando os tipos de pavimentação e canteiros. Os fluxos e conexões e a vegetação preexistente determinam o critério de locação dos estares, mobiliários, espaço infantil, jogos. Um largo se forma em frente à Igreja, para valorizar o patrimônio tombado e direcionar o olhar ao caminho que leva à Baía. A modulação proposta permite ainda a construção da praça em etapas.

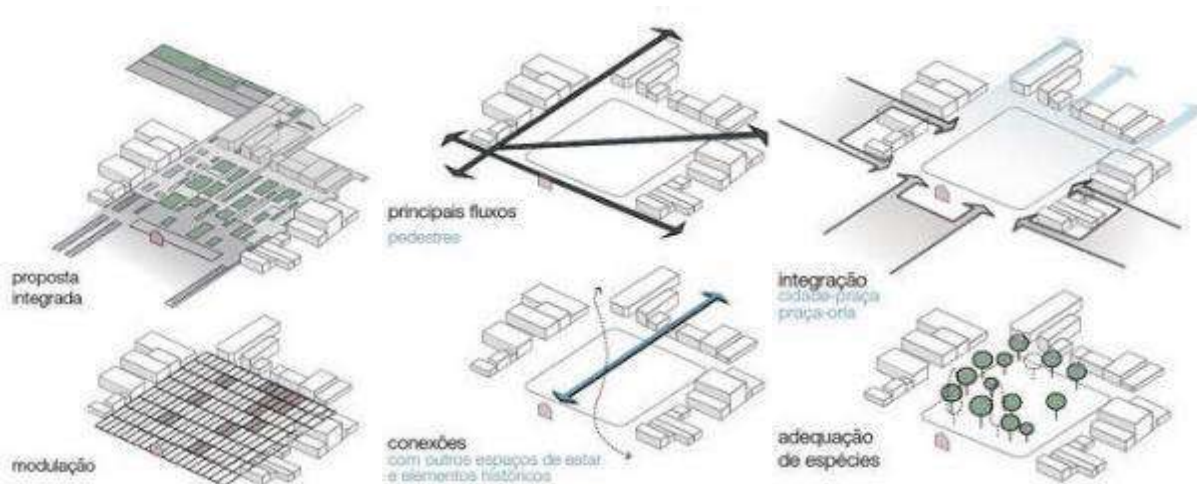


Figura 25 – Diagramas do projeto. Fonte: archdaily, 2017.

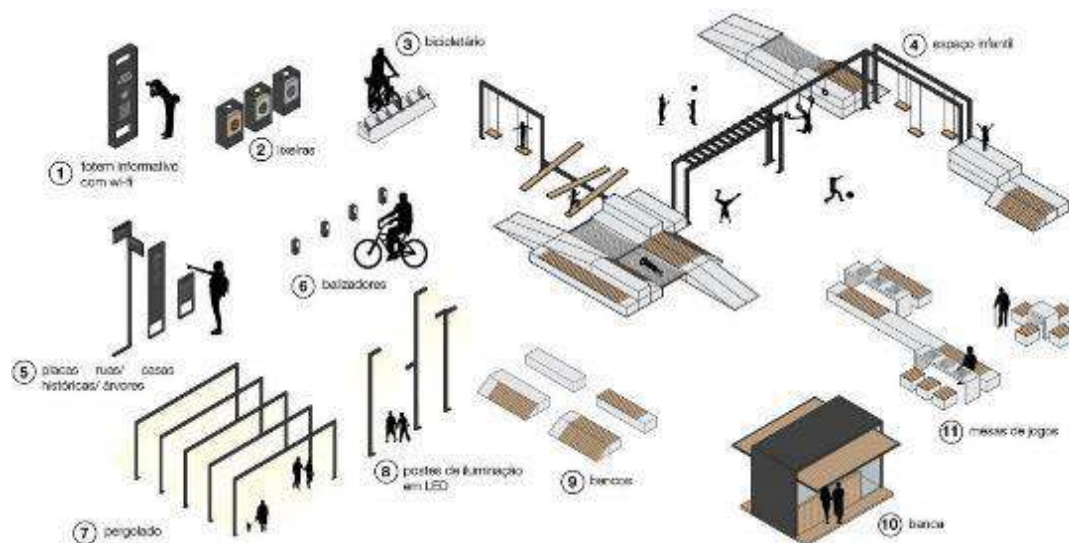


Figura 26 – Mobiliário proposto. Fonte: archdaily, 2017.

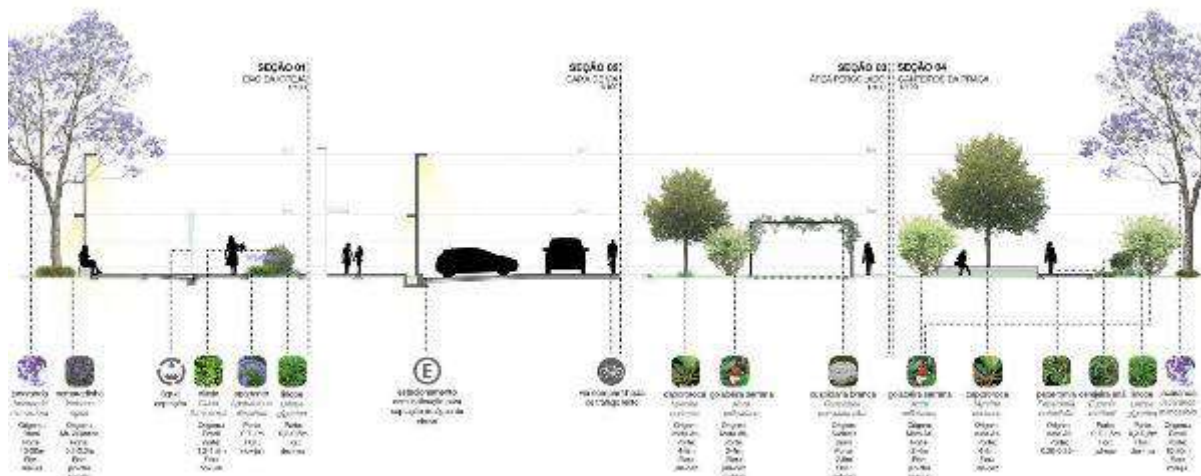


Figura 27–Corte esquemático. Fonte: archdaily, 2017.



Figura 28 - Perspectiva. Fonte: archdaily, 2017.

5.3 PRAÇA DA Balsa Vieja

A praça está localizada em Totana, um município da região de Múrcia na Espanha, e apesar de já estar construída, o projeto aqui apresentado é uma proposta de reforma desenvolvida pelo arquiteto Enrique Mínguez Martínez.

Seu entorno é bastante denso e possui primordialmente residências e pequenos comércios. Um importante condicionante projetual é o fato de existir um estacionamento subterrâneo sob a área da praça, o que dificulta a implantação de vegetação e estruturas que exijam fundações mais profundas.



Figura 29 – Planta de localização e Planta Geral. Fonte: archdaily, 2017.

O principal objetivo da proposta é revitalizar e fortalecer o uso do espaço, conferindo-lhe caráter próprio e sempre que possível acomodando usos múltiplos. A área de uso público, de descanso e as relações sociais, até os espaços mais íntimos onde reunir-se para relaxar, ler ou conversar.

Para isso a praça foi zoneada em dois grandes ambientes, um com vegetação e mobiliário de lazer e outro mais amplo que favorece o uso dos edifícios vizinhos. Devido a presença de desníveis dentro da área de intervenção foi criado um sistema próprio de pavimentação, além de mobiliários e equipamentos diversos.

Em seguida, os diagramas das diferentes camadas. No primeiro, a representação dos diferentes pisos, no segundo, as áreas de vegetação e sombra, o terceiro traz a implantação dos mobiliários, o quarto as modalidades de iluminação e o último explica como se dão as diferentes circulações – de pedestres em vermelho e automóveis em azul.

5.4 SÍNTESE

A seleção dos estudos de caso apresentados se deu através de busca por projetos correlatos ao tema, em especial de praças, revitalização do espaço urbano e espaços interessantes que se caracterizam como elementos que dão vida à cidade e conectam usuários e lugares públicos, destacando a importância de áreas verdes nos centros urbanos.

Por meio de uma análise paralela entre os estudos de caso selecionados, nota-se a valorização do cidadão com a criação de espaços públicos aprazíveis e de caracteres multifacetados que apresentem um programa arquitetônico e paisagístico sob medida para a proposta apresentada, adaptando a escala do projeto a escala humana. Outra característica importante foi o resgate das áreas verdes, principalmente nativas, e a relevância dessas áreas na densidade urbana.

No projeto de Colinas de Anhanguera, identificou-se no quesito de escala projetual, além de ser localizado no Brasil, auxiliando na consideração sobre os fatores climáticos. Além disso, o arquiteto preocupou-se em integrar sua praça ao entorno e deu preferência à circulação de pedestres em detrimento dos automóveis, característica também presente nos outros dois projetos estudados. A escolha para o plantio também foi um dos fatores, já que o objetivo foi de criar um envelope arbóreo para a praça de forma a garantir uma uniformidade espacial ao seu entorno. Dessa forma, toda a calçada periférica foi arborizada com espécies nativas, marcando as entradas principais.

O projeto da Praça Central de Guaratuba garante um desenho que prioriza o pedestre, a acessibilidade universal e restrição ao automóvel, estimulando o uso da bicicleta através de ciclofaixas e vias compartilhadas. Outro fator importante para a escolha dessa referência foi o mobiliário urbano, que segue a linguagem arquitetônica da praça, com linhas simples euras, utilizando-se de materiais de fácil acesso e aquisição.

A Praça Balsa Vieja, assim como a Praça de Guaratuba, são espaços mais próximos do convívio cotidiano e de fácil entendimento estético-formal. Ambas foram pensadas em contextos urbanos e dão a seus usuários espaços multifuncionais, mesmo que em pequenas dimensões.

De maneira geral, todos os projetos transmitem seus objetivos através de uma representação gráfica arrojada e simples e levam a seus interlocutores a certeza de

terem sido bem projetados. A partir da compilação desta análise é possível resumir os dados obtidos no quadro a seguir:

ASPECTOS OBSERVADOS	ESTUDOS DE REFEREÊNCIA		
	Colinas de Anhanguera	Praça Central	Praça da Balsa Vieja
Localização	Santana de Parnaíba - SP	Guaratuba - PR	Múrcia Espanha
Escala	Local/Regional	Local/Regional	Local
Usos	Esportes, lazer, contemplação, eventos culturais, apresentações.	Passagem, convívio, eventos culturais, lazer, recreação infantil.	Contemplação, passagem, convívio, comércios no entorno.
Objetivo	Revitalização de área ociosa para e qualificação do espaço público	Revitalização de praça em bairro histórico e resgate da conexão cidade/natureza	Revitalização de praça para integração no tecido urbano e qualificação do espaço público
Arborização (sombreamento)	Eficiente – posicionadas e projetas estrategicamente	Eficiente – preservando as existentes e projetando espécies nativas	Eficiente – condizente com o clima local
			

Quadro 02 - Síntese das informações. Fonte: elaborado pela autora, 2017.

6 DIRETRIZES PROJETOAIS

A concepção desta proposta de requalificação tem como base todos os estudos demonstrados acima, o entendimento sobre espaços livres e públicos, praças e principalmente o contexto em que está inserida a área de estudo.

Há décadas o setor de intervenção é visto como um espaço de grande convívio social, visto que oferece entretenimento, cultura e lazer. O projeto de intervenção visa valorizar ainda mais esse setor, revitalizando as condições físicas espaciais para a realização de atividades culturais que resgatem uma identidade que se perdeu ao longo do tempo.

Para isso, serão realizadas intervenções no meio urbano que tenham como objetivo agregar qualidade no espaço urbano, nas suas paisagens, no mobiliário e na sua diversidade de usos. Para isso serão tomadas medidas que incentivem o tráfego de pedestres, revitalize os espaços de lazer e mobiliário urbano, proporcionando melhor conforto ao caminhar pela área, ao sentar para descansar, encontrar os amigos, entre outras tantas possibilidades. Propor a instalação de atividades e serviços que atraiam o olhar e instigam no usuário a vontade de conhecer e permanecer naquele local, incentivando seu retorno nesse espaço.



Figura 33– Planta de Situação Praça Menonitas.
Fonte: Google Earth, adaptada pela autora, 2017.

Dessa forma, definiu-se os elementos essenciais para a proposta, aqui descritos em forma de diretrizes projetuais.

- Manter o máximo da vegetação existente;
- Estimular a utilização dos espaços pela população em diferentes dias e horários por meio de uma proposta que promova multiplicidade de usos, a partir da revitalização das áreas existentes, tornando-as capazes de atender os públicos de todas as idades;
- Privilegiar o pedestre através do tratamento dos passeios, em acordo com a Norma Brasileira 9050, e da adoção de soluções que tornam o espaço do automóvel secundário;
- Proporcionar bastante área verde, a fim de estimular o contato dos usuários com a natureza e minimizar os efeitos da insolação direta na área;
- Potencializar as funções de lazer, esporte e estar (espera e descanso) identificadas na área.

7. PROPOSTA

7.1. CONCEITO E PARTIDO ARQUITETÔNICO

Esta proposta de intervenção tem como objetivo principal integrar a requalificação urbana ao seu potencial de marco simbólico da praça, aliando também o papel de agregar pessoas.

Diante das características desejadas para a porção estudada, foi necessário estabelecer os delineamentos a respeito do conceito, que norteariam a proposta dali em diante. Para isso, levou-se em consideração a necessidade do uso comunitário, o papel de polo atrativo de pessoas e a valorização do espaço público.

Dessa forma, pensando na importância da Praça para o bairro e para a regional, na maneira como as pessoas se apropriam da mesma e em seu potencial de ponto nodal, surgiu o conceito “ímã”. Um objeto que tem o poder de atrair outros elementos para seu raio de magnetismo, influencia os objetos a orbitarem a sua volta. E é justamente isso que um espaço público deve proporcionar, deve provocar interesse, ser local de convergência de pessoas, culturas e convivências.

Na figura abaixo, observa-se a convergência das vias em direção à Praça, partindo de três terminais de transporte público e uma Rua da Cidadania, identificando assim seu potencial de atração e de público usuário.



Figura 34—Convergência de vias e possível público para a Praça.
Fonte: Google Earth, adaptada pela autora, 2017.

Para o Projeto de Paisagismo de requalificação da Praça Menonitas, foi identificado o uso da escala Fibonacci na sua composição. A fim de manter essa identidade original da praça e também desenhar novos caminhos que tragam essa atração e convergência de público, o conceito adotado na escala macro – urbana agora pode ser visto de forma mais notória no projeto.

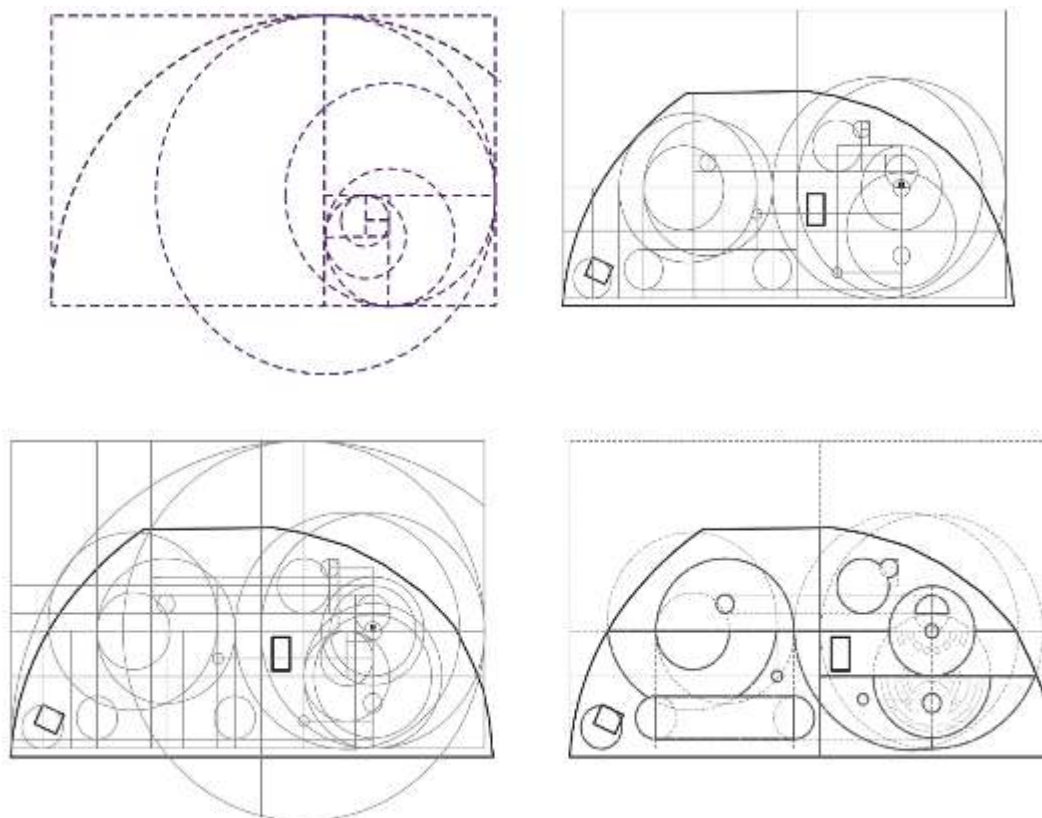


Figura 35–Processo criativo para as estratégias de implantação.
Fonte: Autoria própria, 2018.

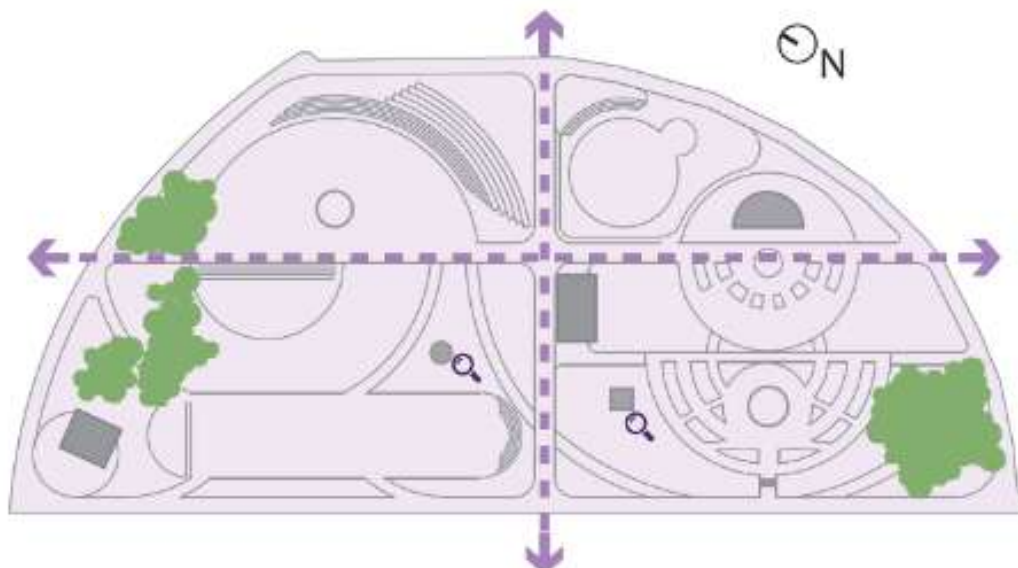
7.2. ESTRATÉGIAS DE IMPLANTAÇÃO

A partir das diretrizes citadas e os desejos dos usuários entrevistados, o programa de necessidades foi definido a partir de quatro setores principais: Esportes, Recreação, Contemplação e Administrativo; levando em conta, também, que os usos já existentes (quadra poliesportiva, quadra de areia e arquibancada) deveriam ser mantidos, mas sendo melhorados significativamente. A figura a seguir ilustra os Setores e o programa de necessidades.



Figura 36–Programa de necessidades e Setores.
Fonte: Autoria própria, 2018.

Na figura a seguir é mostrada as áreas verdes a serem mantidas, os principais fluxos de ligação entre as ruas adjacentes, a Praça, e seu entorno imediato; e também o contraponto entre os dois principais níveis, que contam com uma diferença de 10 metros no total; desnível esse que foi utilizado para trabalhar questões de figura/fundo, qualidade da paisagem proposta e visuais de interesse. O zoneamento da proposta teve como motivação a reorganização dos usos, buscando compatibilizar as atividades internas com os usos externos.



Mapa 11– Estratégias de implantação.
Fonte: Autoria própria, 2018.

7.3. PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO

A partir dos diagnósticos referidos anteriormente, das diretrizes traçadas através do desdobramento do conceito e dos estudos de caso tomados como referência, foram distribuídos os setores e suas atividades.



**Figura 37 – Vista aérea da Praça Menonitas.
Fonte: Autoria própria, 2018.**

Dessa maneira, o playground é deslocado para mais próximo à escola que é vizinha à praça, até como incentivo para as crianças se envolverem mais com o espaço público, inclusive com as quadras menores, de areia e a poliesportiva. Os aparelhos de ginástica e de alongamento disponíveis pela prefeitura também ficam concentradas no setor esportivo da Praça. Também é proposta uma área nominada Praça Seca, local disponível para feiras gastronômicas, culturais e food trucks, com guia rebaixada e acesso pela rua sem saída Vereador Antônio Carnascialli. As áreas de permanência desse espaço são as arquibancadas, protegidas com árvores da grande porte para sombreamento vegetal.



**Figura 38 – Vista aérea Setor Esportivo.
Fonte: Autoria própria, 2018.**



**Figura 39 – Vista da quadra poliesportiva.
Fonte: Autoria própria, 2018.**

No platô superior da Praça, onde há os principais acessos e visuais de interesse, estão localizadas a pista de skate, que fica próximo aos comércios vicinais adjacentes, o proposto Centro de Exposição Menonitas e a adaptação da estrutura existente na Praça para vestiários e área de apoio para futuros funcionários da praça. Além disso, nesse platô também há várias áreas de contemplação, permanência, de descanso e áreas de bosque. Ademais, a praça tem como objetivo ser um espaço multifuncional, então as pessoas estão livres para apropriarem-se da maneira que mais lhes conviver.



Figura 40 – Vista aérea do Setor de Contemplação.
Fonte: Autoria própria, 2018.



Figura 41– Vista Acesso Pista de Skate.
Fonte: Autoria própria.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de alcançar o objetivo do trabalho, levantamentos bibliográficos e iconográficos, análises do setor e entrevistas in loco e estudos de caso foram realizados para possibilitar maneiras e instrumentos de intervir no setor trabalhado. Decorrente disso, ficou evidenciado a necessidade a serem adaptadas ao contexto local. Com isso, um projeto de intervenção foi elaborado baseado num contexto que partiu do resultado das entrevistas e da observação, convidando os moradores e usuários a retomar e apropriar seu espaço de direito e obedecendo alguns critérios, tais como acessibilidade, mobilidade, estética, identidade local, entre outros.

O setor de intervenção, no bairro Boqueirão, caracteriza-se por ser um bairro popular, onde os lotes urbanos são de pequenas dimensões e as ruas estreitas, sendo a maioria residencial, com alguns comércios, serviços e usos mistos, tornando importante a presença de espaços livres na malha urbana, pois eles têm a função de suprirem a carência de áreas de recreação e convivência para a comunidade local. Este trabalho apresenta um diagnóstico do estado atual da Praça Menonitas, visando obter subsídios que auxiliem na reestruturação dos espaços existentes.

A proposta de intervenção no setor contou com inúmeras modificações, colocando como alvos principais o lazer, atividades esportivas, cultura, mobilidade, forma e organização dos usos da praça, mobiliário urbano, emprego e vegetação, pavimentação, implantação de banheiros e vestiários públicos, redesenho da pista de caminhada e do Centro de Esportes e Lazer Menonitas e implantação de pistas de skate e bicicletas. É notório que, sendo um ponto de referência no bairro, a Praça Menonitas e seu entorno devem ser também referência no que tange a cultura, beleza, história e um espaço que viabiliza o convívio social e outras atividades.

Ao analisar a proposta de intervenção, pode-se concluir que a Praça Menonitas é utilizada como um espaço de lazer, e também um ponto nodal criado em meio ao setor de intervenção para receber e direcionar as pessoas que irão desfrutar de uma nova imagem dada a uma das maiores e mais antigas praças da cidade. Nela será possível identificar sua multiplicidade de usos urbanos que ela admite: o comércio, os serviços, o encontro, o lazer, o entretenimento, o descanso ou simplesmente o estar que imprime ao indivíduo, o que é facilitado ainda mais pela permeabilidade de acesso.

As atividades que foram segregadas, marginalizadas, têm uma oportunidade de serem agrupadas em um espaço destinado a recebê-las, no intuito de que sejam apreciadas, valorizadas e fixadas. Com efeito, é possível reconhecer que a diversidade de atividades propostas para o espaço permite atrair um público amplo de forma ativa e agradável, sem, no entanto, comprometer a estrutura morfológica idealizada originalmente.

É importante lembrar que não basta projetar uma praça ou um parque. É preciso entender a dinâmica de uma cidade e a vida das pessoas no seu cotidiano, a fim de que os espaços públicos a serem projetados reflitam as necessidades e os anseios dos seus usuários, para só assim serem realmente utilizados. Um bom projeto de espaço público não depende apenas de uma boa execução técnica; também deve ser o espaço certo, no lugar certo e para as pessoas certas. A cidade precisa ser vista sob seus múltiplos aspectos, sejam eles físicos, sociais, econômicos ou culturais. E é este olhar múltiplo que deve ser absorvido pelas políticas públicas, que também precisam ser acompanhadas por políticas sociais que exerçam o controle do processo especulativo que envolve as melhorias urbanas, para que a população local, sobretudo a de baixa renda, possa usufruir das transformações e não seja expulsa de seu local de origem.

A manutenção das áreas verdes urbanas sempre foi justificada pelo seu potencial em propiciar qualidade ambiental à população. Ela interfere diretamente na qualidade de vida dos seres por meio das funções sociais, ecológicas, estéticas e educativas, que elas exercem para amenização das consequências negativas da urbanização.

Constata-se, assim, que é necessário que os usuários percebam inicialmente o espaço, estabeleçam alguma relação de identidade com ele, para então virem a se apropriar dele. Nessa perspectiva, o estudo sobre a apreensão urbana demonstrou ter um grande peso no que se refere ao planejamento e ao desenho urbano, na medida em que as decisões tomadas durante o processo de projeto constroem espaços que serão percebidos e, posteriormente, apropriados pelos seus usuários.

REFERÊNCIAS

ABBUD, Benetito. **Criando Paisagens - Guia de Trabalho em Arquitetura Paisagística**. São Paulo: Secac, 2006.

ALEX, Sun. **Projeto da Praça: Convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo: Senac, 2008.

ANDRADE, Luciana Teixeira de; JAYME, Juliana Gonzaga; ALMEIDA, Rachel de Castro. **Espaços públicos: novas sociabilidades, novos controles**. Cadernos Metr pole, Belo Horizonte, v. 10, n. 21, p.131- 153, jul. 2009.

ARCHDAILY. **Praça da Balsa Vieja**. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-21116/praca-da-balsa-vieja-enrique-minguez-martinez>> Acesso em: 15 Out. 2017.

ARCHDAILY. **Concurso Colinas de Anhanguera**. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-26700/1-graus-lugar-concurso-de-projetos-praca-colinas-de-anhanguera-hus>> Acesso em: 12 Out 2017.

ARCHDAILY. **Concurso Praça Central de Guaratuba - PR**. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/878655/primeiro-lugar-no-concurso-para-a-praca-central-de-guaratuba-pr>> Acesso em: 19 Out 2017.

BENEVOLO, Leonardo. **A cidade e o Arquiteto**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1984.

BRANDÃO, Pedro; CARRELO, Miguel; ÁGUAS, Sofia. **O chão da cidade: guia de avaliação do design de espaço público**. Lisboa: Centro Português de Design, pp. 189, 2002.

BRUN, Eleandro J.; BRUN, Gizele k.; CARVALHO, Tamara R.; SANTANA, G ssica M. **Uso e preposi o de revitaliza o participativa da Praa pública Lago da Paz em Dois Vizinhos - PR na visão dos moradores do entorno**. Publicado em: SynergismusscientificaUTFPR, Pato Branco, 06 (1); 2011.

CALDEIRA, Junia Marques. **A Praça Brasileira**: trajetória de espaço urbano – origem e modernidade. Tese de Doutorado em História - UNICAMP. Campinas, SP: [s. n.], 2007.

CARLI, Roberto Luiz. **A revitalização de um pequeno município**: o caso da Praça das Palmeiras em Santa Izabel do Oeste, Paraná. Revista Eletrônica Lato Sensu – UNICENTRO. Ed. 6 Ano: 2008

CARTA NAIROBI. 1976. Disponível em:
<<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=249>>

CASTELLS, M. **A Questão Urbana**. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 2011.

CORREA, Diego Fernando. **Espaço Urbano, Bens Públicos E Cooperação**: Um Estudo De Caso Da Revitalização De Praças Em Florianópolis Pela Empresa Woa Empreendimentos Imobiliários. Florianópolis (SC); 2014.

CORREA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Lisboa: Edição 70, 2008.

DEGREAS, Helena. **Praças no Brasil**: alguns conceitos preliminares. 2010. Disponível em:<<https://helenadegreas.wordpress.com/2010/02/22/pracas-no-brasil-alguns-conceitos-preliminares-2/>>. Acesso em 22 Set 2017

GOMES, Marcos Antônio Silvestre; SOARES, Beatriz Ribeiro. **A vegetação nos centros urbanos**: considerações sobre os espaços verdes em cidades médias brasileiras. Estudos Geográficos, Rio Claro, p.19-29, Junho, 2003. Disponível em:<www.cchla.ufrn.br/geoesp/arquivos/artigos/ArtigoAmbientePracas.pdf>. Acesso em: 02Nov 2017

GROSSO, Kerley Soares de Souza. **Intervenções urbanísticas como estratégia para o desenvolvimento local e revalorização da imagem da cidade**: análise da revitalização no município de Niterói (RJ). 1º SIMPGEO/SP, Rio Claro, 2008.

IPPUC_Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. **Retrato da Regionais**. Curitiba, PR, 2013.

IPPUC_Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. **Boqueirão**. Curitiba, PR, 2013.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. 3. ed. Porto: FGC, 2004.

LEITÃO, Lúcia. **As praças que a gente quer**. Manual de procedimentos para intervenção em praças. Recife: Secretaria de Planejamento Urbano e Meio Ambiente, 2002.

LOBODA, C. R., & DE ANGELIS, B. L. **Áreas verdes públicas urbanas**: conceitos, usos e funções. *Ambiência - Revista do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais*, 1(1), 125-139, 2005

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MACEDO, Sílvio Soares; SAKATA, Francine Gramacho. **Parques Urbanos no Brasil**. São Paulo:EDUSP, 2003.

MACEDO, S. S.; CUSTODIO, V.; CAMPOS, A. C. A.; QUEIROGA, E. F. **Sistemas de espaços livres e forma urbana**: algumas reflexões. In: XV ENANPUR - Encontro Nacional da Associação Nacional de 158. Pesquisa e Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, 2013, Recife. XV ENANPUR. Recife: ANPUR / UFPE, 2013. v. 1. p. 1-16.

MACEDO, S. S. QUEIROGA, E. F., CAMPOS, A. C. M. A., COSSIA, D., GONÇALVES, F. M., ROBBA, F., GALANDER, F. H. D., DA SILVA, J. M. P., PRETO, M. H., AKAMINI, R., CUSTÓDIO, V. **Considerações preliminares sobre o sistema de espaços livres e a constituição da esfera pública no Brasil**. In: V. R. Tângari, R. Andrade, & M. B. Schlee (Orgs.), *Sistemas de espaços livres*: o

cotidiano, apropriações e ausências (p. 60-83). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

MACEDO, S. S., QUEIROGA, E. F., GALENDER, F. C., CAMPOS, A. C. A., CUSTÓDIO, V., DEGREAS, H., GONÇALVEZ, F. N. **Os sistemas de espaços livres e a constituição da esfera pública contemporânea no Brasil**: produção e apropriação (QUAPÁSEL II). Paisagem e Ambiente: Ensaios, 30, 137-172, 2012.

MAGNOLI, M. M. Espaço livre: objeto de trabalho. Paisagem e Ambiente: ensaios, 21, p. 175-198, 2006.

MAGNOLI, M. M. E. M. **Espaços livres e urbanização**: uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana. Tese (Livre-docência em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

MENDONÇA, E. M. S. **Apropriações do espaço público**: alguns conceitos. Estudos e Pesquisa em Psicologia, 7(2), 296-306, 2002.

MUSSI VAZ, M. J., & SANTIAGO, A. **A apropriação popular de espaços públicos**. In Anais do VII Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo do Brasil – ENEPEA (p. 1-9). Belo Horizonte: ENEPEA, 2004.

NASCIMENTO, Tisbe Machado. **Proposta de requalificação da Praça Henrique Carloni**. Natal, RN, 2015.

RIBEIRO, Zenilda Lopes. **Dissertação: Praças e Lazer**: Dinâmica de Uso e Apropriação de Espaços Públicos em Sorriso-MT. Cuiabá: UFMT/ICHS, 2008.

REGO, Renato Leão; MENEGUETTI, Karin Schwabe. **A respeito de morfologia urbana**: Tópicos básicos para estudos da forma da cidade. Acta Scientiarum. Technology, Maringá, v. 33, n. 2, p.123-127, mar. 2011.

ROBBA, F.; MACEDO, S. S. **Praças Brasileiras**. Editora da Universidade de São Paulo, 311p., 2003.

SCARLATO, Francisco Capuano; PONTIN, Joel Arnaldo. **O ambiente Urbano**. 4. ed. São Paulo: Atual, 1999.

SERPRA, Angelo. **O Espaço Público na Cidade Contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007

VIERO, Verônica Crestani; BARBOSA FILHO, Luiz Carlos. **Praças Públicas: Origens, Conceitos e Funções**. In: JORNADA DE PESQUISA E EXTENSÃO, 2009, Santa Maria. Artigo. Santa Maria: Ulbra, 2009. p. 1 - 3.

YOKOO, Sandra Carbonera; CHIES, Cláudia. **O Papel das Praças Públicas: Estudo de Caso da Praça Raposo Tavares da Cidade De Maringá**. In: Encontro De Produção Científica E Tecnológica, 4, 2009, Curitiba.

WHYTE, W. H. **The social life in smallurbanspaces**. New York: Project for PublicSpaces, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionário aplicado *in loco* aos usuários da Praça Menonitas.



QUESTIONÁRIO PARA TCC - PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO DA PRAÇA MENONITAS E SEU ENTORNO

Essa pesquisa está sendo conduzida para o Trabalho Final de Graduação, e se insere no tema de requalificação urbana, tendo como objetivo principal desenvolver uma proposta projetual de requalificação da Praça Menonitas e seu entorno, visando elencar e promover seus usos de lazer e estar, juntamente com a reestruturação de seu entorno em questão dos fluxos das vias e segurança. Também terá uma proposta de melhora na sua estrutura dentro dos aspectos de acessibilidade, iluminação, conforto e mobiliário urbano.

PERFIL DOS FREQUENTADORES DA PRAÇA

- | | | | |
|--------------------------------|---------------------------------|-------------------------------------|----------------------------------|
| 1. Gênero | | 4. Escolaridade | |
| <input type="radio"/> Feminino | <input type="radio"/> Masculino | <input type="radio"/> Fundamental | |
| 2. Idade | | <input type="radio"/> Médio | <input type="radio"/> Completo |
| <input type="radio"/> -20 | <input type="radio"/> 20/30 | <input type="radio"/> Superior | <input type="radio"/> Incompleto |
| 3. Bairro que reside | | <input type="radio"/> Pós Graduação | |

UTILIZAÇÃO DA PRAÇA MENONITAS

- 5. Com que frequência você costuma usar a Praça Menonitas?**
 Nunca Frequentemente(1 a 3 vezes/mês) Sempre(1 a 2 vezes/semana)
- 6. Qual horário você costuma frequentar a Praça Menonitas?**
 Manhã Tarde Final da tarde Noite
- 7. Que dias da semana você costuma frequentar a Praça Menonitas?**
 Dias de semana Finais de semana Sem dias específicos
- 8. Quanto tempo você costuma permanecer na Praça Menonitas?**
 Menos de 1 hora De 1 a 2 horas Mais de 3 horas
- 9. Qual o motivo para frequentar a Praça Menonitas?**
 Permanência/Descanso Lazer Exercícios
- 10. Quais os equipamentos da Praça você costuma usar?**
 Quadra de esportes Pista de corrida Parquinho/Recreação infantil Arquibancada/Áreas de descanso
 Equipamentos de ginástica Outros _____
- 11. Quais os pontos positivos você consegue identificar na Praça?**
 Sombra/luz Limpeza Variedade de atividades Conservação (calçada/banheiros)
 Segurança Iluminação Bancos e lixeiras Outros _____
- 12. Dentre os problemas citados, qual(quais) você consegue reconhecer na Praça?**
 Vandalismo Sujeira Presença de usuários de drogas Pista de caminhada irregular
 Insegurança Falta de iluminação Falta de bancos Outros _____
- 13. Qual a sua sugestão para a melhoria da Praça Menonitas?**
-
- 14. Qual a sua opinião sobre a vegetação da Praça Menonitas?**
 Suficiente Agradável Sensação de: Segurança Pertencimento Tranquilidade
 Insuficiente Desagradável Outra _____
- 15. Qual a sua opinião sobre a relação vegetação/sombra da Praça Menonitas?**
 Suficiente Agradável
 Insuficiente Desagradável

MELHORIA DO ENTORNO

- 16. Como você chega da sua casa para a Praça Menonitas?** Carro A pé Ônibus
- 17. Se você chega a pé, é necessário atravessar a R. Paulo Setubal para acessar a Praça?** Sim Não
- 18. Na sua opinião, a velocidade das vias que contornam a Praça Menonitas é ideal?** Sim Não
- 19. Na sua opinião, qual a qualidade da calçada do entorno da Praça Menonitas quanto à:**
 Largura: Ideal Pavimentação: Regular Acessibilidade: Possui Outros: _____
 Estreita Irregular Não possui
- 20. Na sua opinião, a qualidade da pavimentação das vias que contornam a Praça é ideal?** Sim Não
- Obs: _____

APÊNDICE B – PRANCHAS DO PROJETO

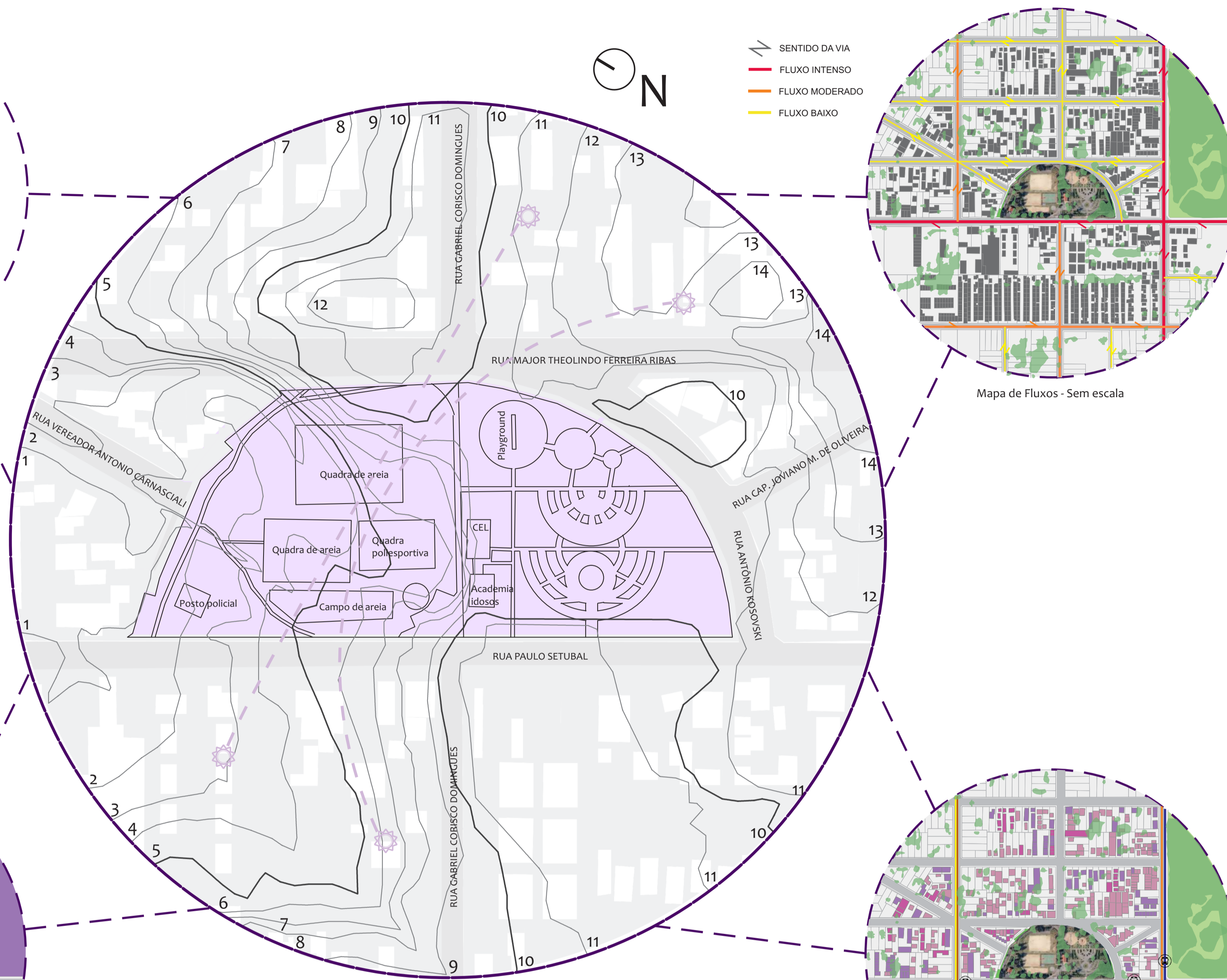
contexto



Mapa de Cheios e vazios - Sem escala



Mapa de Uso do Solo - Sem escala



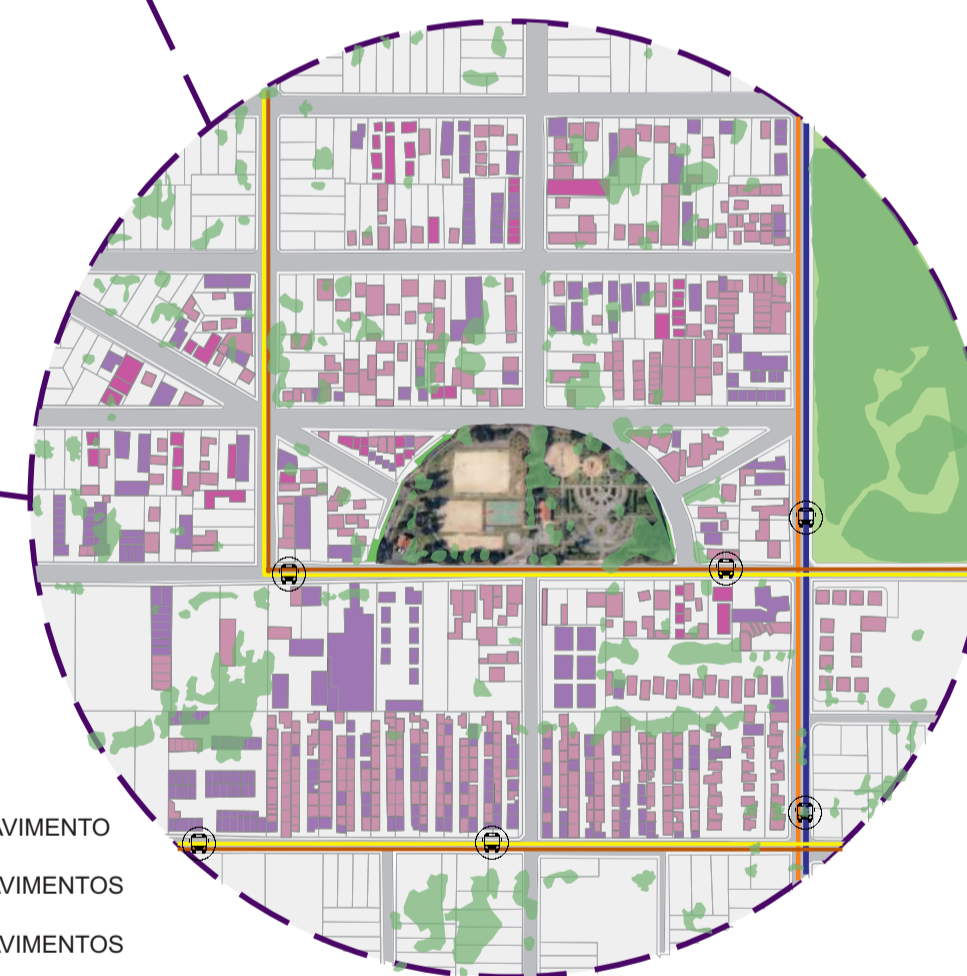
Mapa Síntese
Escala 1:1250

- RESIDENCIAL
- COMÉRCIO
- SERVIÇO
- MISTO
- INSTITUCIONAL
- LOTES VAZIOS

- PONTOS DE ÔNIBUS
- INTERBAIRROS III
- MARINGÁ
- NIVALDO BRAGA
- MENONITAS
- 1 PAVIMENTO
- 2 PAVIMENTOS
- 3 PAVIMENTOS

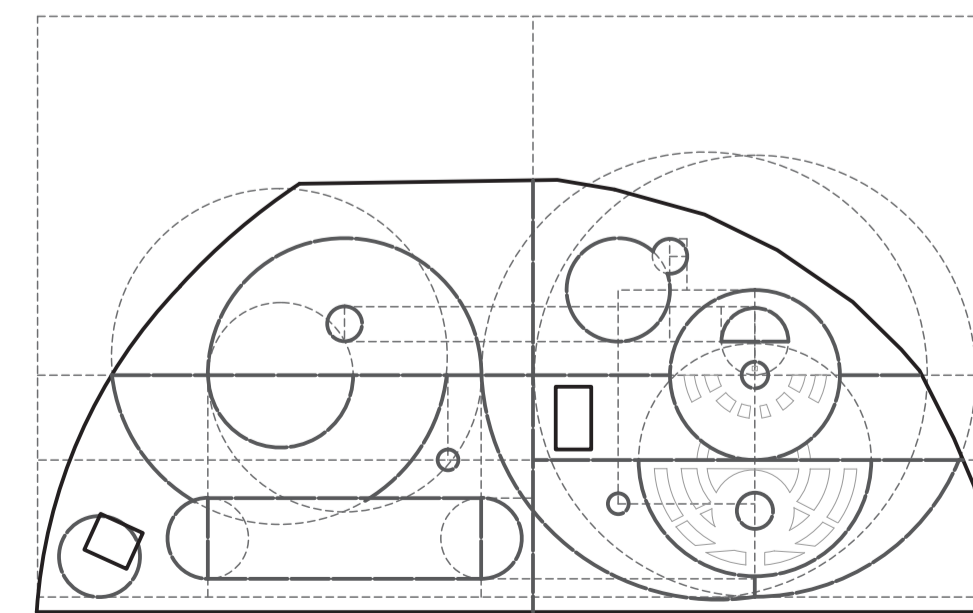
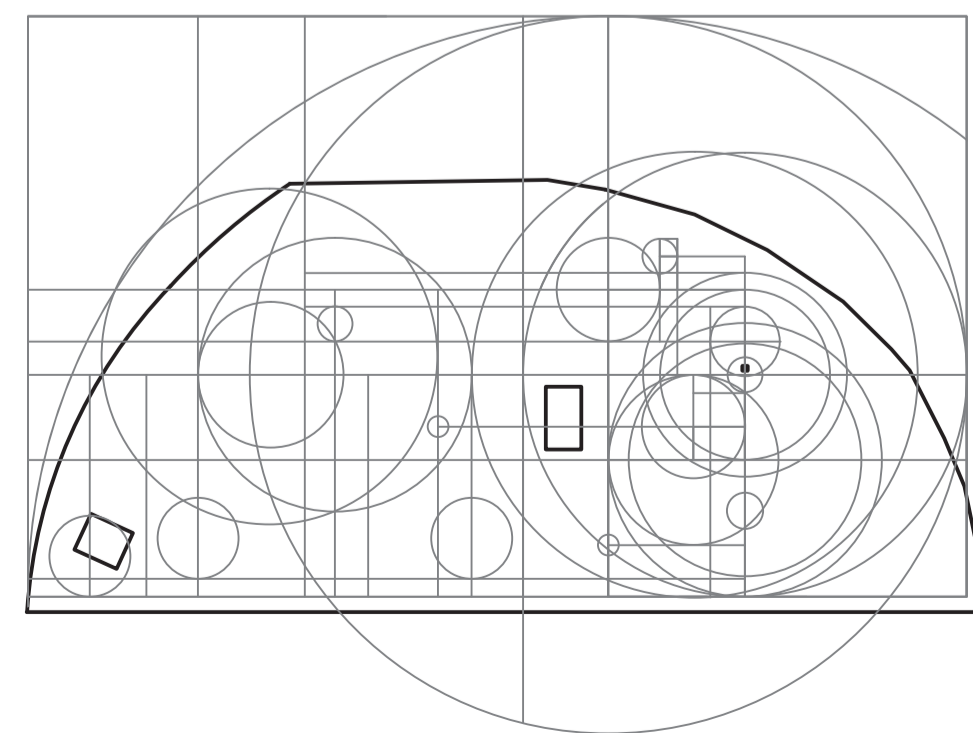
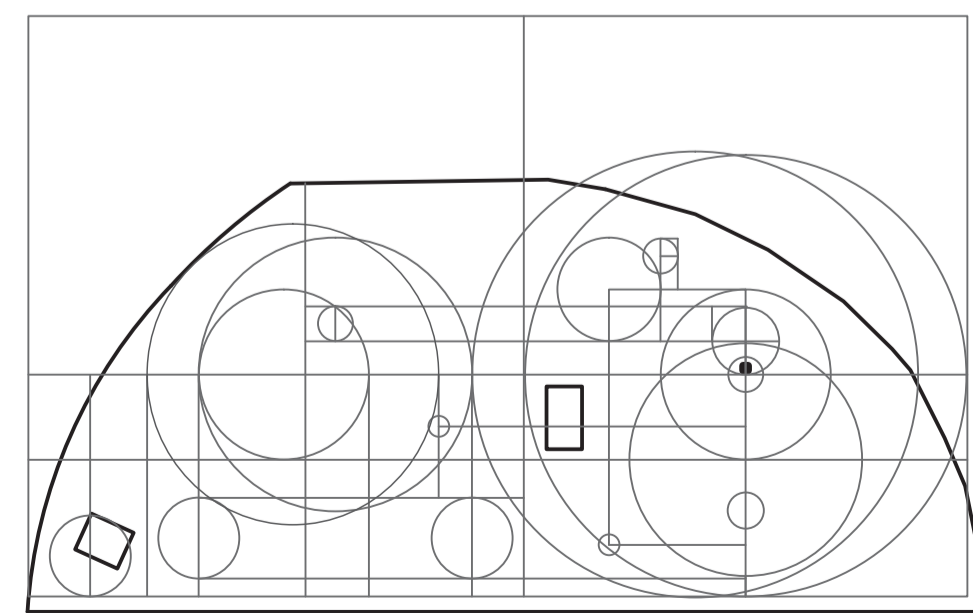
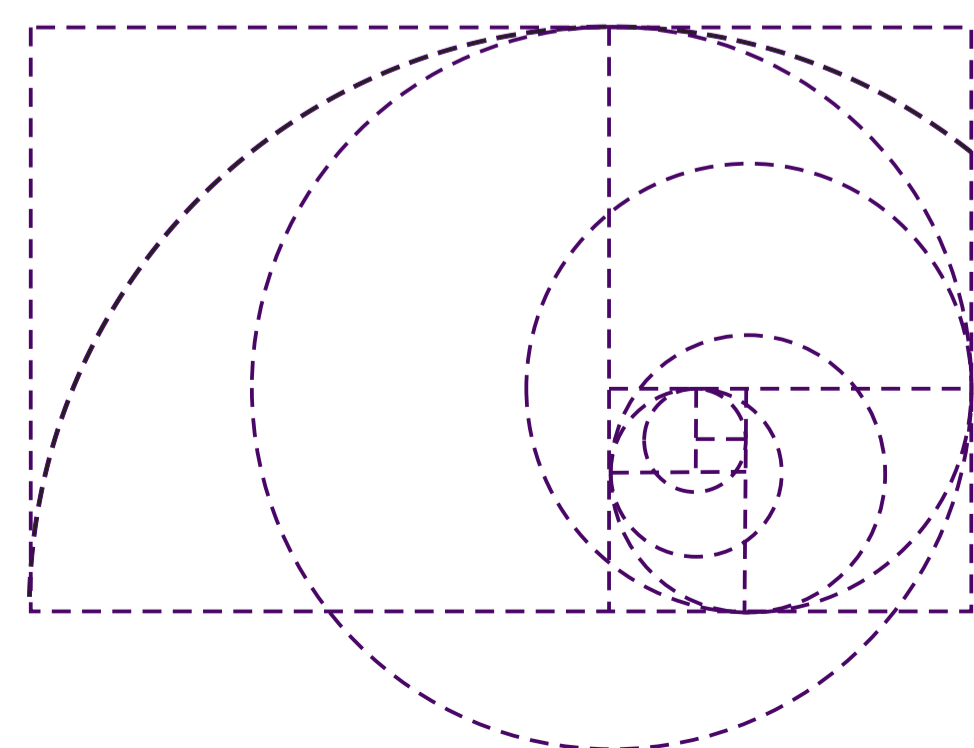


Mapa de Fluxos - Sem escala



Mapa de Gabaritos e Transporte Público - Sem escala

processo de concepção e intenção projetual



objetivos



pergunta

Como a requalificação da Praça Menonitas e a revitalização de seus equipamentos públicos fará os usuários de seu entorno se apropriarem do espaço público disponível?

hipótese

Com a requalificação da Praça Menonitas a população do entorno poderá se apropriar do espaço público, possibilitando-a se tornar um ponto central de manifestação da vida cotidiana. Com essa proposta de multifuncionalidade de usos e revitalização dos equipamentos e mobiliários urbanos, a Praça será capaz de ser um lugar de permanência, passagem, convívio, contemplação e lazer, e os usuários poderão se apropriar e dar características e identidade para esse espaço.



Planta de Situação - Sem escala

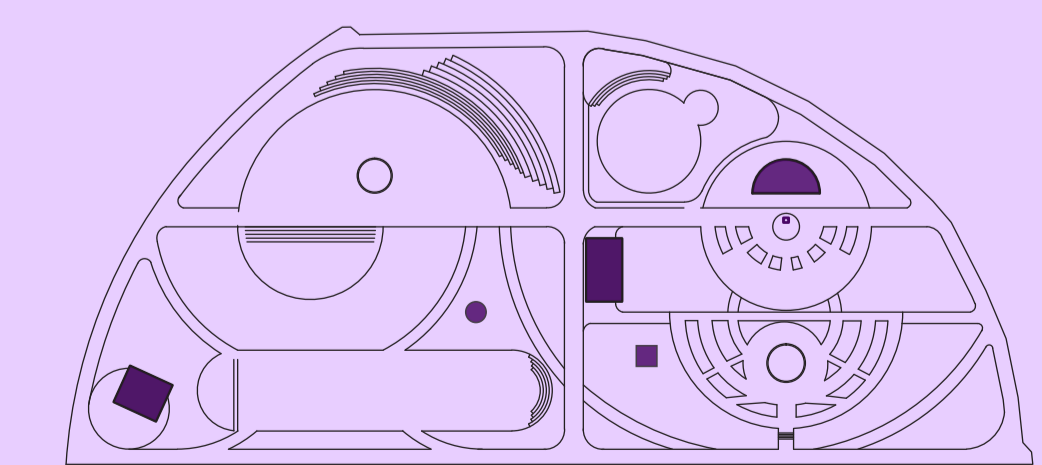
partido arquitetônico e conceito

Para o Projeto de Paisagismo de requalificação da Praça Menonitas, foi identificado o uso da escala Fibonacci na sua composição. A fim de manter essa identidade original da praça e também desenhar novos caminhos que tragam essa atração e convergência de público, buscou-se um conceito para nortear o projeto.

Pelo que foi estudado, chegou-se à conclusão de que as praças contribuem em vários aspectos o equilíbrio urbano, tanto ambiental como social: através do impacto no meio ambiente ou pelas diversas atividades que são oferecidas a população.

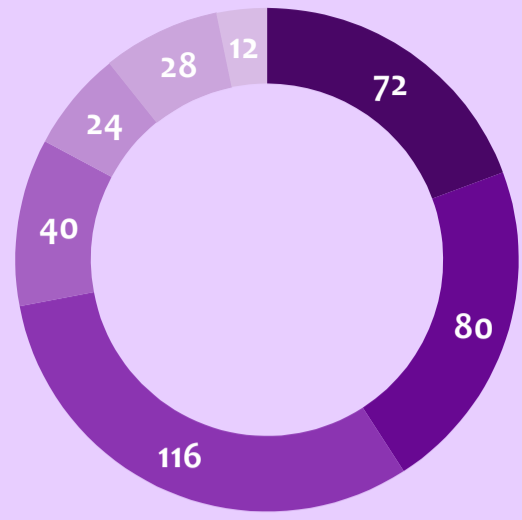
Tendo em mente a necessidade e a essência da mesma, fica claro como conceito do projeto o termo

MAGNETISMO.



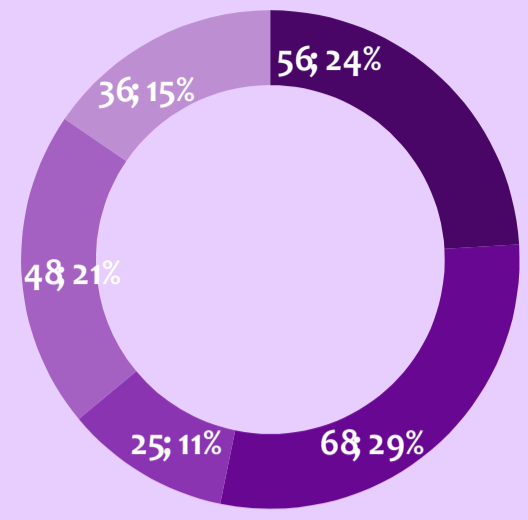
contexto

PONTOS NEGATIVOS



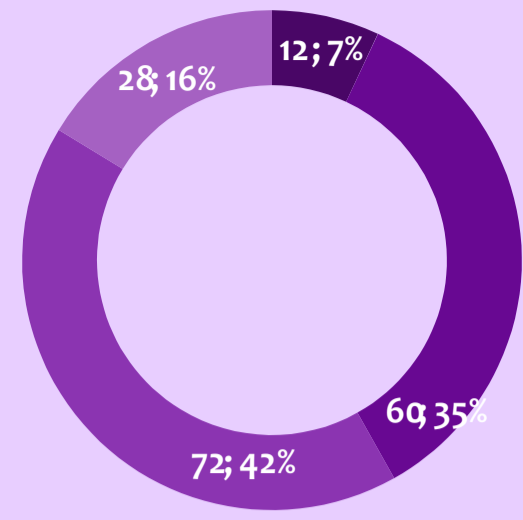
- Vandalismo
- Insegurança
- Presença de usuários de drogas
- Sujeira
- Pista de caminhada insuficiente
- Falta de bancos
- Falta de iluminação

EQUIPAMENTOS



- Quadra de esportes
- Pista de caminhada
- Playground infantil
- Arquibancada/Áreas de descanso
- Equipamentos de ginástica

PERÍODO DO DIA



- Manhã
- Tarde
- Final da tarde
- Noite

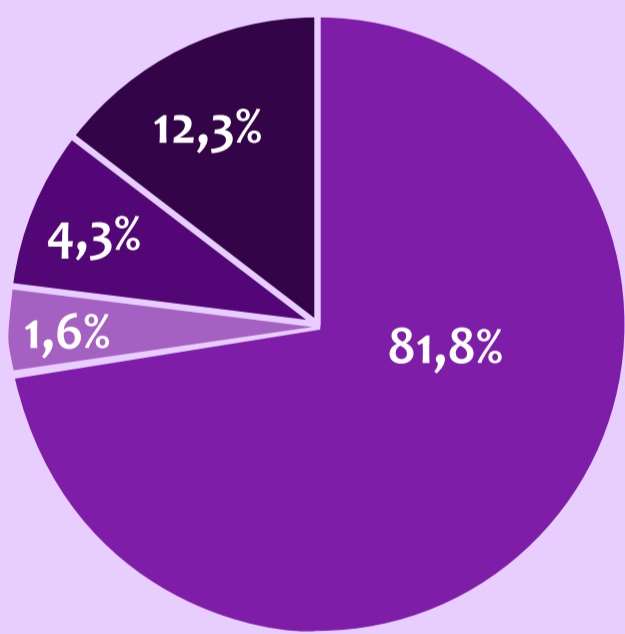
conceito



programa de necessidades



gráfico de áreas



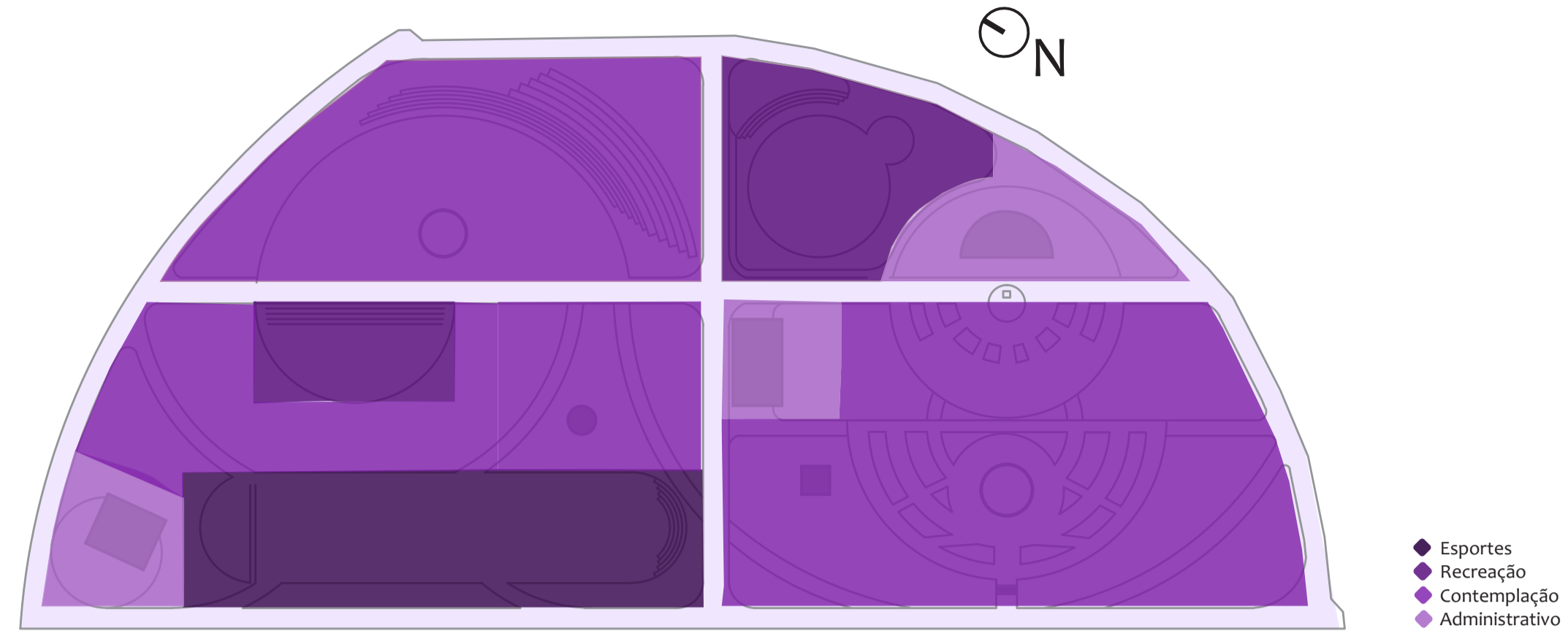
ÁREA TOTAL: 26.000 m²

Esportes	Contemplação	Recreação	Administrativo
Quadra Poliesportiva 432 m ² 13%	Praça seca/Feiras 1500m ² 7%	Playground 825 m ² 73%	Centro de Exposição Menonitas 150 m ² 36%
Quadra de areia 800 m ² 25%	Arquibancada 140 m ² 1%	Pista de skate 300 m ² 27%	Apoio/Banheiros 144m ² 35%
Aparelhos de ginástica 160 m ² 5%	Áreas de permanência 2300m ² 11%		Posto Policial 120 m ² 29%
Pista de corrida 1800 m ² 59%	Áreas verdes 17330m ² 81%		

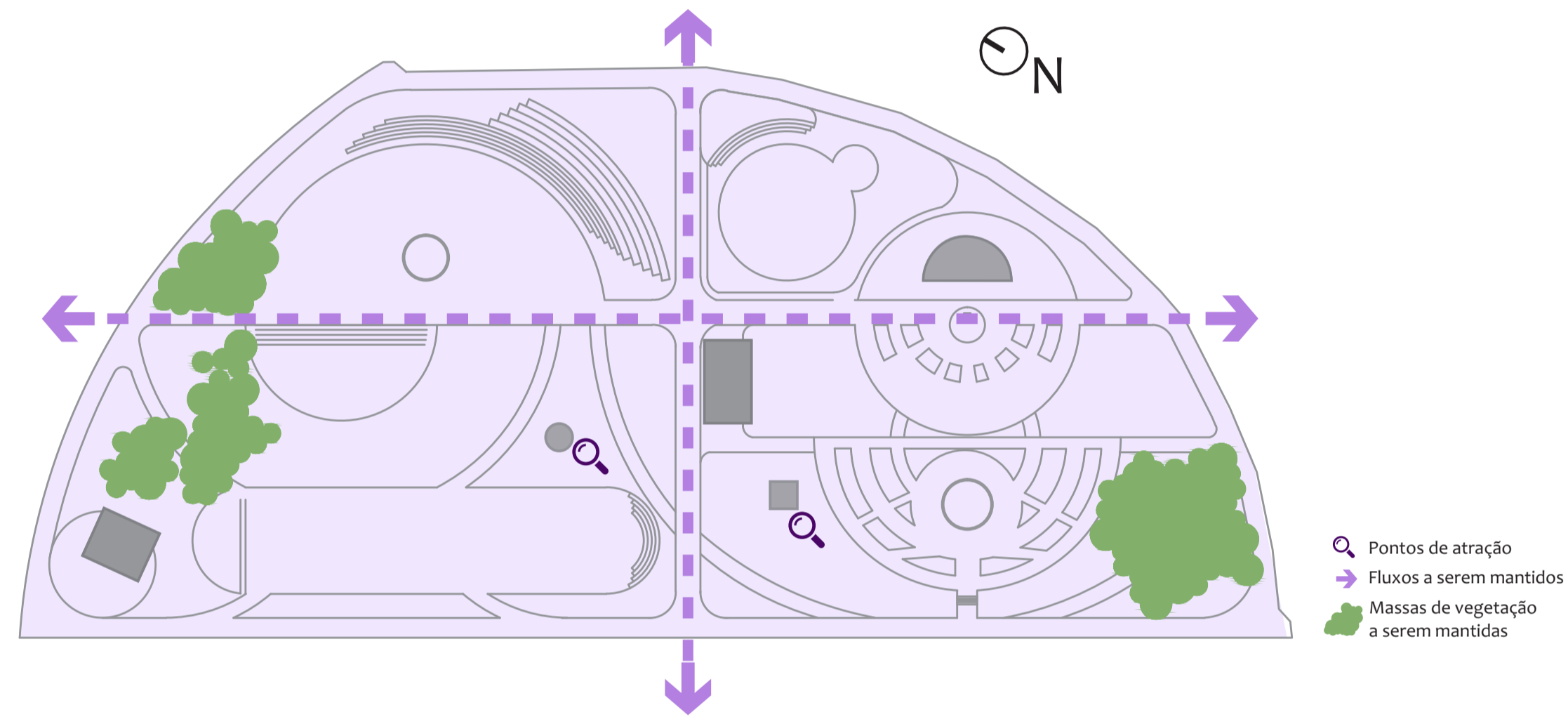
fluxograma



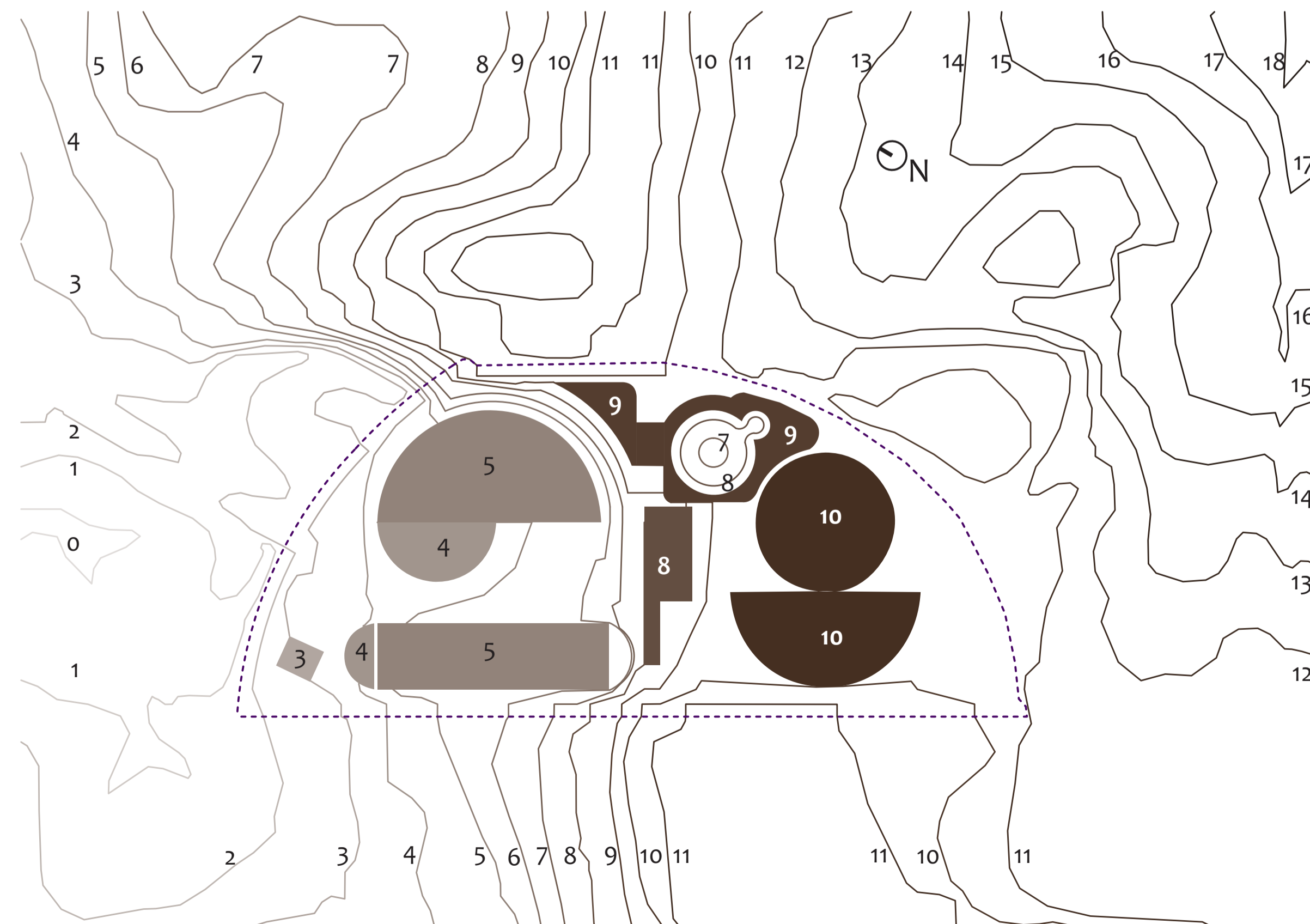
setorização . escala 1:1000



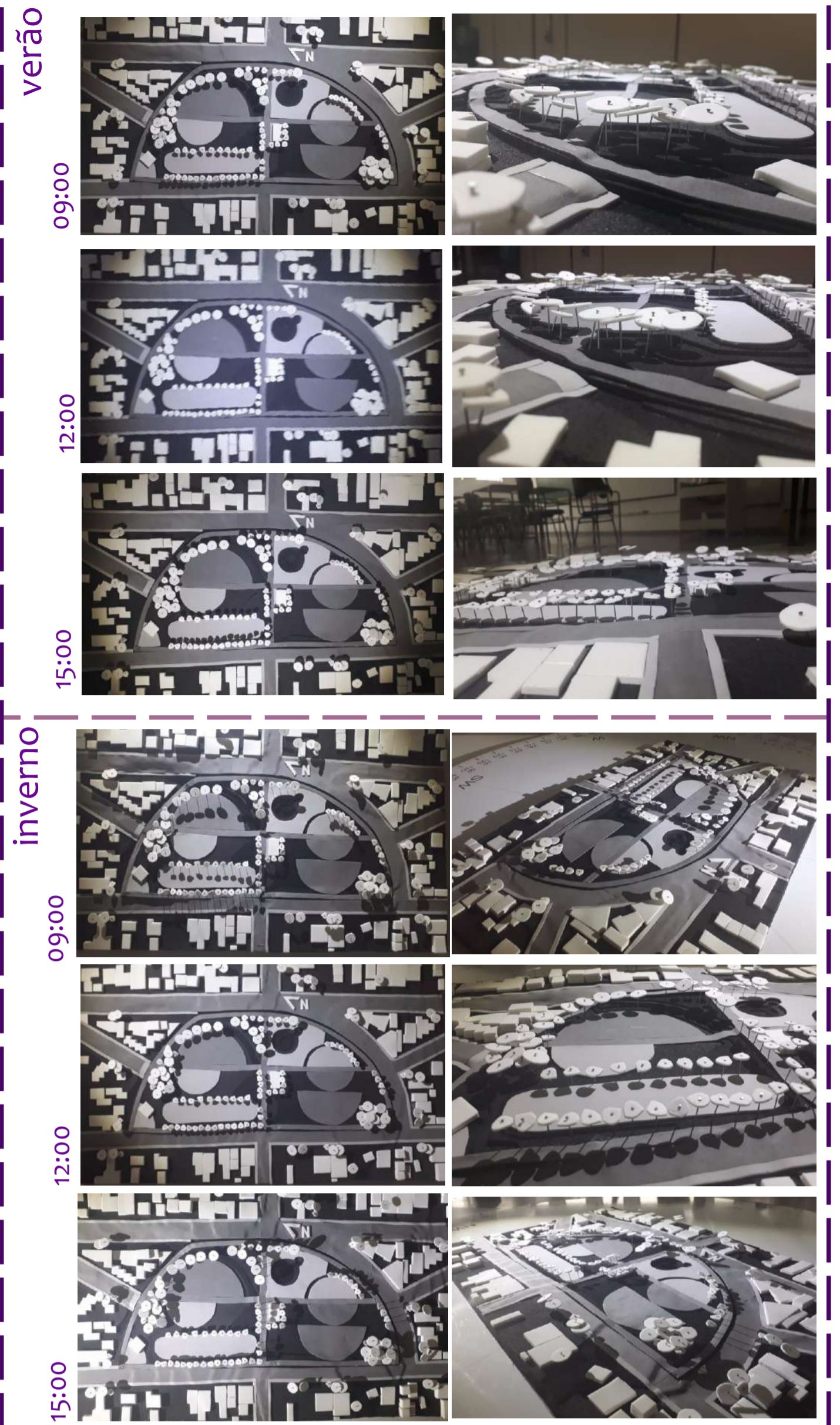
estratégia de implantação . escala 1:1000



modelagem do terreno . escala 1:1250

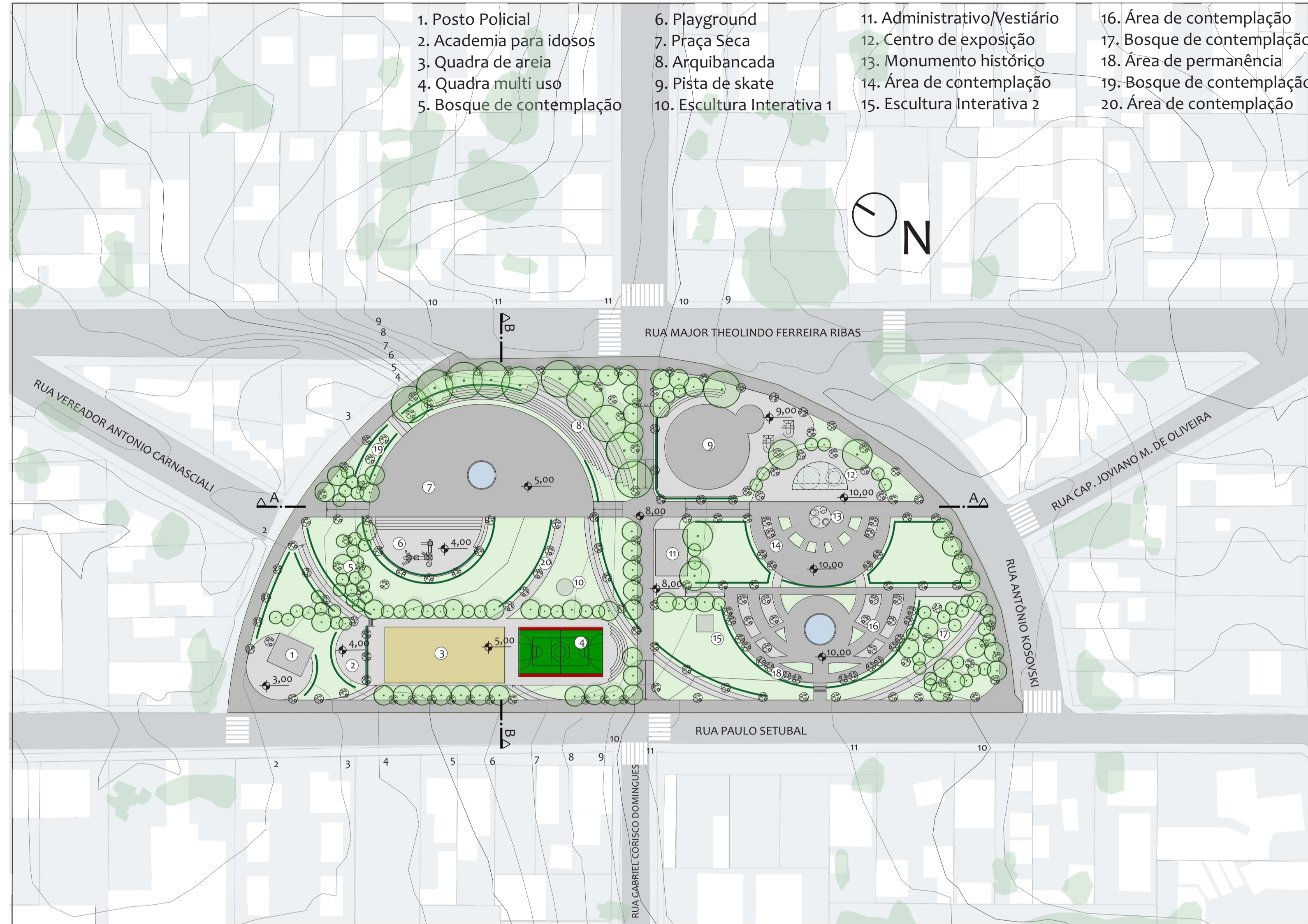


estudo de insolação

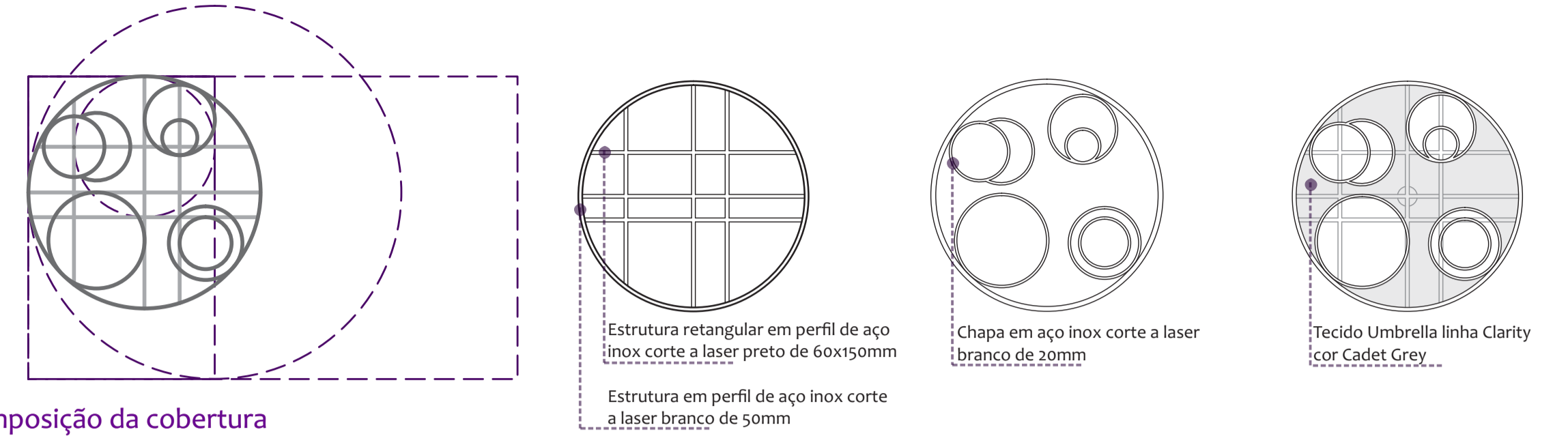


paleta de materiais

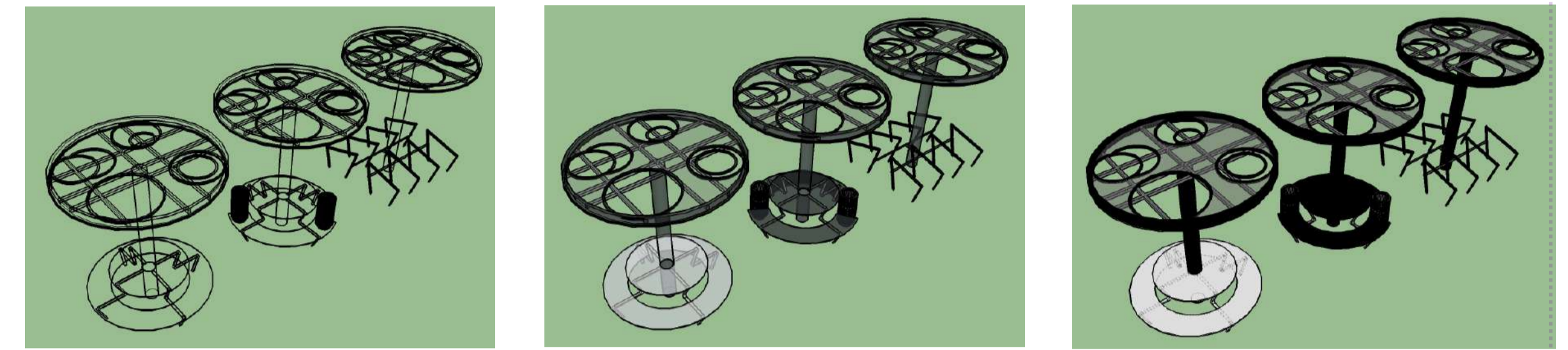




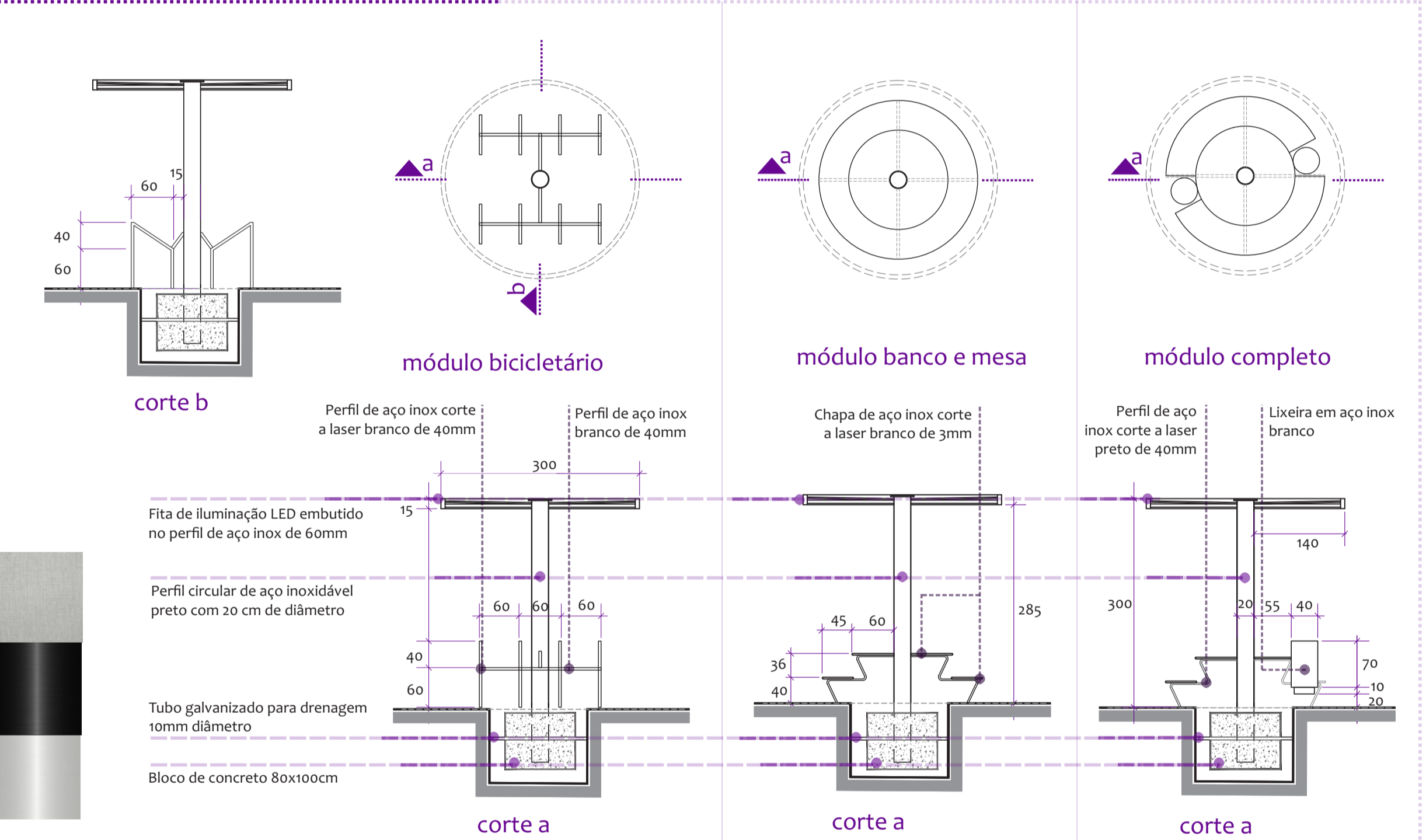
proposta de mobiliário



composição da cobertura



perspectivas

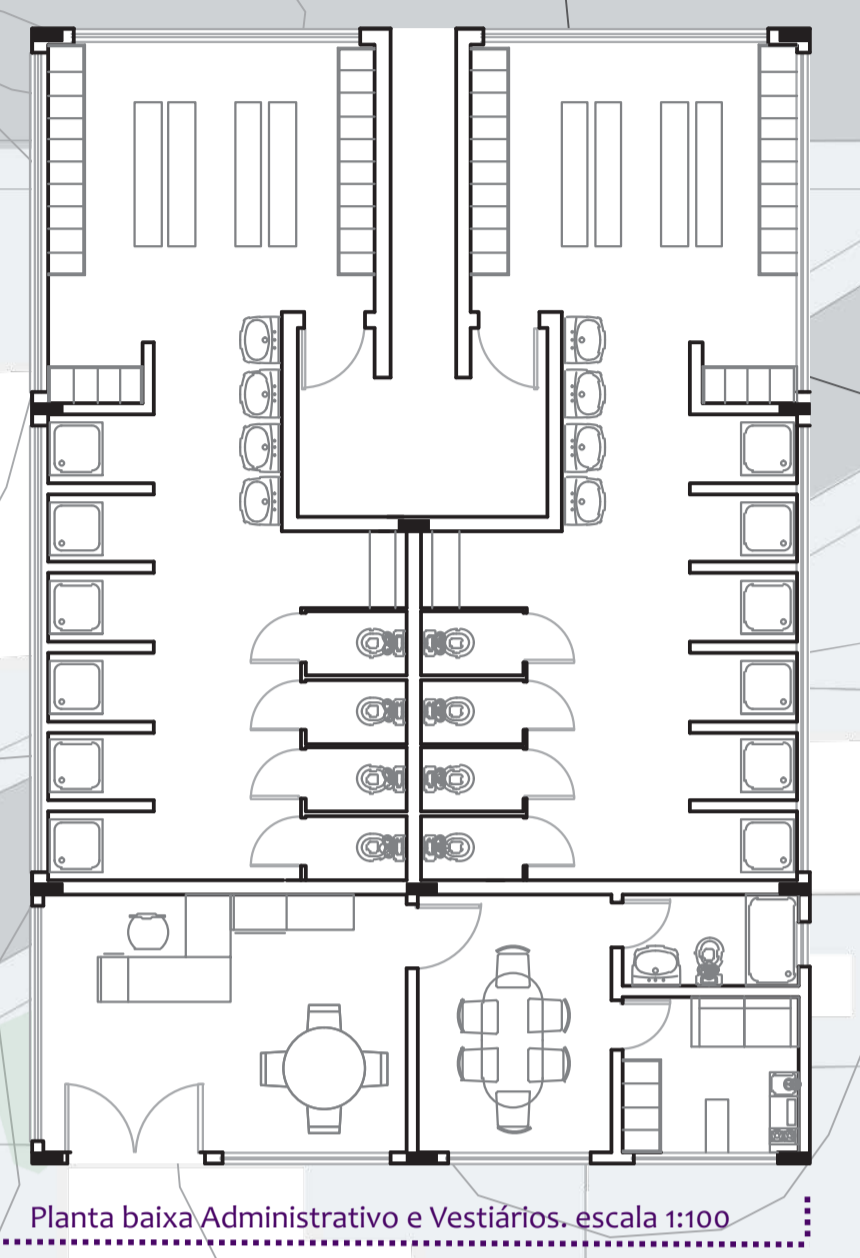
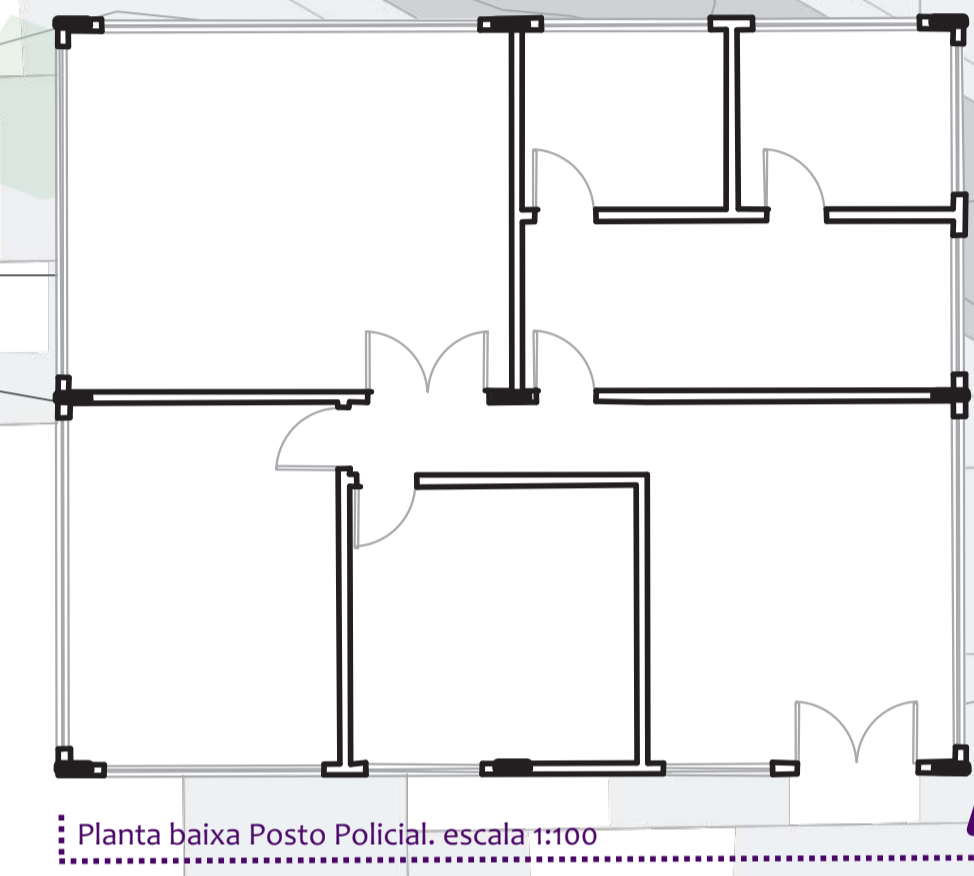
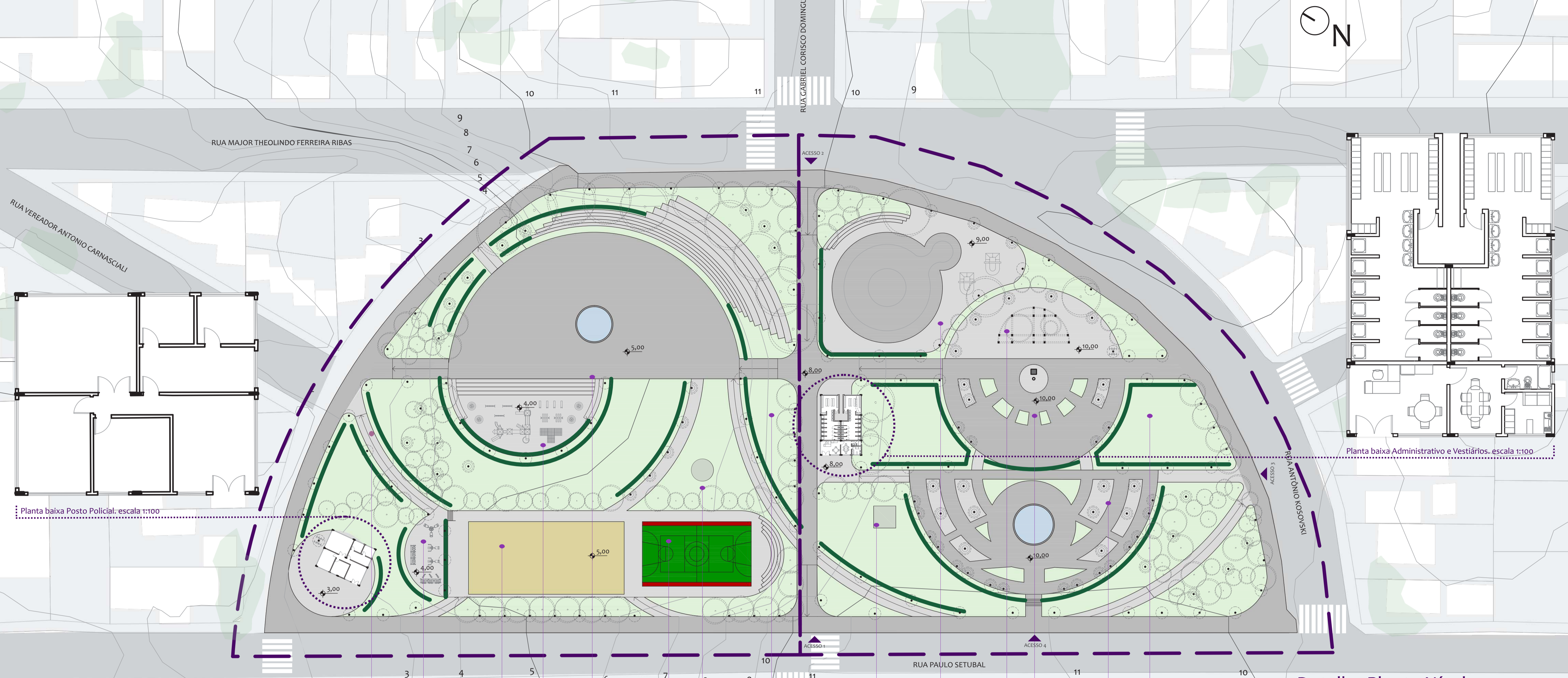


detalhamento

escala 1:50 - medidas em centímetros












perspectivas



Detalhe Planta Nível 5

Detalhe Planta Nível 10

<p>Pavimento Lavaggio Cinza Imperiale</p> <p>Equipamentos de academia ao ar livre para idosos (fornecidos pela prefeitura)</p> <p>Piso de borracha em placas cinzento Ecopex 55mm</p>  <p>Imagem de referência</p>	<p>Quadra de areia</p> <p>Playground classico (balanco, gira-gira, gangorra, escorregador)</p> <p>Piso de borracha em placas 55mm cinzento Ecopex</p> <p>Fonte praça seca</p>  <p>Imagem de referência</p>	<p>Piso esportivo asfáltico e cobertura em resina</p> <p>Quadras cercadas com tela trançada revestida</p>  <p>Imagem de referência</p> <p>Escultura metálicas geométricas que se articulam por meio de dobradiças e requerem a co-participação do espectador.</p>  <p>Imagem de referência</p>	<p>Rampa de acesso Lavaggio 8529 Cinza Imperiale</p> <p>Escultura metálica geométrica que se articulam por meio de dobradiças e requerem a co-participação do espectador.</p>  <p>Imagem de referência</p>	<p>Pavimento Lavaggio 8518 Preto Nero</p> <p>Pavimento Lavaggio 8516 Cinza Candelas</p>  <p>Imagem de referência</p>  <p>Imagem de referência</p> <p>Monumento com placa simboliza homenagem colonização menonita.</p>  <p>Imagem de referência</p>	<p>Área de contemplação com mesas</p> <p>Pavimento Lavaggio 8529 Cinza Imperiale</p>  <p>Imagem de referência</p>
---	--	--	---	--	--



Perspectiva acesso 1

Perspectiva acesso 2

Perspectiva acesso 3

Perspectiva acesso 4

Perspectiva visual Escultura Interativa



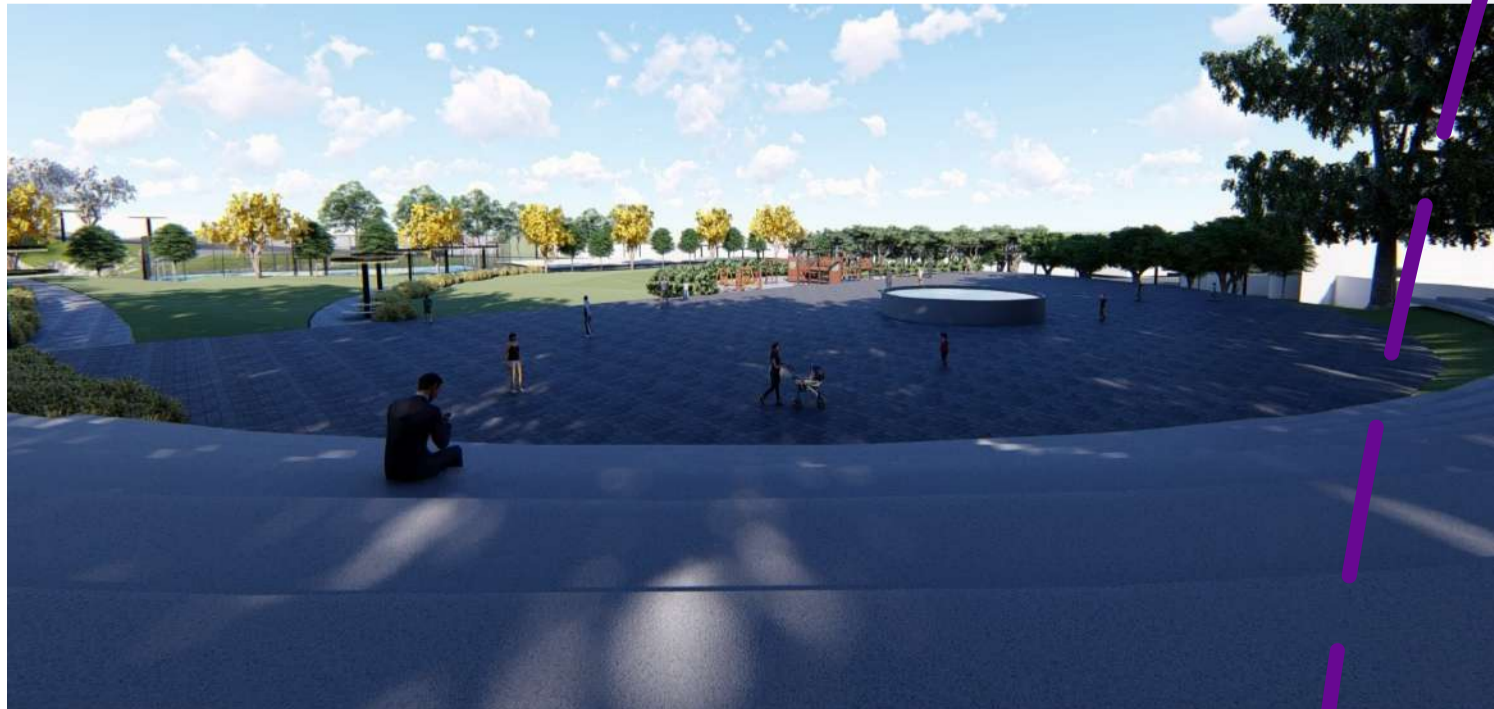
Perspectiva aérea . sem escala



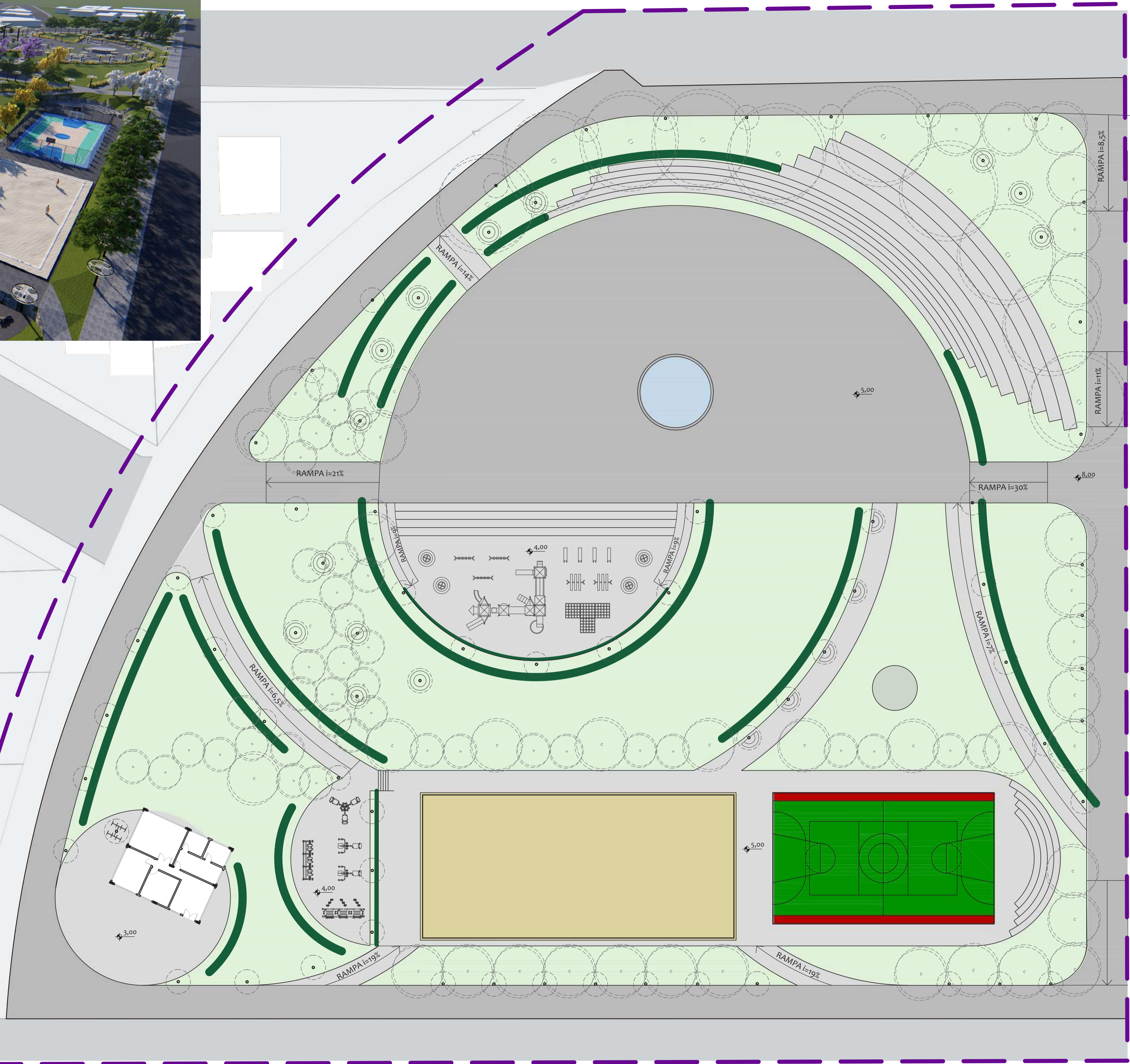
Vista Platô 5 . sem escala

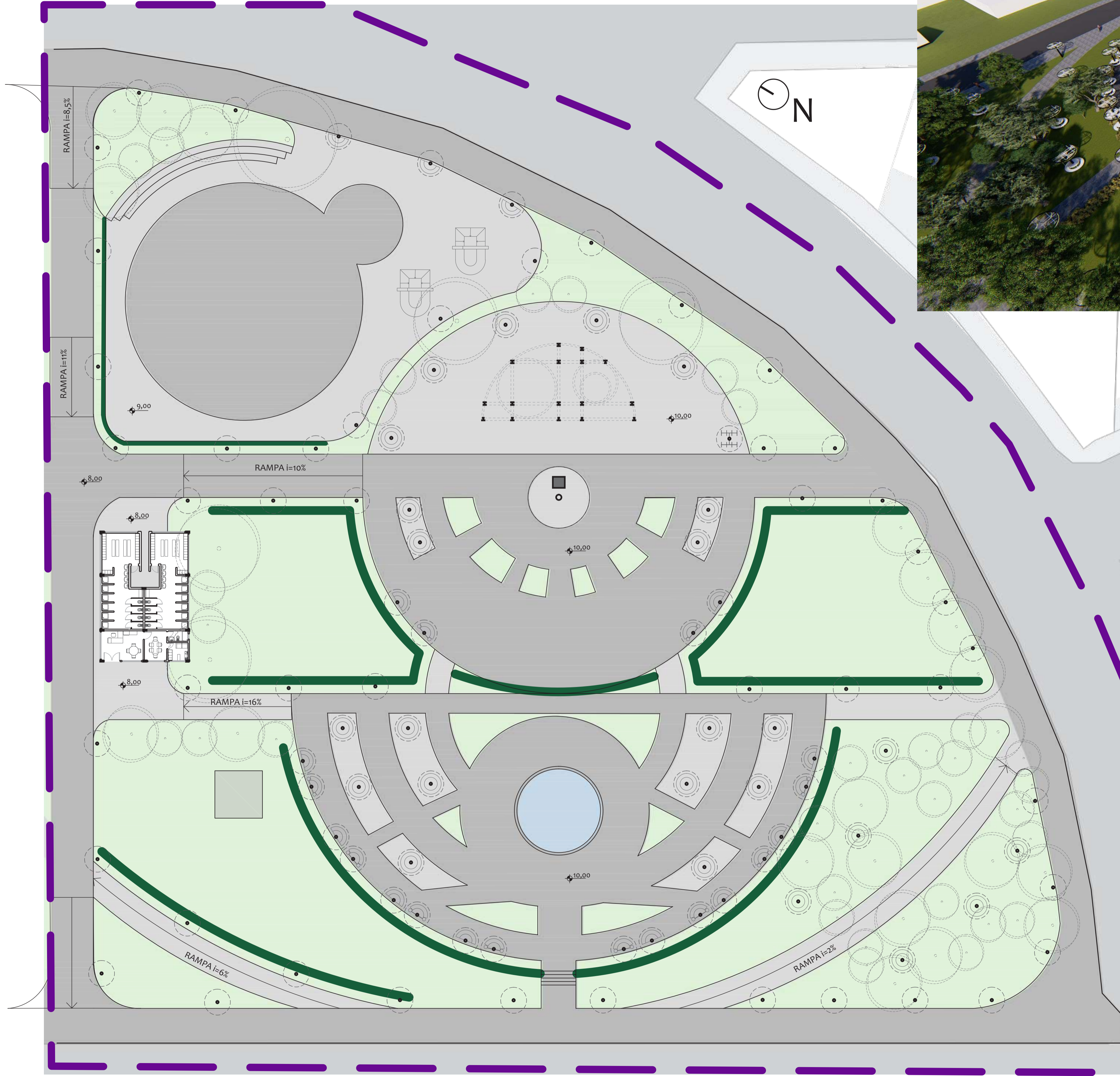


Playground . sem escala



Vista da arquibancada Praça seca . sem escala





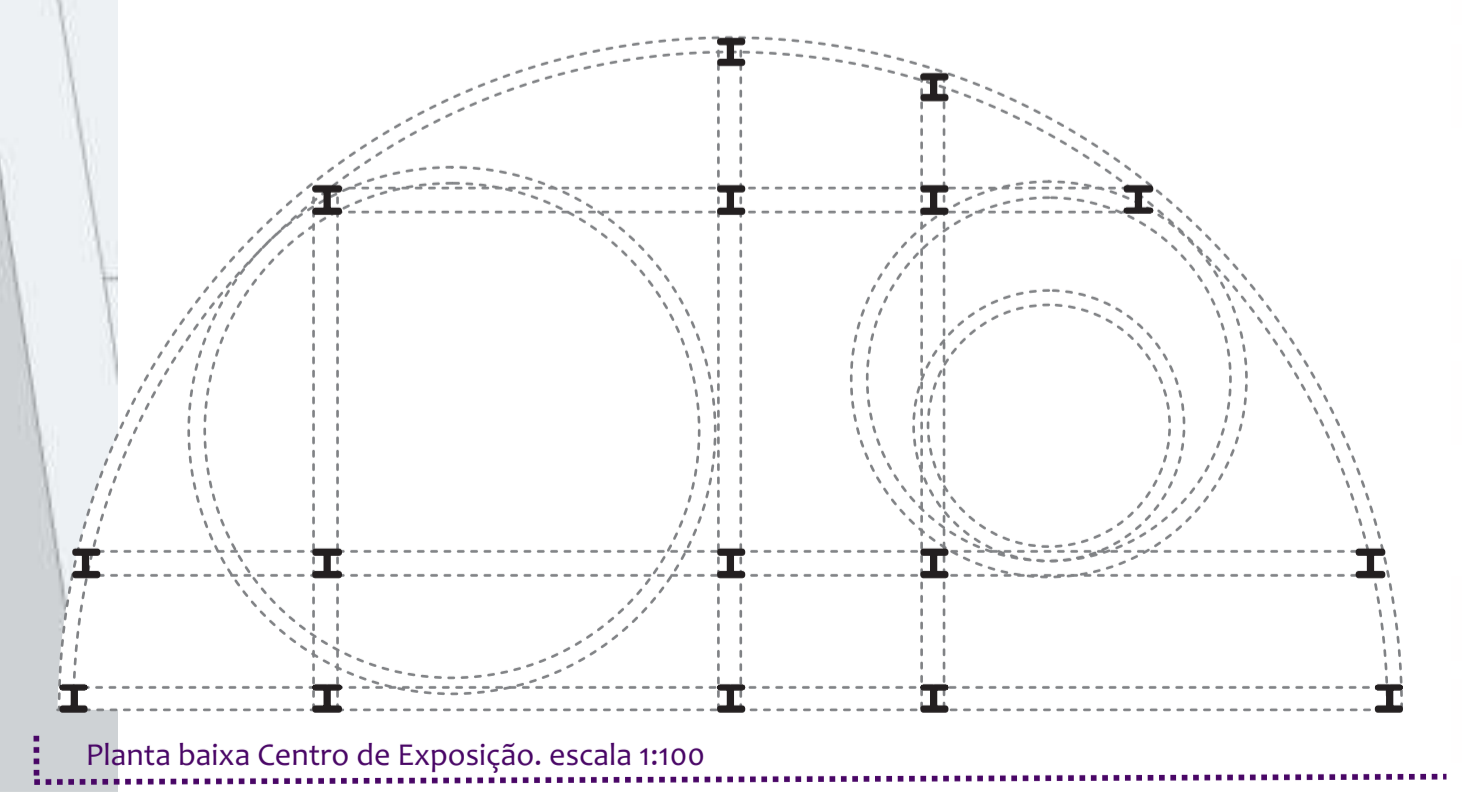
Perspectiva aérea . sem escala



Pista de skate e Centro de Exposição . sem escala



Centro de Exposição e contemplação . sem escala



Planta baixa Centro de Exposição. escala 1:100

Definição da Vegetação



Ipê Amarelo
 Nome científico: *Tabebuia chrysotricha*
 Nomes populares: ipê-amarelo
 Origem: Brasil
 Família: Bignoniáceas
 Luminosidade: sol pleno
 Porte: Pode chegar a 8 m de altura
 Clima: quente e úmido
 Copa: rala, com diâmetro 6 m
 Solo: fértil e bem drenado



Ipê Branco
 Nome científico: *Tabebuia roseo-alba*
 Nome popular: Ipê Branco
 Classificação: Caducifólia
 Porte: Grande porte
 Luminosidade: Sol Pleno
 Cor da flor: Branca (setembro)



Jacaranda
 Nome Científico: *Jacaranda mimosifolia*
 Nome Popular: Jacarandá-mimoso
 Família: Bignoniaceae
 Origem: América do Sul
 Ciclo de Vida: Perene
 Luminosidade: sol pleno
 Porte: Pode chegar a 15 m de altura
 Clima: subtropical
 Copa: arredondada, diâmetro 10 m



Cedro
 Nome científico: *Cedrela filissis*
 Nome popular: Cedro
 Classificação: Caducifólia
 Porte: Grande porte
 Luminosidade: Sol Pleno
 Altura : de 25 a 35 m de altura;
 Flor: entre setembro e dezembro;
 Copa: densa, redonda, de diâmetro médio de 12m



Aroeira Vermelha
 Nome científico: *Schinus threbinthifolius*
 Nome popular: Aroeira-vermelha
 Classificação: Perenifólia
 Porte: Médio porte
 Luminosidade: Sol Pleno
 Cor da flor: branca (setembro)



Manacá da Serra
 Nome científico: *Tibouchina mutabilis*
 Nome popular: Manacá-da-Serra
 Classificação: Perenifólia
 Porte: Médio porte
 Luminosidade: Sol Pleno
 Cor da flor: Branca e Rosa (dezembro a fevereiro)



Azaléia
 Nome científico: *Rhododendron thomsonii*
 Nome popular: Azaléia-arbórea.
 Família: Ericaceae
 Origem: China
 Porte: Até 6 metros.
 Flores: outono-inverno



Pau-de-caximbo
 Nome científico: *Senna bicapsularis*
 Nome popular: Aleluia.
 Família: Caesalpinoideae.
 Origem: Brasil.
 Porte: Até 4 metros.
 Flores: Primavera-verão.



Espunjinha
 Nome científico: *Calliandra brevipes*
 Nome popular: Espunjinha
 Família: Leguminosa-Mimosoideae
 Origem: América do Sul
 Porte: Até 2 metros de altura.
 Flores: primavera-verão.



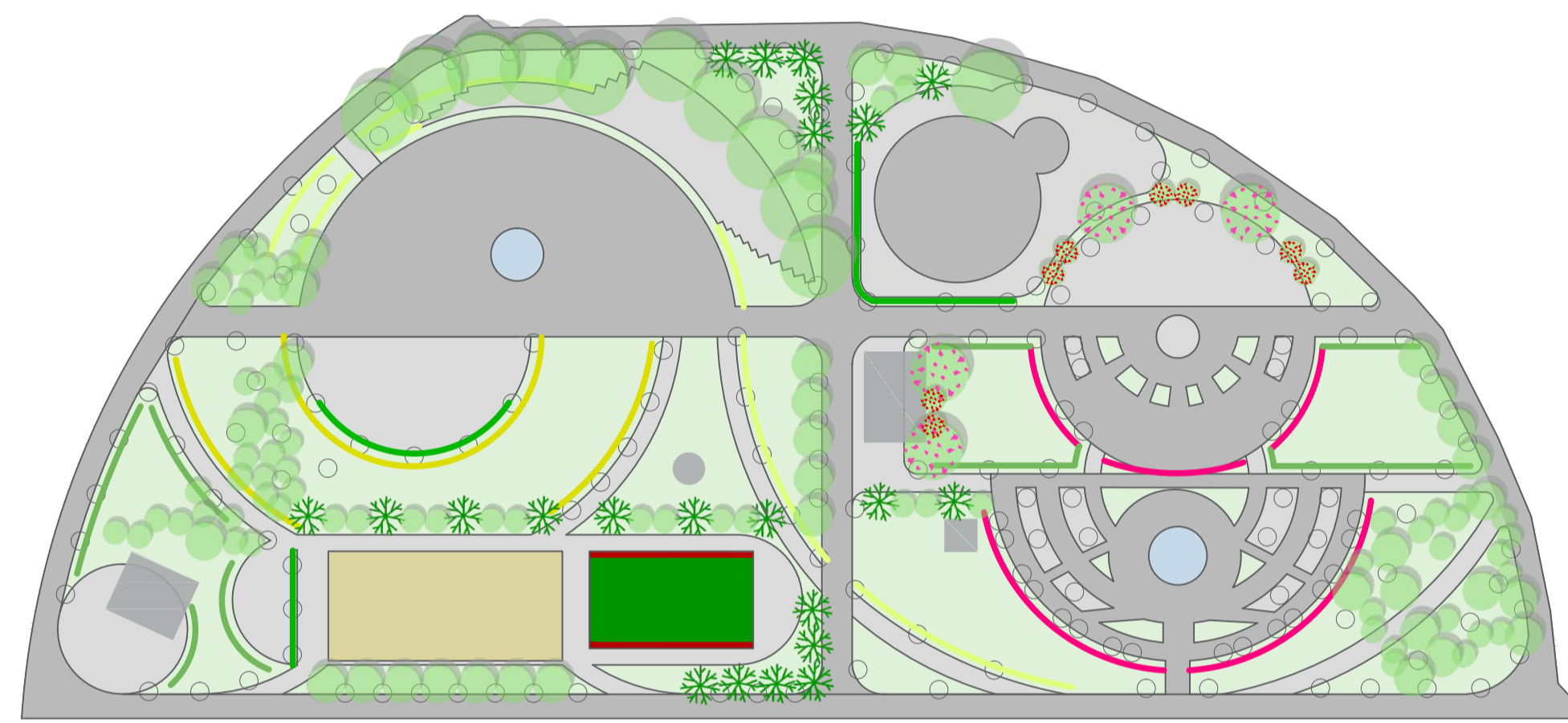
Buquê de noiva
 Nome científico: *Spiraea cantoniensis*
 Nome popular: buquê de noiva;
 Origem: Extremo Oriente.
 Luminosidade: sol pleno
 Porte: 2 m de altura e 1,5 m de diâmetro
 Clima: tropicais e temperados
 Flores: Brancas.
 Inverno a Primavera



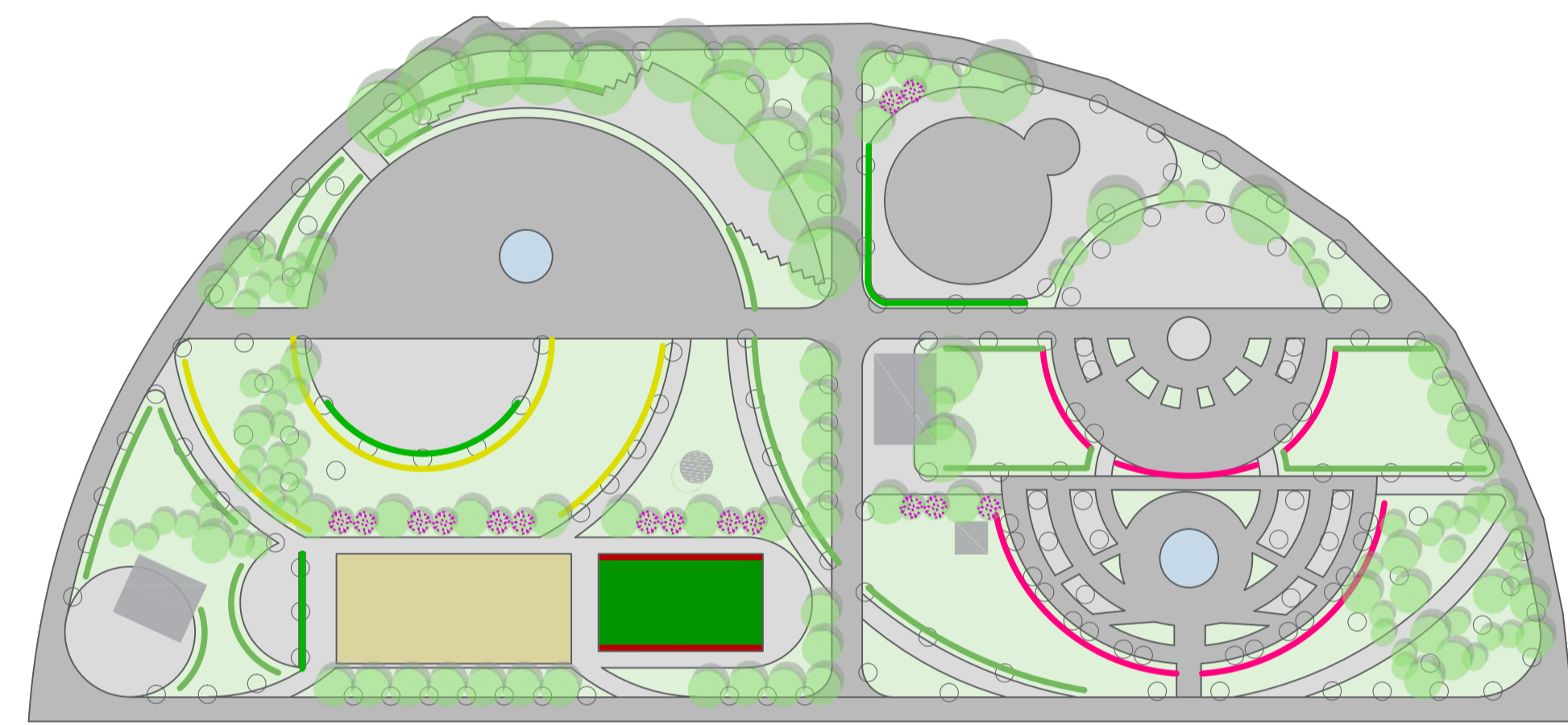
Hera Japonesa
 Nome científico: *Parthenocissus tricuspidata*
 Nome popular: Hera japonesa
 Classificação: Caducifólia
 Porte: Pequeno/Médio porte
 Luminosidade: Sol Pleno
 Cor da flor: Verde

Espécie	Primavera	Verão	Outono	Inverno
Ipê Amarelo				
Ipê Branco				
Jacarandá				
Cedro				
Manacá da Serra				
Aroeira Vermelha				
Pau de cachimbo				
Buquê de noiva				
Espunjinha				
Azaléia				
Hera Japonesa				

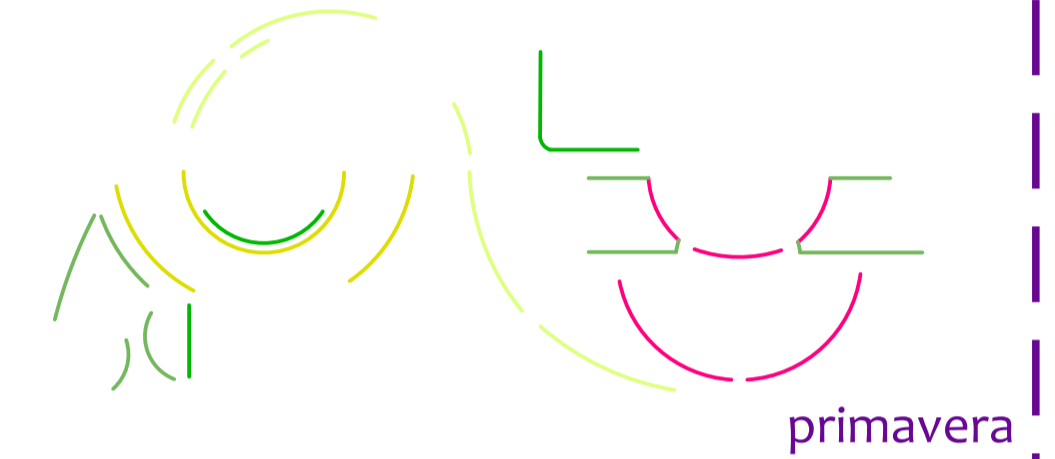
Primavera . escala 1:1000



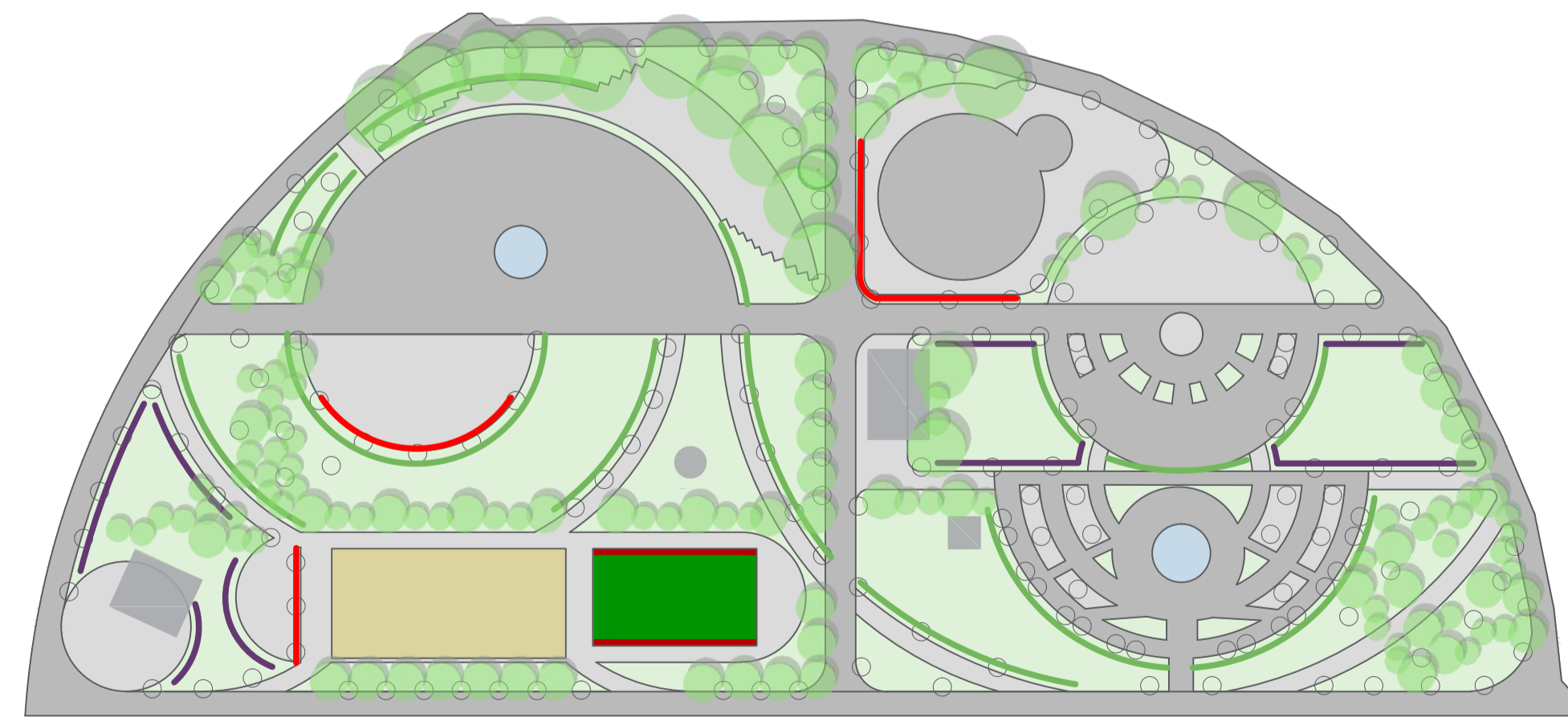
Verão . escala 1:1000



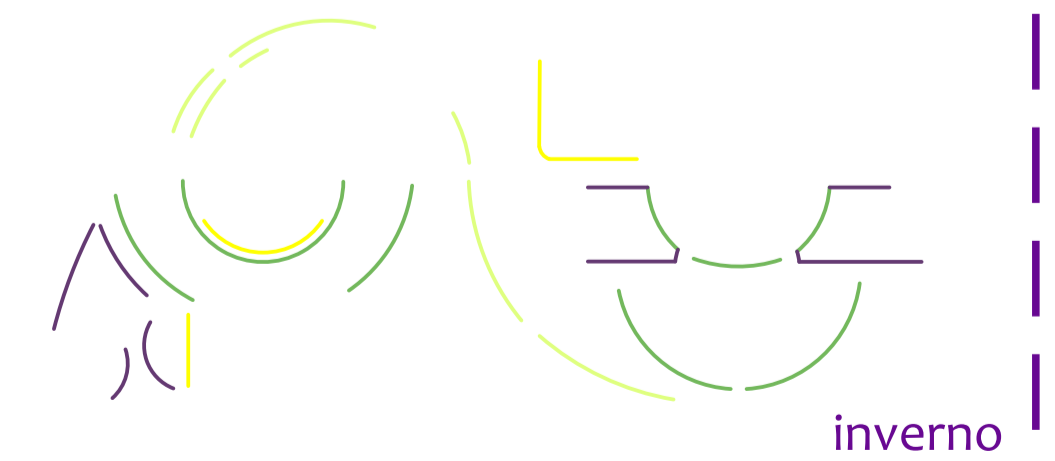
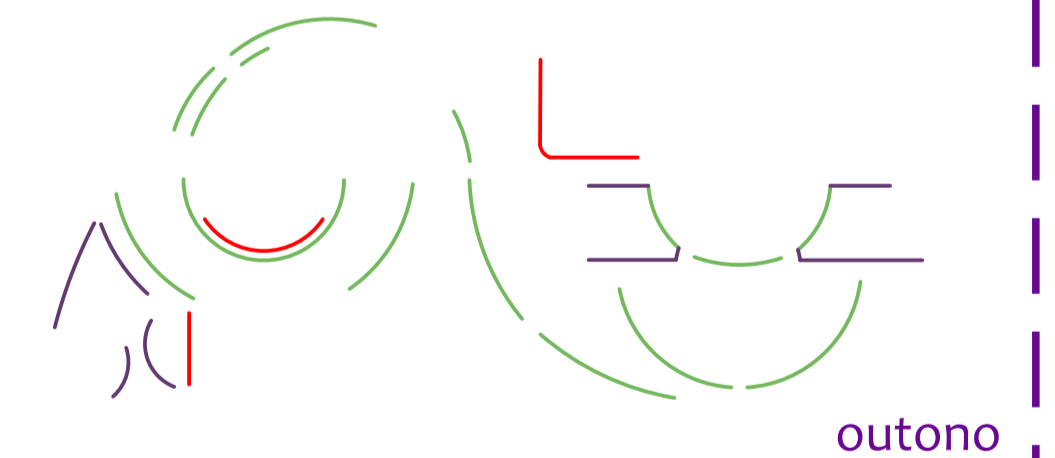
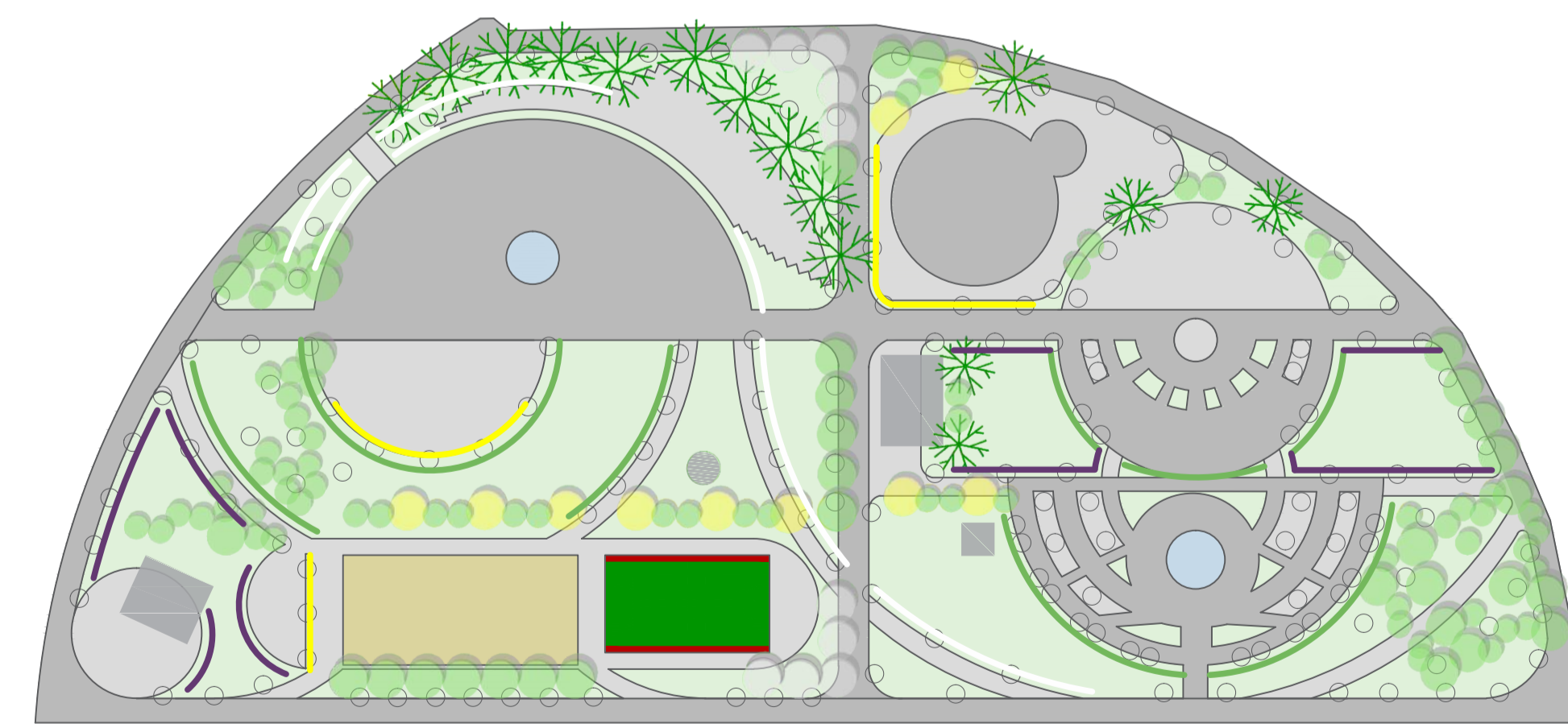
detalhe floração arbustos

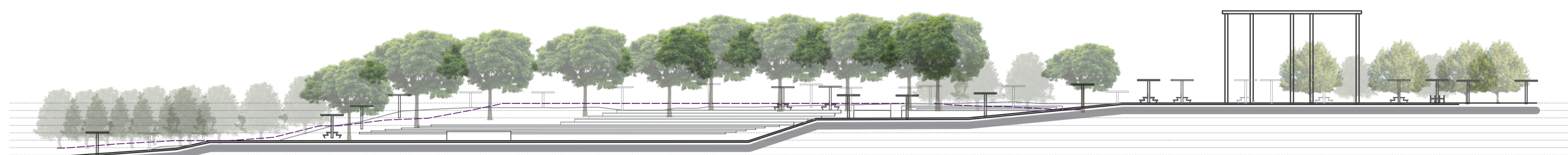


Outono . escala 1:1000

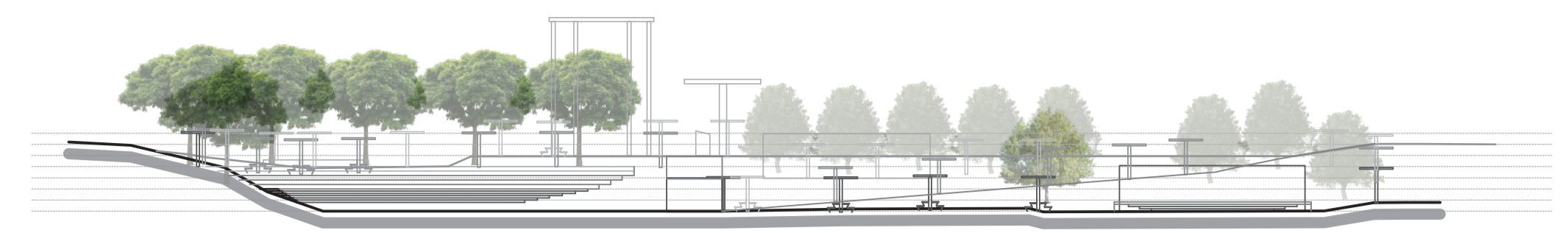


Inverno . escala 1:1000

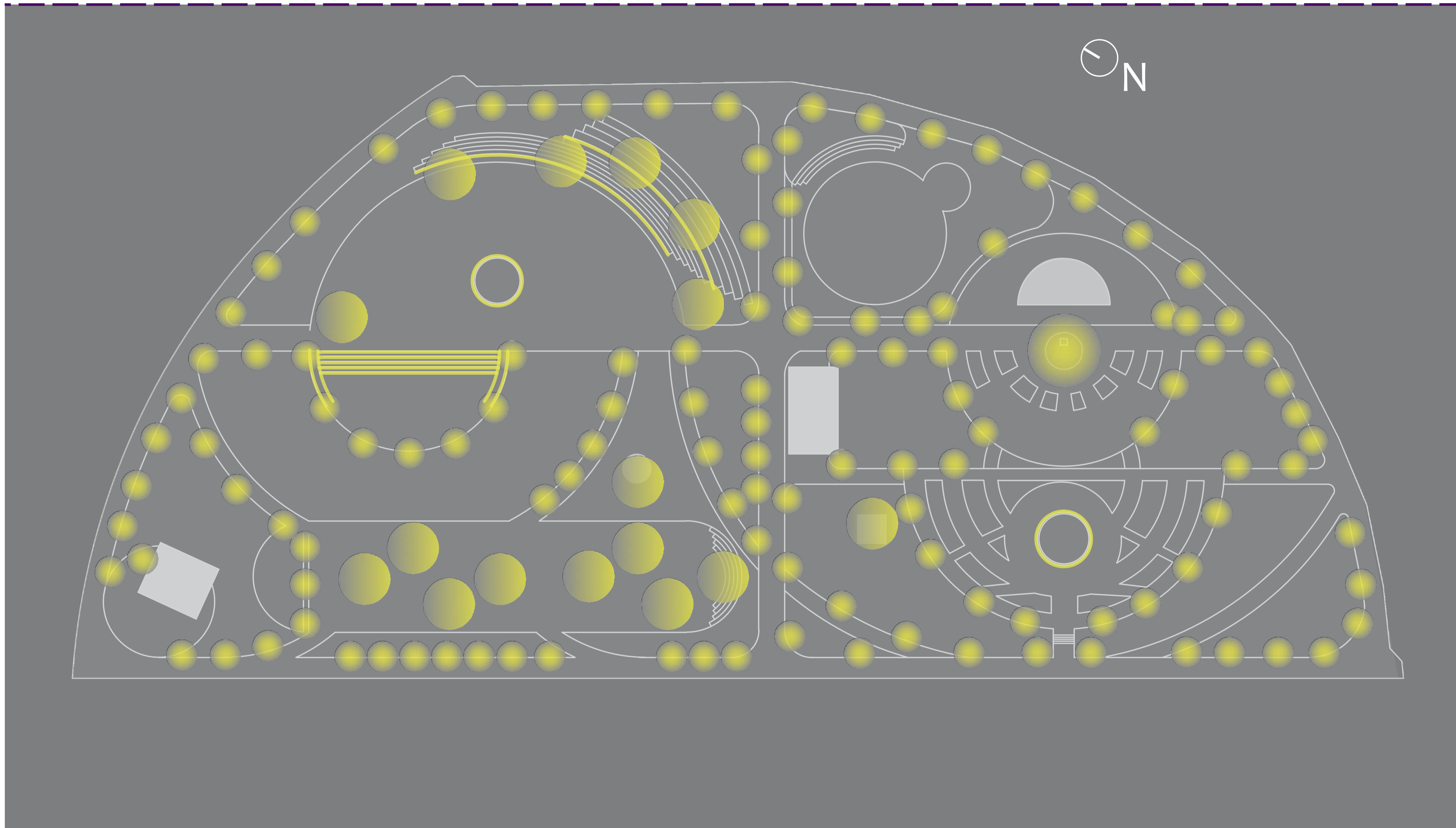




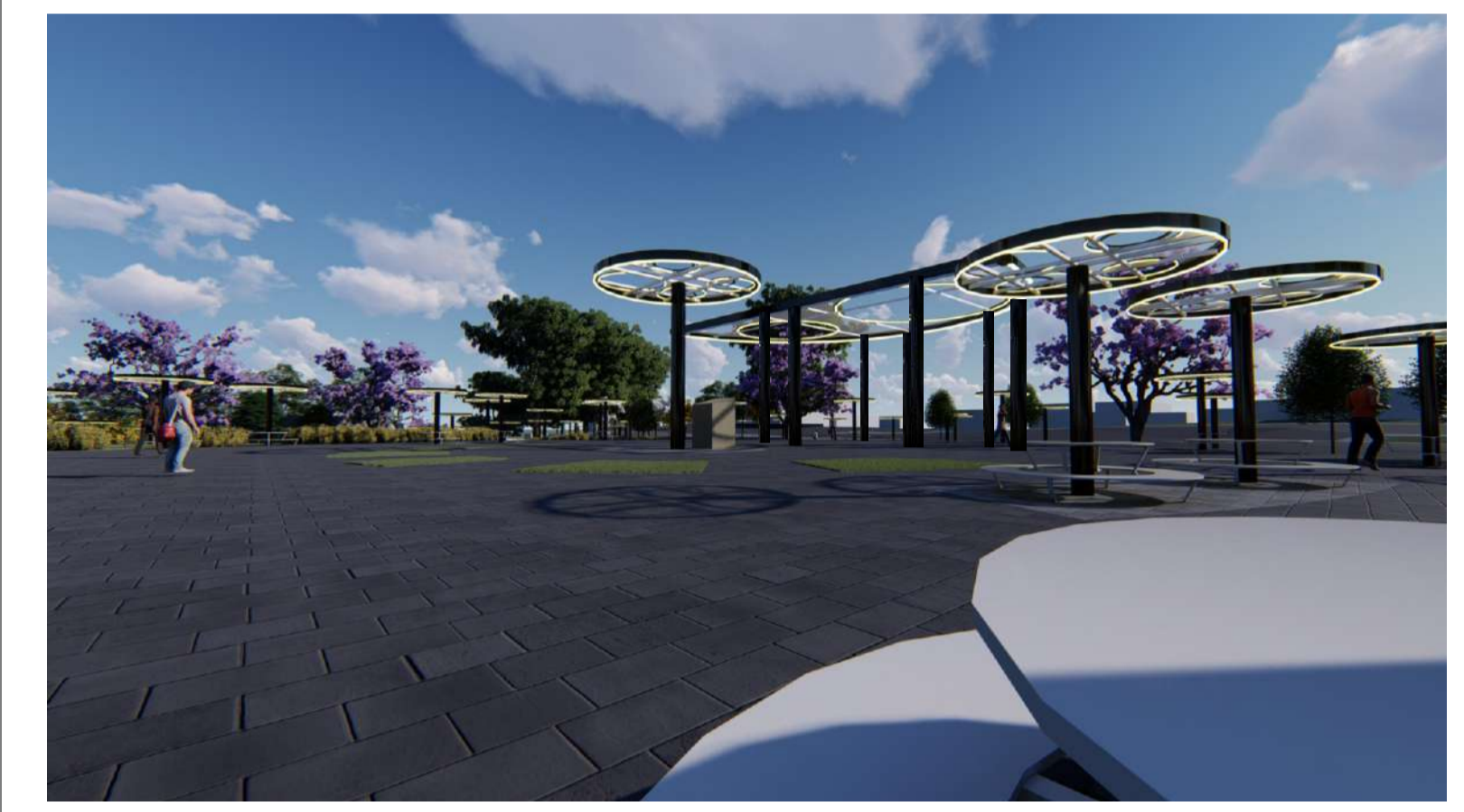
Corte AA. escala 1:500



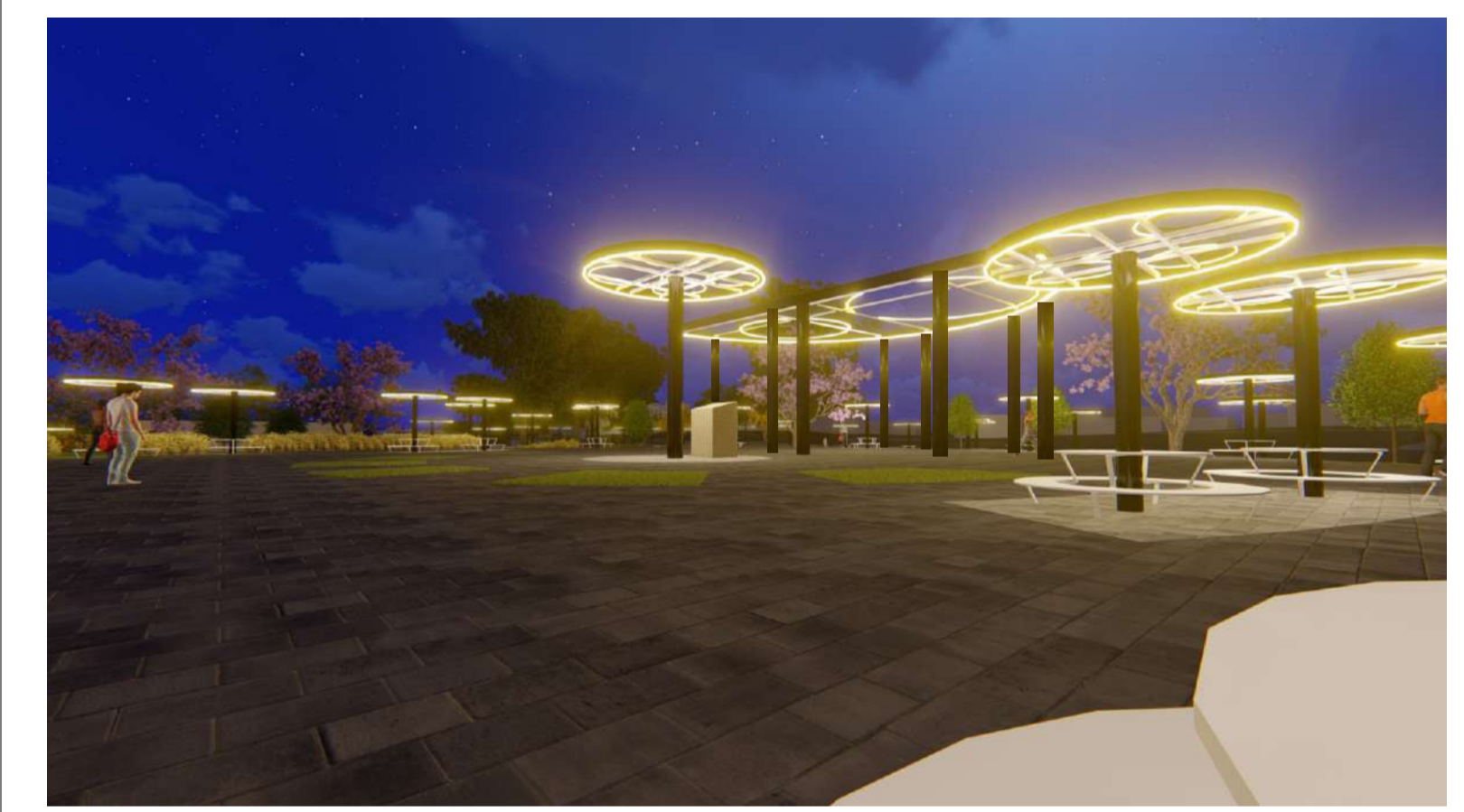
Corte BB. escala 1:500



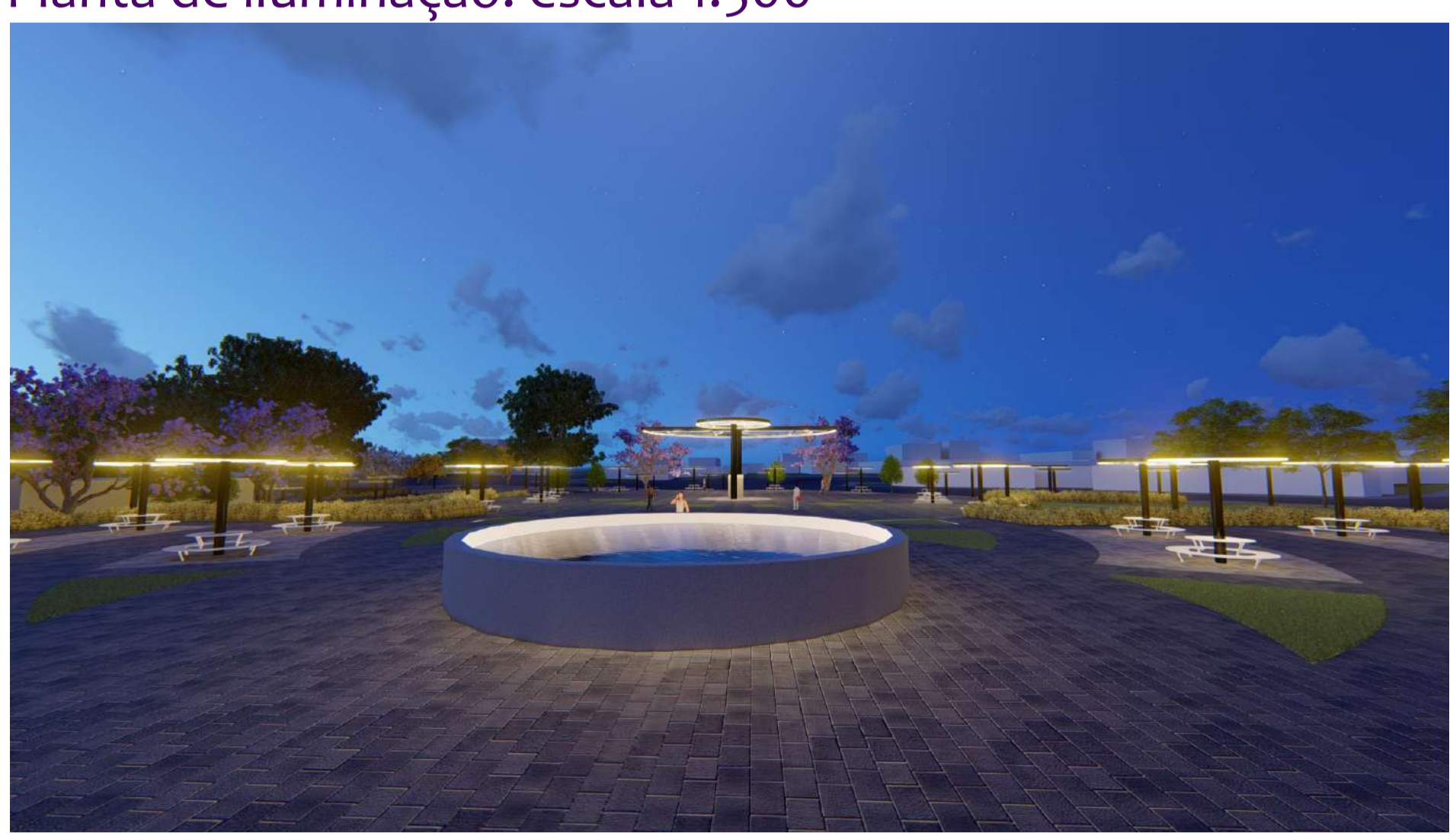
Planta de iluminação. escala 1:500



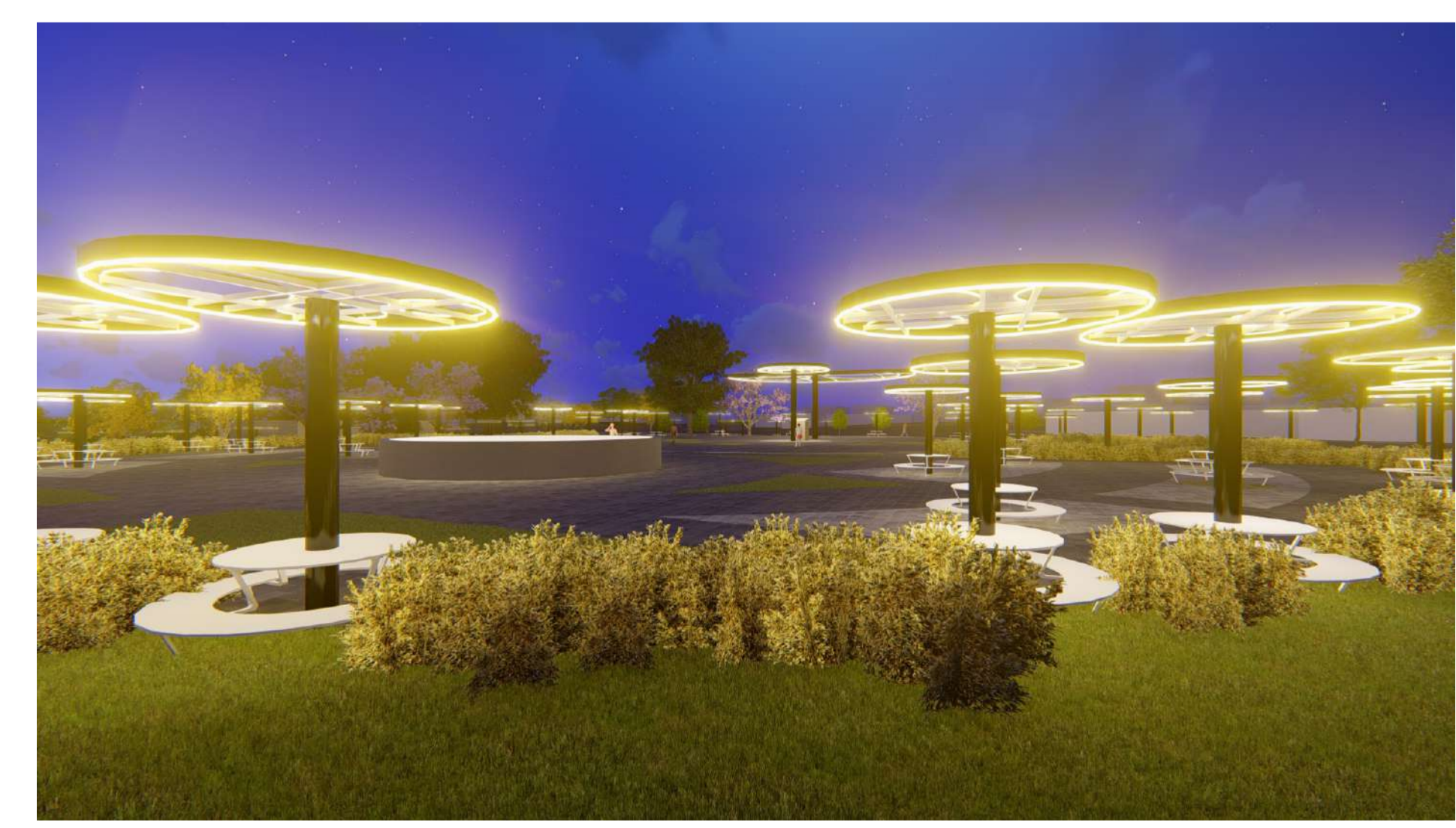
Centro de Exosição Menonitas, período diurno . sem escala



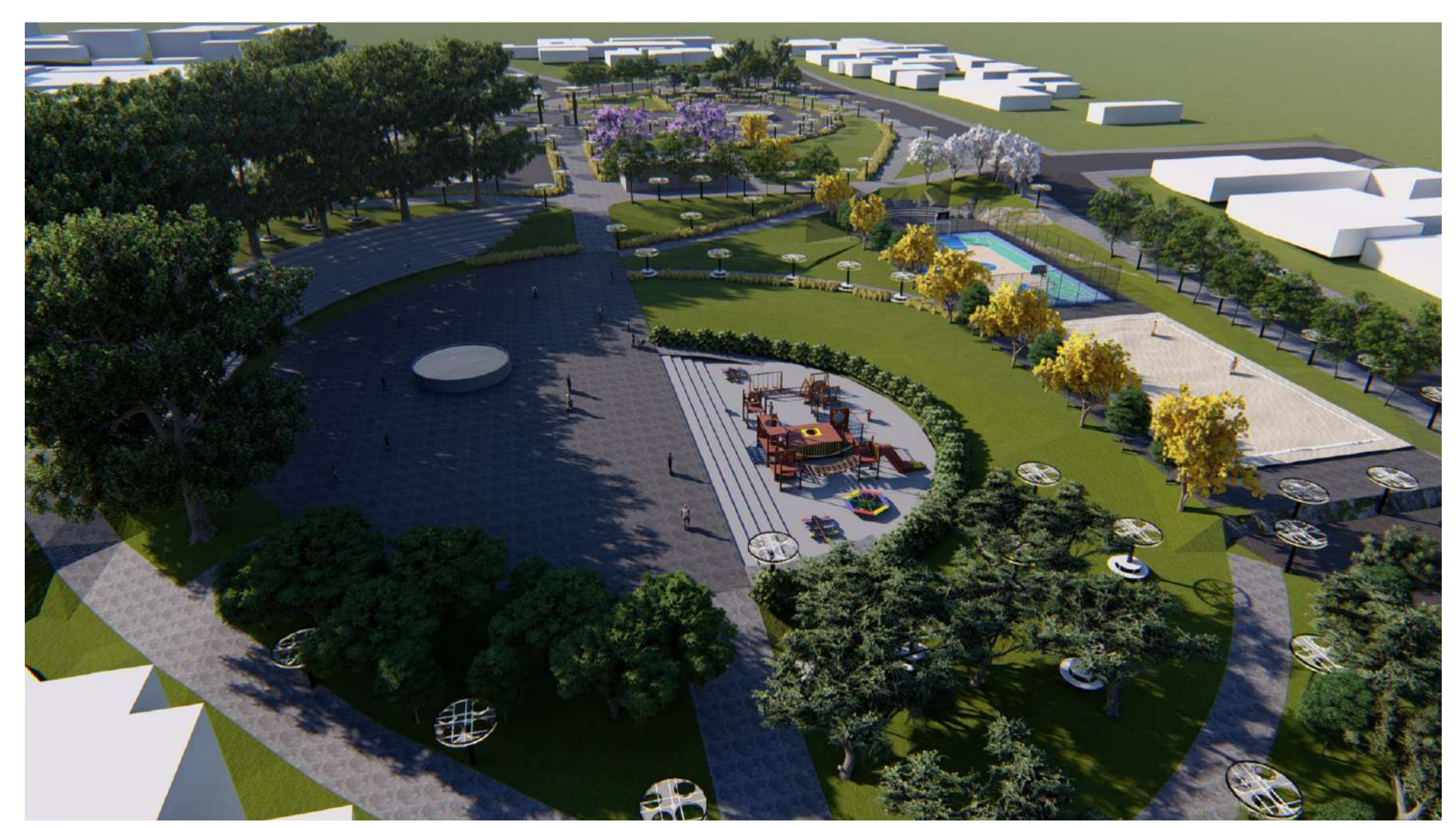
Centro de Exosição Menonitas, período noturno . sem escala



Espaço de contemplação, período noturno . sem escala



Espaço de contemplação, período noturno . sem escala



Perspectiva aérea . sem escala